

AS ELITES DE CÔR

Um estudo de ascensão social .



Exemplar N.º 53

1955

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in The United States of Brazil

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série V ★ BRASILIANA ★ Vol. 282

THALES DE AZEVEDO
da Fac. de Filosofia da Universidade da Bahia

AS ELITES DE CÔR

Um estudo de ascensão social

PREFÁCIO
DO PROF. CHARLES WAGLEY
(Columbia University, N. Y.)

981
5823
v. 282

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

nr. 782182

cod. barras: 782183-30

DO MESMO AUTOR
nesta mesma Coleção Brasileira:

POVOAMENTO DA CIDADE DO SALVADOR
(Volume 281)

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639
SÃO PAULO

Beidel

☆

DA

R. n.º *113*

Ano *1969-1*

~~F. E.~~

Biblioteca Pedro *113*

12/2013

Forum de Ciência e Cultura - UFPA

~~COMPRA~~

R. n.º *368*

Ano *1965*

F. N. F.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução e Addendum	13
Os tipos étnicos bahianos	23
Um mínimo de tensões sociais	38
Crescimento da população e mestiçagem	46
Opiniões sobre a gente de côr	53
A côr é um simples acidente	61
Uma sociedade multi-racial de classes	70
Os casamentos inter-raciais	79

X CANAIS DE ASCENSÃO SOCIAL

O comércio	91
A política	101
A burocracia	109
As corporações militares	113
As artes	118
A educação	125
A religião	136
Os esportes	146
As profissões liberais	150
A vida intelectual	161
Os clubes recreativos	166
O preconceito de côr na Bahia	175
Os movimentos "negros"	185
Conclusões	194
Anexos	199

PREFÁCIO

A Bahia, velha e histórica cidade brasileira, ainda preserva muito de suas antigas tradições. Suas igrejas, suas ruas estreitas, suas casas de estilo colonial, o aspeto dos seus mercados, a indumentária das "bahianas" vendedoras de dôces ou acarajés, a hospitalidade com que acolhe a família bahiana, o ar simpático e as maneiras finas de sua gente na rua e outros aspetos dessa bela cidade têm atraído numerosos escritores tanto nacionais como estrangeiros. Jornalistas a têm descrito, historiadores estudam-na há muito e antropologistas, interessados especialmente pela persistência de padrões culturais africanos, a escolheram como centro para as suas pesquisas. Entre os últimos, Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edison Carneiro, Ruth Landis, Melville J. Herskovits, Roger Bastide, Donald Pierson e outros estudaram os "candomblés" da Bahia e a contribuição do negro à vida bahiana.

Entretanto, um dos aspetos mais interessantes dessa cidade é a composição multi-racial da sua população e o fato de que, num meio tradicional, indivíduos de diversas raças e de variegados tipos físicos vivem essencialmente em harmonia, sem muitas das discórdias e frustrações que caracterizam as relações inter-raciais em outras partes do mundo. Parece até que o ideal brasileiro de democracia racial em nenhuma parte se realiza como

ali. Por conseguinte, é de surpreender que antropologistas e sociólogos pouca atenção tenham prestado a êste assunto. Que tratem desse lado da vida bahiana pelos modernos métodos das ciências sociais, existem apenas o excelente livro de Donald Pierson, Brancos e pretos na Bahia, e alguns artigos esparsos de Franklin Frazier e outros.

Sabemos, em suma, muito mais sobre o ritual do "candomblé" do que sobre os padrões de relações inter-raciais na Bahia. Apesar do exotismo e do colorido que aquele apresenta, parece-me não haver dúvida de que o conhecimento dos atuais padrões de relações inter-raciais é de maior importância para a sociedade bahiana e de mais interesse para o mundo-em geral. O estudo de Thales de Azevedo vem justamente contribuir para êsse campo de estudos tão importante e relativamente desconhecido.

A Bahia, pela sua importância como centro de estudos, tem produzido grande número de estudiosos no campo da antropologia. Thales de Azevedo, Professor de Antropologia na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, mantém a tradição de Nina Rodrigues, de Artur Ramos e outros que não esperaram por pesquisadores do estrangeiro ou de outras partes do Brasil para investigar e analisar a sociedade bahiana. Eles estudaram a sua própria sociedade com objetividade científica e competência. Neste livro, o Autor utilizou-se de inquéritos pessoais, de dados biográficos e material estatístico e, como participante da sociedade local, nos deu um excelente estudo sobre a dinâmica da ascensão social das pessoas de cor

num centro urbano como é a cidade em apreço. Além disto, ajuntou perspectiva histórica aos seus conhecimentos de antropologia social moderna como já demonstrara em seu trabalho anterior, Povoamento da Cidade do Salvador, obra que teve tão bôa aceitação.

O quadro que Thales de Azevedo pintou sobre as relações inter-raciais e a sua análise do processo de mobilidade social da parte da população da Bahia denominada "de côr", é essencialmente otimista. Como Donald Pierson, êle chega à conclusão de que a sociedade bahiana é uma sociedade multi-racial de classes e não de castas; de que existem, relativamente falando, relações pacíficas entre os indivíduos descendentes de vários estoques raciais; de que não existem barreiras intransponíveis que impeçam a ascensão social de indivíduos por causa de sua côr; e, finalmente, de que as facilidades para a ascensão das pessoas de côr de uma classe para outra-mais-elevada estão aumentando. Como Donald Pierson, concorda em que existem preconceitos e discriminações baseados na côr e traz a isto uma contribuição inteiramente nova com os dados que colheu na sua pesquisa de campo. Nas biografias dos indivíduos de côr, que analisou, e nas atitudes reveladas em muitas das entrevistas realizadas, encontraram-se manifestações que indicam frustrações e discriminação. Essas manifestações aparecem, porém, em forma branda, principalmente se comparadas às existentes noutras partes do mundo. Mas, mesmo na Bahia não deixam de existir numerosas desvantagens para o indivíduo de côr interessado

em melhorar a sua posição social, educacional e econômica por seus próprios esforços. As barreiras que dificultam a ascensão social em tais casos, mesmo sob circunstâncias relativamente favoráveis como as da Bahia, inevitavelmente nos fazem refletir sobre a situação das populações de côr na Africa do Sul, nos Estados Unidos, nas colônias européias e em outras partes do mundo onde as barreiras são mais numerosas e mais resistentes.

Não resta dúvida, lendo o trabalho de Thales de Azevedo, que na Bahia o tipo racial de um indivíduo, ou melhor a sua aparência física, constituiu apenas um dos critérios na avaliação das qualidades e merecimentos do homem de côr pelo seu conterrâneo. A profissão, o padrão de vida, a educação, a família e a participação na sociedade constituem, com o tipo racial, os fatores que determinam a classificação na hierarquia social bahiana. Apesar das desvantagens do seu tipo racial, é perfeitamente possível ao homem de côr, subir de posição social se modificar a sua situação econômica, a sua educação, a sua profissão, e ainda através o matrimônio ou pelo mecanismo do sistema de padrinhos e madrinhas, muitas vezes escolhidos entre pessoas pertencentes às classes mais altas. A ascensão social dos indivíduos de côr é portanto, realizável e, como nos mostra este trabalho, um fenômeno que já teve lugar no passado e continua a ocorrer com maior frequência nos dias presentes. O atual sistema social da Bahia nos faz acreditar que naquela sociedade foi encontrada uma solução praticável para o problema que assola grandes regiões do mundo mo-

derno. Na Bahia, o processo de integração, numa sociedade multi-racial, de uma massa de ex-escravos de tipos raciais variados e diferentes de seus antigos senhores, está bem adiantado.

Resta saber, porém, se a Bahia, e também o resto do Brasil, conseguirão manter esta inestimável herança, isto é o seu sistema de relações raciais, diante das novas condições sociais que inevitavelmente serão criadas pela industrialização e pelo desenvolvimento do país. A industrialização e, ao mesmo tempo, inovações no sistema educacional certamente modificarão a sociedade bahiana. Não concordo com a opinião de que mudanças dessa ordem inevitavelmente acarretem competição e tensões entre os vários grupos raciais, simplesmente porque a tensão racial tem sido muitas vezes observada em países grandemente industrializados. Os bahianos, todavia, devem estar prevenidos dos perigos que podem acompanhar a mudança de uma sociedade semi-feudal e patriarcal, cujo sistema de relações humanas é mantido em bases pessoais e na qual as classes vivem conscientes de suas obrigações, para uma sociedade industrializada na qual as relações humanas se tornam impessoais e são determinadas por motivações econômicas. Tanto a Bahia, como o Brasil em geral, terão de adquirir novos conhecimentos de outras regiões do mundo para estimular o seu progresso material e há muito, no campo das relações humanas, o que aprender de outros povos, mas ao mesmo tempo devem procurar preservar as suas tradições caracteristicamente brasileiras, das quais o resto do mundo terá bastante

que aprender, especialmente as de relações inter-raciais.

O presente trabalho constituiu uma das contribuições do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia-Columbia University aos estudos empreendidos pela UNESCO sobre relações inter-raciais no Brasil. O segundo desses trabalhos, intitulado Raça e Classe no Brasil Rural, consta de uma série de artigos da autoria de Marvin Harris, Harry W. Hutchinson, Ben Zimmerman e do autor destas linhas sobre os sistemas de relações raciais e suas funções em quatro comunidades rurais do norte do país. Esses estudos mostram que muitas das conclusões de Donald Pierson e de Thales de Azevedo também podem ser aplicadas a regiões situadas muito além dos limites da cidade da Bahia. Somente por meio de estudos de campo e pesquisas empíricas, como as realizadas por Thales de Azevedo e os outros antropologistas participantes daquele Programa poderão ser compreendidas a verdadeira estrutura e a dinâmica da sociedade bahiana e das mudanças que esta, inevitavelmente, virá a experimentar.

Considero que o livro de Thales de Azevedo é indispensável, por sua sóbria objetividade científica, ao leitor brasileiro ou estrangeiro, como ao cientista social, interessado em compreender melhor o Brasil.

CHARLES WAGLEY
Columbia University, N. Y.

INTRODUÇÃO

Esta monografia destina-se a dar uma compreensão da dinâmica da ascensão social das pessoas de côr em uma cidade brasileira e uma indicação dos canais através os quais se processa essa mobilidade vertical. A cidade escolhida para estudo foi a Bahia, por ser tradicionalmente considerada o melhor exemplo de harmonia racial no Brasil.

O plano da pesquisa que serviu de base ao relatório incluiu 1) um inquerito sobre a participação das pessoas de côr, geralmente descendentes de africanos ou da miscegenação destes com portugueses, nos grupos sociais e profissionais de prestígio e, de modo geral, nos estratos superiores da estrutura de classes local; 2) uma análise dos processos de mobilidade vertical daquelas pessoas, e 3) o exame das opiniões e atitudes dos bahianos, brancos e de côr, em referência ao problema da aquisição de status e de prestígio por parte dos últimos.

O trabalho de campo teve início na segunda quinzena de fevereiro de 1951, extendendo-se até outubro seguinte, sob a minha responsabilidade.

A composição dos grupos sociais e profissionais, segundo os tipos físicos dos seus integrantes, fez-se por observação direta de situações reais em toda a cidade da Bahia, particularmente durante

cerimônias religiosas, desfiles militares e civicos, reuniões escolares, sessões de academias e associações científicas, bailes em clubes sociais e recreativos, festas de família, partidas esportivas; por meio de visitas e repartições burocráticas, a lojas e escritórios comerciais, a escolas, a clubes e outros locais de trabalho e recreação; pelo exame de retratos de pessoas registradas no Gabinete de Identificação da Polícia civil estadual, de estudantes graduados, em diversos anos, pelas Faculdades de que se compõe a Universidade da Bahia e pelas escolas secundárias, de membros de irmandades religiosas, de sócios e de famílias de sócios de clubes recreativos e sociais, de profissionais inscritos nas organizações oficiais que controlam o exercício das profissões liberais. Quando não se dispunha sinão de listas de nomes, como ocorreu com alguns grupos, as classificações foram feitas por pessoas que, por sua participação em cada grupo e por seu espírito observador, mostraram conhecer muitos dos indivíduos constantes das referidas listas; estas classificações foram feitas sempre por três ou quatro pessoas diferentes e discutidas com as mesmas. Além desses inquéritos e da seleção de dados existentes em estudos sociais, históricos, etnográficos e demográficos anteriores, foram entrevistados 56 prctos e mestiços de uma lista de 128 nomes, a qual incluía a maioria das pessoas de côr mais altamente situadas, social e profissionalmente, na sociedade bahiana. Das 48 pessoas relacionadas, com as quais eu já mantinha relações mais ou menos próximas, entrevistei pessoalmente 25, escolhendo

mais 20 entre as 80 com as quais nunca tivera contatos; as demais 11, quasi todas do sexo feminino, foram entrevistadas pelas assistentes da pesquisa. Dessarte, ouviram-se 20 pretos e 36 mestiços de diversos tipos, sendo 12 do sexo feminino e 44 do sexo masculino, das profissões de advogado, juiz, médico, engenheiro civil, dentista, economista, professor, educador, artista, construtor civil, comerciante, funcionario público, além de padres e estudantes universitarios; alguns daqueles profissionais, além das suas ocupações básicas, exercem atividades políticas, burocráticas, educacionais e ação social. São, quasi todos, indivíduos que subiram de situações modestas, por vezes da maior pobreza, a posições de maior ou menor prestígio; as suas idades variam dos 20 a perto dos 70 anos, predominando os de 30 a 50 anos, todos naturais da cidade ou habitantes muito antigos da mesma.

As entrevistas, do tipo ativo (*), versaram sobre as relações inter-raciais e os preconceitos de côr, com ênfase no problema da ascensão social, deixando-se aos informantes toda a liberdade de expressão e interferindo-se apenas para fazer prosseguir o seu relato sem desvio muito sensível do assunto. Poucas vezes, contudo, foi possível obter uma exposição fluyente sem perguntas sobre o tema e sobre as experiências do

(*) Sobre as técnicas e as vantagens desse tipo de entrevista, cfr. Clyde Kluckhohn, "The personal document in Anthropological Science", in *The use of personal documents in History, Anthropology and Sociology*, Social Science Research Council, Bulletin 53, New York 1954, p. 125.

entrevistado; é oportuno registrar que vários dos informantes, apesar do nível mental elevado de muitos, tiveram certa dificuldade em formular seus pontos de vista sobre aqueles problemas, o que pode perfeitamente representar uma reação defensiva mas pode também ser a confirmação da afirmativa que faziam de que poucas vezes haviam pensado no assunto. Uma coisa e outra são muito significativas da situação racial bahiana. Raros foram, no entanto, os casos em que a espontaneidade das informações parecia prejudicada por certo grau de desconfiança. Somente duas pessoas evitaram ser entrevistadas, um profissional preto, que mais de uma vez mostrou-se muito reservado, e uma funcionária pública mulata clara, que manifestou irritação com o assunto afirmando que este não é importante na Bahia. Para compreensão dos achados feitos através entrevistas, vale a pena esclarecer que estas se fizeram, em geral, sem combinação prévia; várias vezes, porém, avisei com alguns dias de antecedência aos informantes de que estava fazendo um estudo das relações inter-raciais em nossa cidade e que estimaria conhecer as opiniões dos mesmos. Diversas entrevistas foram obtidas em encontros fortúitos, desenvolvendo-se como conversas informais, que nalguns casos foram repetidas expressamente para os fins deste estudo, com o assentimento dos informantes. Algumas pessoas foram apontadas como difíceis de abordar em "matéria tão delicada"; todavia mostraram-se, na maioria, tão acessíveis quanto as demais. Os propósitos do pesquisador foram geralmente muito bem apre-

endidos pelos informantes; alguns destes pareceram ter encontrado, na entrevista, uma oportunidade há muito desejada para expansão de suas queixas e de outros pontos de vista sobre as suas experiências individuais e sobre o problema em geral. O método de entrevistas mostrou-se ao que parece, muito eficaz, permitindo esperar que a sua utilização em mais larga escala possa trazer novos esclarecimentos ao mesmo assunto.

Quanto ao sistema de notas, as mais importantes destas eram tomadas, abreviadamente, durante a conversa com os informantes; poucas vezes, contudo, foram registradas extensamente durante a entrevista. Os relatórios redigiam-se, com poucas exceções, nas primeiras horas após o encontro.

Outro material muito utilizado na elaboração da monografia foram indicações fornecidas por limitado número de informantes brancos, pessoas consideradas boas conhecedoras das coisas bahianas do passado e do presente, e os conhecimentos que tenho do meio, como natural e residente permanente da cidade. Usei, ainda, de notícias, anúncios e comentários editoriais de revistas e jornais diários da cidade, os quais refletem até certo ponto, estereótipos aceitos no meio.

Como uma simples descrição da situação racial bahiana não bastaria para a compreensão da dinâmica da ascensão social dos escuros, nem para permitir qualquer tentativa de previsão sobre as tendências do problema, este foi tratado como um processo de mudança e, portanto, encarado

em sua dimensão histórica. Evitei, porém, fazer uma história do problema.

Toda a tarefa foi, de certo modo, dificultada pela escassez de estudos antropológicos e sociológicos sobre a sociedade bahiana. A nossa cidade tem sido estudada, particularmente nos últimos cinco anos, sob o aspecto histórico; em referência à população de côr encontram-se vários estudos sobre o tráfico negreiro, sobre antropometria e particularmente sobre aculturação e sobrevivências culturais de procedência africana, mas, como assinalou Pierson em sua obra tantas vezes citada nesta monografia, nada ou quasi nada existe sobre os problemas de conflito e de acomodação inter-racial. O livro dêsse autorizado cientista social, é realmente o primeiro e, até hoje, o único em que as relações inter-raciais na Bahia são analisadas pelos modernos métodos sociológicos. Outra falha que torna precária a interpretação das opiniões e atitudes dos individuos e grupos de côr é a falta de estudos de psicologia social, bem como descrições e análises da cultura bahiana e do seu *ethos*, muito embora se possam encontrar indicações sobre êsses temas, esparsas em vários trabalhos de autores nacionais e estrangeiros. Alguns desses trabalhos são, contudo, generalizações baseadas em impressões ou opiniões dos seus autores.

Por todas estas e outras razões, não pretendo de modo algum haver feito trabalho completo ou definitivo sobre o complexo problema da mobilidade social vertical dos bahianos de côr. Acima de tudo procurei ser objetivo, apresentando os problemas com espírito científico, evitando, tanto quanto possível, os preconceitos etnocêntri-

cos que não pode deixar de ter, ainda que disso não se dê conta, qualquer participante de uma cultura.

A realização deste projeto foi uma iniciativa da UNESCO, que a financiou e tornou possível graças a um convênio firmado com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, dentro de cujo Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia — Columbia University foi levada a efeito. É um grato dever para mim agradecer aos meus prezados amigos, prof. Charles Wagley, da Columbia University, de New York, pela esclarecida colaboração que deu á organização do plano da pesquisa e pelo apoio que á mesma proporcionou como Diretor do aludido Programa, e prof. Anísio S. Teixeira, pela lúcida discussão de alguns temas do trabalho e pelo valioso apoio que deu a êste na sua qualidade de Secretário Geral da Fundação. Cumpre-me também mencionar o eminente prof. Alfred Métraux, quem, como um dos Diretores do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, aprovou os planos da pesquisa e a minha escolha para dirigi-la, e a quem devo a gentileza de haver lido as minhas notas de campo, discutindo comigo vários problemas em estudo e auxiliando-me com os seus comentários críticos e a sua autorizada orientação. Registro igualmente e agradeço a excelente cooperação recebida das minhas assistentes de pesquisa, prof. Maria Amelia C. Leite, da Escola de Serviço Social da Bahia, Josildeth S. Gomes e Terêza Cardoso, minhas alunas do curso de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia

e minha filha Sylvia D. Azevedo, bem como aos drs. Maurilio Pinto da Silva, Jayme Abreu e Luis R. Sena por outras formas de colaboração desinteressada, e ao competente fotógrafo sr. Pierre Verger pela sua ajuda técnica. Agradeço ainda aos clubes recreativos, irmandades religiosas, escolas e organizações controladoras do exercício profissional por me terem facilitado a consulta aos seus fichários e livros de registro. Quero fazer uma referência especial aos distintos informantes, cujos nomes infelizmente não me é dado indicar, aos quais sou grato pela sua bôa vontade e pela riqueza de dados e experiências pessoais que me confiaram e dos quais fiz uso com os melhores propósitos científicos; nenhum deles tem qualquer responsabilidade no modo como aproveitei esse material.

THALES DE AZEVEDO

Janeiro de 1952.

ADDENDUM

Escrita em janeiro de 1952 e publicada no ano seguinte, em francês, em edição da UNESCO sob o título de *Les Elites de Couleur dans une Ville Brésilienne*, esta monografia é agora editada em seu original de língua portuguesa após revisão para atualizar, em notas, alguns dados e acrescentar indicação mais minuciosa das fontes de informação.

Não julguei necessário reelaborar ou introduzir modificações naquele manuscrito, apesar de vir acompanhando de perto o problema da ascensão social das pessoas de cor. Nos três anos que decorreram desde a pesquisa em que se fundamentou a monografia, a situação racial baiana conservou-se essencialmente inalterada. E' assim que os episódios

narrados no texto são anteriores a 1952, a não ser quando expressamente indicada uma data posterior.

Se nas páginas deste estudo puder ser identificada alguma pessoa, mencionada por sua destacada atuação na sociedade baiana, atribua-se aquilo unicamente ao espírito científico com que foi feito o mesmo trabalho. Omitir qualquer caso importante de ascensão social ou de projeção intelectual, artística, política, importaria em sacrificar a exatidão com que procurei descrever e analisar a dinâmica social da Bahia, e até poderia representar uma injustiça para com algum dos que triunfaram das dificuldades acaso atribuíveis ao seu tipo físico e que foram reconhecidos em nosso meio em virtude dos seus merecimentos. Penso que, por sua natureza e pelos riscos de que se venha a modificar para pior, o que não tem nada de impossível nem de remoto se não estivermos vigilantes, a situação racial brasileira, na Bahia como em São Paulo ou em qualquer outra parte, deve ser tratada com objetividade para que possa ser compreendida no que tem de bom e de mau e, assim compreendida, seja preservada e aperfeiçoada. Não acredito que o tratamento científico do problema possa agravá-lo e muito menos deva molestar àquele envolvidos no mesmo e que seriam os mais prejudicados se a situação, por desconhecimento da realidade em todos os seus aspetos, viesse a mudar, por pouco que fôsse, em sentido negativo.

Creio mesmo necessário que a sociedade baiana, ou pelo menos os orientadores da educação, da política, das relações humanas em todos os setôres de atividade e particularmente os antropólogos e sociólogos, que estudam a sua cultura, conheçam bem como o problema das relações inter-raciais se processa na Bahia e no resto do Brasil para que possam colaborar para que a nossa terra possa sempre ser apontada como uma daquelas raras, em todo o mundo hodierno, em que pessoas de origens étnicas diferentes convivem de modo bastante satisfatório sem embargo da diversidade e até do contraste entre seus tipos físicos.

Agosto de 1954.

T. A.

OS TIPOS ÉTNICOS BAIANOS

Bahia, a mais antiga das cidades brasileiras, fundada em 1549 para capital da circunscrição territorial denominada Capitania da Bahia e também para sede do Governo geral da extensa colônia portuguesa que era o Brasil, é mundialmente conhecida pela sua localização á margem da bela Baía de Todos os Santos, pelo opulento estilo barrôco de suas igrejas e edificios coloniais e principalmente pelos peculiares costumes de sua variegada população, entre os quais se destacam as boas relações que ligam socialmente os tipos raciais de origem europeia e africana que caracterizam os seus habitantes. Stefan Zweig, em um livro que foi traduzido em diversas linguas, faz uma impressionante descrição da Bahia e de suas tradições ainda vivas, afirmando que “com essa cidade teve início o Brasil e, com direito podemos dizê-lo, a América do Sul. Nessa cidade levantou-se o primeiro pilar da grande ponte lançada sobre o Atlântico, nela originou-se de matéria europeia, africana e americana a mistura nova que ainda fermenta eficazmente” (1).

Desde a sua fundação com o nome oficial de Cidade do Salvador, a Bahia se foi tornando conhecida pela sua riqueza, baseada na elevada

(1) *Brasil, país do futuro*, trad. por O. Gallotti, Rio 1941, p. 275.

produção de açúcar das suas fazendas e engenhos, pelo brilho do culto em seus numerosos templos católicos, pelas procissões religiosas que desfilavam por suas ruas estreitas e inclinadas, pelos hábitos tipicamente portugueses de sua população. Como um dos centros de importação de escravos africanos para as suas lavouras, era também famosa pela alta proporção de negros entre os seus habitantes, a tal ponto que viajantes estrangeiros no período colonial, desconhecendo os usos caseiros dos povoadores portugueses, descreveram-na como uma nova Guiné (2).

Séde do Govêrno geral do Brasil e residência do Vice-Rei português até 1763, quando a capital da colônia foi transferida para o Rio de Janeiro, a Bahia era considerada "a mais portuguesa" das cidades do continente americano; hoje é uma das maiores cidades brasileiras (3). Devido á natureza conservadora e tradicionalista da sua civilização e á sua distância geográfica de outros centros urbanos de importância, é considerada

(2) M. Frezier, *Relation du voyage de la Mer du Sud aux côtes du Chily et du Péron. fait pendant les années, 1712, 1718 & 1714*, Paris MDCCXXXII; Adolphe d'Assier, *Le Brésil contemporain*, Paris 1867.

(3) O Estado da Bahia tem uma área de 563.762 Km² e um litoral de 1,100km; o seu território, de aspeto geográficos variados, é ocupado principalmente pelas plantações de cacáu, tabaco, cereais, pela pecuária e por minas de manganês, cromo, diamantes, ferro, xisto bituminoso, etc. De ocordo com o censo nacional de julho de 1950 o Estado tinha 4.834,575 habitantes e a Bahia (Cidade do Salvador) 389,422 habitantes. As outras cidades mais populosas do Brasil são Rio de Janeiro (Distrito Federal) com 2.303,063 hbts., São Paulo 2.041,857 hobts., Recife 512,370 hbts., Porto Alegre 375,049 hbts. e Belo Horizonte 338.585 hbts.

uma das ilhas demográficas e culturais do que se tem chamado o “arquipélago brasileiro”. Por causa do seu tipo arquitetônico e urbanístico, do seu ar de antiguidade e do ritmo moderado de existência da sua população, a Bahia é hoje considerada a cidade mais européia do Brasil. O que, além disso, a torna particularmente interessante é o fato de que foi sempre um crisol de raças, certamente o mais representativo e simbólico das relações raciais no país.

Para compreender uma descrição da população local ou para interpretar uma estatística demográfica bahiana, antiga ou moderna, é necessário conhecer muito bem o significado dos termos com que se designam os variados tipos físicos reunidos nêsse grande *melling pot*. As expressões mais usadas para isso são: *branco*, *preto*, *mulato*, *pardo*, *moreno* e *cabôclo*. Aparentemente êsses vocábulos descrevem tipos físicos determinados; na verdade o sentido dos mesmos é socialmente condicionado, muito embora básicamente relacionado com os traços raciais, especialmente a côr da pele, o cabelo e as formas faciais.

Branços são, de modo geral, os indivíduos de fenotipo caucasoide; as pessoas mais alvas, de olhos claros, de cabelos igualmente claros e finos são, muitas vezes, chamadas de *brancos finos* por não apresentarem indícios de mistura com tipos de côr. Podem ser chamados de *brancos* também os ricos ou pessoas de status elevado, seja qual fôr o seu aspeto: quem ouvisse uma pessoa humilde qualquer, uma empregada doméstica ou um trabalhador rural, branco ou preto, referir-se a

“meu branco”, dificilmente poderia convencer-se de que o termo estaria sendo aplicado a um mestiço bastante escuro. Um informante ouviu empregados do seu pai, que é um mestiço, advertirem um companheiro de trabalho que não desse prejuízo “ao branco”, patrão deles. Os carregadores, quási todos pretos, que se aglomeram á espera dos vapores e trens que chegam á Bahia, muitas vezes dirigem-se a brancos e mestiços com aparência de ricos, chamando-os de “meu branco.” Entre a gente do povo é comum ouvir dizer que “branco é quem tem dinheiro”. Diz um sociólogo de côr que “o negro brasileiro pode brancquear-se, na medida em que se eleva economicamente e adquire os estilos comportamentais dos grupos dominantes. O “peneiramento” social brasileiro é realizado mais em termos de cultura e de “status” econômico do que em termos de raça”. (4) Por isto diz um profissional mulato, “tem dinheiro é branco”. Os mestiços de côr clara, branqueados ou “brancos na côr”, são chamados de *brancos da terra* ou *brancos da Bahia* (5) quando ocupam uma posição social importante

(4) A. Guerreiro Ramos, entrevista ao *Diário Trabalhista*, Rio 24. III. 46.

(5) Segundo Donald Pierson, *os brancos da Bahia* são “mestiços muito claros, os quais são ordinariamente considerados brancos na Bahia”, cfr. *Branços e pretos na Bahia*, São Paulo 1945. p. 200. Comentando essa definição um escritor bahiano esclarece que a mesma “não resulta de pura observação da Antropologia física. Fatores de ordem sociológica entram em seu condicionamento, dificultando-lhe a conceituação”, J. Valadares, “Branços da Bahia”, *Estado da Bahia*, Bahia 2.VI.1943. (Este comentário refere-se a um artigo publicado por Pierson em 1943).

e não se quer chamá-los *mulatos*, o que, em muitos casos, se evita por delicadeza. Na caracterização dêsses “brancos presumidos”, é sempre muito relevante a fortuna ou o papel social. Falando de um mestiço claro de traços levemente negroides, alguém disse, com certo ar de ironia, que “aquele é branco, socialmente falando, porque já ocupou um dos mais altos cargos políticos do Estado”. Por essas razões é que um médico bahiano, dedicado aos estudos de Antropologia, escrevia em 1898 que “anatomicamente, os brancos da Bahia estão entre os pardos e os descendentes diretos dos portugueses não mestiçados” (6).

*Preto*s são os indivíduos que têm as características físicas do negro africano particularmente a pele muito escura, “côr de carvão”, os cabelos encarapinhados, o nariz chato e os lábios muito espessos. Mas a expressão “negro” é considerada indelicada e por vezes ofensiva, desde os tempos coloniais. Trabalhando em uma clínica hospitalar um médico registrou como “negro” uma criança que ali fôra procurar tratamento; mais tarde o pai desta foi protestar junto ao médico contra a classificação dada ao seu filho, dizendo preferir que o chamassem preto ou “escuro”. Quando alguém se dirige a um preto de classe inferior pode, por exemplo, compará-lo a outro “preto como você”, mas tratando-se de pessoa de classe mais alta a etiqueta manda empregar o vocabulo *escuro* ou mesmo *moreno*. Diversos informantes relatam que os alunos de alguns professores

(6) J. B. Sá Oliveira, *Evolução psíquica dos bahianos*, Bahia 1898, p. 51.

pretos de maneiras ríspidas dizem que isto “são coisas de negros”. Um intelectual mulato escuro sabe que, quando o querem ofender, chamam-no “aquele negro”; também um profissional preto sabe que seus adversários políticos referem-se à sua pessoa como “o negro Leonardo”. E não é raro ouvir brancos e morenos reclamarem, a meia voz, contra os máus modos, as gargalhadas ou o falatório “destes negros” quando pretos e mulatos dão expansão ruidosa à sua alegria no interior dos veículos públicos, dos cinemas ou nas ruas. Todavia “meu negro” é uma locução que exprime carinho mesmo entre brancos. Algumas vezes usa-se a palavra “negro” no diminutivo, “negrinho simpático”, sem conotação depreciativa. Entretanto “nigrinha”, uma forma peculiar do mesmo diminutivo, tem sentido pejorativo e injurioso, sendo aplicado a um jovem de côr que tem má reputação moral. Proceder “como uma nigrinha” equivale a comportar-se mal, especialmente do ponto de vista das atitudes para com pessoas do sexo masculino.

Nos primeiros tempos do período colonial chamavam-se “negros” aos indígenas que habitavam o país antes da sua descoberta pelos portugueses. Isso causou muita confusão entre os que estudavam a história daquele período e se interessavam em verificar a participação de indígenas e de africanos em determinados aspectos da vida brasileira; somente há poucos anos foi esclarecido o sentido em que era empregado a expressão. Uma lei portuguesa de 1755 determinava que os indígenas “não fossem chamados negros,

pela infâmia e vileza que isto lhes trazia por equipará-los aos da Costa d'Africa como destinados para escravos de brancos". Os verdadeiros negros africanos eram, na época, denominados negros da Guiné, negros da Costa ou negros de "nação", isto é de tais ou quais tribos africanas. De um modo geral "negros" eram quaisquer escravos, tanto que em 1773 o monarca lusitano queixava-se de que no Brasil existiam ainda "pessoas tão faltas de sentimentos de humanidade, e de religião, que guardam nas suas casas escravas, umas mais brancas do que êles com os nomes de pretas e de negras, e outras mestiças..."

Aos filhos de africanos, nascidos no Brasil, chamava-se de *crioulos*, termos ainda hoje aplicado, em sua forma feminina, ás pretas e mulatas que se vestem como "bahianas", com tórso á cabeça, saia muito ampla, camisa alva bordada e muito decotada e um chale de côres aos ombros, indumentária trazida pelos africanos do Dahomey e até os nossos dias usada, com certas modificações locais, pelas mulheres ligadas aos ritos religiosos de origem africana, os *candomblés*. As crioulas bahianas são figuras típicas das ruas da cidade, onde podem ser vistas ao transitarem para os centros de culto fetichista ou sentadas junto a tableiros em que expõem á venda, especialmente durante as festas populares, os manjares da famosa cosinha local, em grande parte de origem africana.

Pardo e *mestiço* são empregados mais ou menos como sinônimos de *mulato*, isto é de descendentes do cruzamento entre europeu e afri-

cano. As variedades desses tipos, segundo a intensidade de sua côr e tipo do cabelo, tinham antigamente designações próprias, hoje em desuso. Fala-se em mulato claro e mulato escuro segundo a predominância daqueles caratêres; os primeiros, quando têm o cabelo mais parecido com o dos brancos, são também chamados “caboverdes” ou “roxos”. Uma moça com poucos traços de mestiçagem é “uma rôxinha” ou ainda uma “cabrocha”. Os bahianos empregam, em tais casos, a forma diminutiva desses termos para tirar deles qualquer sentido depreciativo que possam ter. Dizer “uma mulata”, ao menos em referência a uma moça de certa posição social, é dalgum modo menos delicado do que falar em “uma mulatinha”. Em muitas ocasiões, especialmente quando se alude a uma pessoa de consideração, nenhum daqueles termos é empregado; diz-se uma “pessoa de côr” ou “um escuro”. O mestiço de côr trigueira, cabelos levemente crespos e traços fisionômicos brancoídes é “moreno”, sobretudo se fôr das classes mais altas.

Um jornalista, descrevendo recentemente um trecho da cidade em que se reúne muita gente de côr, escreveu que ali se encontram “lindas mulatas. Se do povo e pobres, são mulatas; se gráficas, morenas pálidas”. (7) E poderia ter acrescentado, “morenas côr de canela” ou “côr de jambo”. São muito comuns as referências ás mulheres desse tipo nas canções populares divulgadas por ocasião do carnaval; nas notícias dos

(7) G. Valente, “Da Rua Chile”, *A Tarde*, Bahia 27.IX.51.

jornais sobre acidentes, crimes e outros acontecimentos envolvendo mestiços, mesmo das classes mais pobres, poucas vezes se usa a denominação "mulato", preferindo-se caracterizar êstes tipos como pardos ou morenos. A expressão "morena" tem, ademais, um sentido romântico, indicativo de um tipo feminino de pele levemente pigmentada e traços de beleza física que tornam aquelas mulheres "tão resquestadas e preferidas de muitos", diz um informante. "Por isto mesmo o tipo da "morena" tem sido glosado em prosa e verso pelos nossos ficcionistas. E essa "morena" pode não ter sangue africano" (8).

Os indígenas e os descendentes do cruzamento destes com brancos são ordinariamente indicados como *cabôclos*, porém esta expressão não é muito importante hoje na Bahia devido á raridade relativa de tais tipos na cidade. Caboclo é, como "meu negro", também um tratamento de carinho entre indivíduos de qualquer côr. Convem notar ainda, por causa das antigas estatísticas, que nos meados do século XVIII, atendendo aos reclamos do nativismo brasileiro, o governo português proibiu o uso do termo "cabôclo" devido á conotação injuriosa que tinha então, e ao mesmo tempo concedeu a condição civil de brancos aos índios e aos seus descendentes mestiçados com portugueses de modo a poderem casar com brancas e ocuparem cargos públicos na colônia. Assim é que nos censos militares da época os contingentes de *mamelucos* ou cabôclos eram con-

(8) Arthur Ramos, *Introdução á Antropologia Brasileira*, Rio 1947, II, p. 374.

siderados como de brancos. A palavra, entretanto, perdeu inteiramente a sua conotação injuriosa, sendo considerada atualmente até elogiosa quando se faz alusão a "um cabôclo bom", isto é a um homem de boas qualidades.

O albino negroide e o mulato ruivo, de cabelo vermelho ou alourado, são conhecidos como *sararás*.

A exata designação desses vários tipos sempre constituiu uma dificuldade para os antropologistas e para as pessoas encarregadas da identificação de escolares, militares, criminosos (9). Respondendo á consulta de um advogado, o chefe do Gabinete de Identificação da Policia civil do

(9) O antropologista bahiano Nina Rodrigues, em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 3.^a ed., escrita no começo deste século, diz que os mestiços compreendem: 1. *Mulatos*, produto do cruzamento do branco com o negro: a) mulatos dos primeiros sangues; b) mulatos claros, de retorno á raça branca; c) mulatos escuros, *cabras*, produto de retorno á raça negra, uns quási completamente confundidos os negros crioulos, outros de mais fácil distinção; 2. *Mamelucos* ou *cabôclos*, produtos do cruzamento de branco com índio; 3. *Curibocas* ou *cafusos*, produto do cruzamento do negro com o índio. Este mestiço é extremamente raro na população da capital; mais frequente noutros pontos do Estado e muito frequente em certas regiões do país; 4. *Pardos*, produto do cruzamento das três raças e provenientes principalmente do cruzamento de mulato com índio, ou com mamelucos e cabôclos. Artur Ramos, no livro *A aculturação negra no Brasil*, 1942, p. 58, e noutros trabalhos, inclusive "The Negro in Brazil" in *Brazil, portrait of half a continent*, editado por T. Lynn Smith e A. Marchant, N. Y. 1950, p. 130, adota aproximadamente a mesma nomenclatura, mas propõe que, devido ás respetivas imprecisões, se empreguem "pardo", mulato e mestiço como sinônimos.

Estado da Bahia declarou, ha poucos anos, que em sua repartição empregam-se “segundo a opinião do identificador” os termos *branco, moreno, pardo, mestiço* e *preto*. Uma funcionária que ha muito tempo trabalha nesse serviço assim descreve os tipos bahianos: “mestiço” é o descendente de negro com mulato; “pardo” é filho de mulato com branco; o “mulato” deriva de branco com preto, podendo ser claro, mas tem sempre os lábios grossos e arroxeados pela pigmentação; “moreno” é o mulato fino e “preto” o individuo de traços acentuados de negro.

Muitas pessoas identificadas naquele gabinete como brancas são provavelmente mestiças de diversos tipos; a mesma confusão ocorre com os denominados mulatos, pardos e morenos, de acordo com as verificações feitas por Pierson (10) e agora repetidas pelo Autor. Um advogado preto contou que a sua esposa, mulata relativamente clara, foi ali registrada como preta, ao passo que irmã desta, mais ou menos do mesmo tipo, recebeu a classificação de mulata. E' interessante notar, contudo, que nas carteiras de identidade entregues ás pessoas registradas, em geral não aparece a denominação “mulato” mais quasi sempre moreno ou pardo, porque aquella é depreciativa. Refere uma assistente social que as mais humildes mulheres que se matriculam na sua agência “não querem ser mulatas, mas morenas”; mesmo as pretas identificam-se como morenas, dizendo ás vezes que seus filhos são “moreninhos como eu” ou que o seu marido é “um pouco mais

(10) *op. cit.*, p. 189.

moreno” ou “mais escuro”. Entretanto os termos oficialmente usados na agência são branco, pardo e preto. Um médico mulato escuro, que muitos chamariam de preto, conta que, em sua mocidade, viajando em um trem, foi reconhecido por um amigo de seu pai, o qual, sabendo que este era branco, apresentou-o a outras pessoas dizendo que ele era preto na cor mas na verdade era branco por causa da sua origem. “O meu irmão, apesar de mais escuro do que eu, diz uma informante morena, foi classificado uma vez como branco, talvez por ser Doutor”.

As dificuldades do identificador e as diversidades de opinião entre bahianos a respeito dos tipos étnicos locais podem ser facilmente documentadas. Por causa da falta de uniformidade de critérios para distinguir entre pretos e mulatos, uma antropologista do Rio de Janeiro ao realizar uma pesquisa sobre caracteres antropofísicos das crianças de cor bahianas, classificou estas unicamente em crianças “mais escuras” e “menos escuras” (11). O autor classificou, pelos respectivos retratos, 30 sócios do sexo masculino de um clube social da classe alta bahiana e apresentou os mesmos retratos, em uma série ordenada, a uma moça branca de classe média, a uma mestiça de classe modesta, estudante de ciências sociais, e a um homem mestiço, funcionário administrativo do mesmo clube, pedindo-lhes que os classificassem. As denominações aplicadas por cada um foram as seguintes:

(11) M. Julia Pourchet, *Contribuição ao estudo antropológico da criança de cor*, Rio 1939.

NÚMERO DE INDIVÍDUOS DE CADA TIPO, SEGUNDO O CRITÉRIO DE CADA IDENTIFICADOR

Denominações	A	B	C	D
Branços	19	14	21	6
Branços da terra	1	11	2	—
Morenos	4	—	6	19
Mulatos	6	5	1	5

Nota: A, o Autor; B, moça branca; C, estudante mestiça; D, funcionário mestiço.

Somente em 6 casos concordaram os quatro classificadores: tratava-se de brancos inconfundíveis por seu fenotipo europeide; em 5 casos três concordaram na classificação de branco e um divergiu, registrando moreno; em 14 casos as opiniões dividiram-se pela metade e assim por diante.

A maioria dos mestiços claros são identificados como morenos nos registros dos sócios de clubes sociais e de irmandades, bem como nas listas de alunos de um estabelecimento de ensino universitário, examinados para os fins desta pesquisa. Quando se solicitou a diversas pessoas de classe média, na maioria profissionais diplomados pela universidade da Bahia, que classificassem, segundo os respectivos tipos físicos, as pessoas constantes de listas de médicos e farmacêuticos registrados no Departamento de Saúde, de deputados estaduais e federais, de professores da Universidade, de membros da Academia de Letras local e de outras agremiações da cidade,

também foi *moreno* o vocábulo mais frequentemente empregado para indicar os mestiços; poucas vezes alguém usou a expressão *mulato*. Por influência de livros e de filmes cinematográficos norte-americanos, ouve-se às vezes falar em *colored*. Uma profissional morena diz que sabe que é *colored*; um diário local também descreveu com esse termo um político mestiço. (12)

Um escritor bahiano assim resume, em livro recente, os problemas de semântica relacionados com a caracterização dos tipos físicos locais: “O preto claro se chama de *mulato*, *mulato* claro é *moreno*, *sarará* passou a *louro*. *Pardo* ninguém sabe o que seja. *Branco fino* se diz daquele cujas origens e aspeto não dão margem a que se desconfie de mestiçagem. E os que são brancos mestiços não gostam nada de mostrar retratos dos avós” (13).

Os estrangeiros, que existem em um número relativamente muito reduzido na cidade, são facilmente reconhecidos pela maioria da gente. Um europeu de maneiras estranhas, falando com muita dificuldade o português ou expressando-se noutro idioma, é simplesmente considerado “um estrangeiro”, particularmente se tem a pele muito clara e rosada, os olhos azuis e o cabelo fino e louro. Um brasileiro com esses traços é apontado como “um tipo estrangeirado” ou um tipo de alemão. Podem também ser chamados de “gringos” os estrangeiros, quaisquer que sejam as suas características físicas. Os espanhóis que

(12) *Diário de Notícias*, Bahia 8.XII.51.

(13) J. Valadares, *Beabá da Bahia*, Bahia 1951, p. 91.

dominam o comércio de mercearia são às vezes chamados “os gringos das vendas”. Os judeus russos, polonêses e rumáicos, dedicados ao comércio de mobiliaria ou á vendagem de mercadorias a prestações, são conjuntamente apelidados de “russos”; a gente do povo não sabe que êles são israelitas e ignora, na sua maioria, o termo “judeu”. Os sírios, libanêses, árabes e turcos, proprietários de pequenas e médias casas comerciais na parte central da cidade, são tidos todos como “árabes”; os seus descendentes, ainda reconhecíveis por seus traços, são “filhos de árabes”.

UM MÍNIMO DE TENSÕES SOCIAIS

A Bahia considera-se uma das comunidades “mais brasileiras” de todo o país em virtude de ter em sua população um número extremamente reduzido de estrangeiros e de continuar sendo constituída pelos elementos com que originalmente se povoou o Brasil. Em todo o Estado da Bahia por ocasião do censo de 1940 havia 2,04 estrangeiros por 1,000 brasileiros, concentrados principalmente na capital; no último decênio o seu número absoluto aumentou mas a população cresceu em proporção muito maior, de modo que aquela razão baixou para 1,7 por mil.

Aqueles estrangeiros formam pequenos grupos (14) distintos dos bahianos por alguns traços físicos mas sobretudo por suas características culturais, como no caso dos chamados “russos” e dos “árabes”, e por sua especialização profissional como os espanhóis. O antagonismo entre qualquer desses grupos e os brasileiros dá lugar a moderada discriminação em alguns setores sociais mas poucas vezes se traduz por hostilidade ou segregação ativa.

Devido ao isolamento em que foi mantido o Brasil até pelo menos 1808, quando pela primeira

(14) Espanhóis 2,115; Portugueses 1,912; Sírios, libanêses etc. 1,059; Italianos 950; Alemães e Austriacos 592; norte-Americanos 83; Russos europeus 168, etc. (1940).

vez se abriram os seus portos ao comércio internacional, e ao fato de que a Bahia nunca foi um centro de imigração européia em massa, como alguns Estados do sul, o estrangeiro é recebido pelos bahianos com um mixto de curiosidade, cortesia e desconfiança. O imigrante é, no entanto, facilmente absorvido no meio, adaptando-se aos *mores* e padrões de comportamento locais. Os imigrantes portugueses, por exemplo, são colocados numa categoria especial; costuma-se dizer que não são brasileiros mas também não são propriamente estrangeiros. A não ser por ocasião das duas guerras européias, não se registram atitudes de desagrado ou de antipatia para com os imigrantes alemães, austríacos, italianos. Os indivíduos dessas nacionalidades têm geralmente muito bôa reputação porque são considerados bons trabalhadores, porque casam com brasileiras e permanecem no país quando prosperam. A imensa maioria da população, mesmo aquelas pessoas que têm queixas contra os comerciantes "russos", não alimenta sentimentos anti-semitas. Contudo quando um grupo daqueles judeus protestou contra a apresentação dum musicista europeu acusado de antigas ligações com o hitlerismo, a organização privada que promove concertos de musicistas célebres rejeitou "essa tentativa de interferência estrangeira ditada por preconceitos raciais", declarando que "as suas atividades pairam acima de quaisquer preconceitos religiosos, filosóficos, políticos, raciais ou de classe" (15)

(15) Nota da Sociedade de Cultura Artística da Bahia, *A Tarde*, Bahia 19.X.49.

Aliás, numerosos israelitas são associados da referida organização.

Os "árabes" vivem um tanto isolados pelos seus costumes, mas casam com brasileiras e não se verifica nenhuma hostilidade contra os mesmos; no tempo em que alguns deles faziam vendagem ambulante de tecidos e quinquilharias, eram um tanto ridicularizados, mas isso cessou com o desaparecimento da tais *mascates*.

As irregularidades e defeitos dos serviços de electricidade na cidade são atribuídos, por muitos bahianos, ao que chamam de "descaso dos americanos pelo bem-estar do povo", como se aqueles fossem os únicos responsáveis pelo funcionamento da empresa americano-brasileira, que produz electricidade na região. A não ser por ocasião das agitações políticas de 1930, quando grupos de populares incendiaram algumas dezenas de bondes da referida empresa, sem que até hoje se haja esclarecido como tal movimento foi desencadeado, não há hostilidade contra os E. Unidos, sinão entre as pessoas contrárias, por motivos políticos, ao chamado "imperialismo yankee". Mas tudo o que é ou se supõe ser americano, tem muito prestígio.

Há, todavia, um grupo estrangeiro contra o qual existe uma hostilidade de alguma intensidade, porém manifesta somente em determinados momentos e incidindo especificamente sobre o *trust* informal que aquele representa. Trata-se dos imigrantes da Galicia espanhola, acusados de explorarem o povo com preços altos através o monopólio que exercem sobre o comércio de mer-

cearias e padarias. Nalguns momentos de tensão emocional, como em 1930 e por ocasião da rápida alta de preços de gêneros de primeira necessidade ao começar a última guerra mundial, as emoções populares encontraram expressão por meio de depredações em alguns estabelecimentos comerciais de espanhóis. No entanto a atitude dos bahianos para com as pessoas desses imigrantes é isenta de irritação permanente e até observam-se inter-casamentos. É certo, todavia, que a população atribui imediatamente aos espanhóis a carestia de certos gêneros alimentícios, sobretudo do pão, acusando êsses imigrantes de “enriquecerem às custas do povo”.

As associações recreativas dos ingleses, dos espanhóis e dos sírios e libaneses são frequentadas por alguns brasileiros. Também os hospitais mantidos pelas colônias portuguesa e espanhola são dirigidos por médicos brasileiros e recebem numerosos clientes bahianos, brancos e de côr.

A religião da maioria católica é tradicionalmente muito mais exterior e ritualista do que dogmática, sendo apenas nominal a religiosidade de muitos que se dizem “bons católicos”. Isso constituiu uma séria dificuldade para o clero e um motivo de certo espanto para os que visitam a cidade pensando entrar em contato com “a mais católica das cidades brasileiras”. Os antagonismos entre os grupos religiosos são, do mesmo modo, moderados e não afetam a coesão social da comunidade (16). A maioria católica encara com

(16) Em 1950 a população da cidade e seu município compunha-se de 95,4% de católicos, 1,8 de protestantes, 1,2 de espiritas, 0,2 de israelitas, etc.

ressentimento as atividades dos missionários protestantes estrangeiros, condenando particularmente “os métodos desleais empregados por alguns” e a desfiguração que fazem da Igreja. O protestantismo é combatido nos púlpitos como uma heresia mas não como um grupo de pessoas com características diferentes, ao qual se vote hostilidade. O antagonismo recíproco entre católicos, protestantes e espiritas situa-se também no plano doutrinário. As instituições educacionais mantidas pelos batistas e prebisterianos são procuradas por alunos católicos e gozam de prestígio por causa dos seus “métodos americanos”.

Com referência aos *candomblés*, dedicados aos cultos de procedência africana, é muito generalizado o sentimento de que os seus ritos são manifestações de atraso e barbaria que se devem suprimir por constituírem um motivo de vergonha diante dos forasteiros e dos turistas. Em um comentário sobre o turismo, um diário local propunha que se suprimisse dos programas de excursão a visita aos *candomblés* “porque não haverá propaganda mais negativa da quadricentenária cidade brasileira com tantos outros motivos interessantes para mostrar”. Esses cultos gozam de uma liberdade relativa, funcionando mediante licença policial ;por vezes têm sido proibidos e dispersados violentamente pelas autoridades civis. Entre os pretos ha muitos que participam das opiniões dos brancos a respeito daqueles ritos, mas também muitos que se orgulham de sua origem africana e da participação nos referidos cultos; há mesmo quem não aceite a mistura destes com o catolicismo, afirmando ter crenças exclusivamente africanas.

As competições entre os partidos políticos só provocam tensão entre os seus adeptos durante as campanhas eleitorais. As lutas partidárias são particularmente intensas nos pleitos estaduais e não ultrapassam o nível verbal, sendo extremamente raros atualmente os casos de agressões individuais, na cidade, ou de conflitos entre grupos por desavenças partidárias. Os sentimentos etnocêntricos dos bahianos tiveram veemente expressão há alguns anos quando a maioria do eleitorado recusou-se a eleger um candidato a governador do Estado, porque entre outros motivos, o mesmo não era "bahiano de nascimento". Apesar disso, brasileiros nascidos em outros Estados têm feito carreira nos partidos bahianos, chegando a presidentes e dirigentes dos mesmos e sendo eleitos para representar o povo bahiano na Assembléia Legislativa estadual e no Parlamento nacional. O mesmo candidato há pouco referido, havia sido eleito governador alguns anos antes sem que, no momento, aquela condição de "forasteiro" tivesse influência decisiva no pleito.

Os *mores* brasileiros condenam toda a sorte de discriminações sociais; os bahianos, particularmente os dos grupos mais educados, honram-se de suas tradições de tolerância e de liberalismo, sendo considerados o protótipo do "homem cordial" brasileiro descrito pelo conde de Gobineau como "*très poli, très accueillant, très aimable*" e que um sociólogo brasileiro diz ser um mixto de brandura, tolerância e bôas maneiras.

A vida na Bahia é por uns apreciada e invejada, por outros detestada, devido ao seu ritmo

moderado, ao seu mínimo de agressividade e de espírito de competição, ao seu intransigente privatismo e aos mil mecanismos que funcionam para atenuar os antagonismos e os conflitos entre indivíduos e grupos. Dizia há anos o sociólogo francês Roger Bastide que é bom “que a Bahia não perca, por um progresso muito rápido, as qualidades de *alma* que fazem o seu encanto”.

O que muito deve contribuir para diminuir a tensão entre os grupos que competem na sociedade baiana é o desvio da agressividade em grande parte para o governo. Da mesma maneira que em todo o Brasil mas de modo muito intenso em nossa cidade, sobre o governo, isto é sobre os poderes públicos em geral, costuma a população descarregar os seus impulsos agressivos, acusando essa vaga e complexa entidade que é “o governo” de todos os males que afetam a Bahia.

No que se refere às relações raciais, verifica-se que há certo antagonismo entre pretos e mulatos. Na Bahia existe, sem dúvida, preconceito de côr porém, opina um profissional moreno, “o preconceito não é só dos brancos; com receio de ser identificado com os pretos, o mulato aproxima-se dos brancos e evita aqueles”. Numerosos informantes são de opinião que “os mulatos, sobretudo os mais claros, são os piores inimigos dos outros mestiços e dos pretos. São eles os mais preconceituosos e os que oferecem mais forte resistência à ascensão social das pessoas de côr”. Esses sentimentos são, em parte, formulações de antagonismos de classe entre os

morenos e mulatos claros de status elevado, “socialmente brancos”, e os escuros que se esforçam por melhorar a sua classificação na sociedade.

Conta uma funcionária pública que os chefes da sua repartição, pardos de graús diferentes, costumam recomendar, quando se procuram novos funcionários, que “tragam candidatos de aparência, mas não venham com gente preta ou feia”.

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E MESTIÇAGEM

Uma evidência muito significativa das boas relações inter-raciais da Bahia é a intensidade e a liberdade com que a mestiçagem se processa. Vivem na cidade cerca de 400 mil habitantes, dos quais aproximadamente 20 por cento são pretos, 47 por cento mestiços, na maior parte mulatos, e 33 por cento brancos. Veem-se por toda a parte pessoas de todas as idades, misturadas sem atenção aos seus tipos físicos, homens e mulheres, reunidas nos pontos mais movimentados comentando os acontecimentos do dia, apreciando o vái-e-vem das ruas ou discutindo política e esportes, bebendo nos cafés, passeando nos arrabaldes e nas praias, fazendo compras nas lojas e nos mercados, trabalhando nas fábricas, nas construções, nas casas comerciais e nas repartições públicas e escritórios, viajando nos veículos coletivos, participando das festas religiosas e das comemorações cívicas, sem o menor constrangimento. Amigos mulatos, brancos e pretos cumprimentam-se com abraços e apertos de mão e sentam-se juntos nos teatros, nas igrejas, nos cafés ou nos bondes, com a maior naturalidade. De acordo com os costumes locais, comprovados por Pierson (17), os bahianos aglutinam-se e distanciam-se

(17) op. cit., p. 421.

muito mais em função de seu *status* do que de sua côr ou raça.

A mestiçagem não é proibida por nenhuma lei nem é socialmente desaprovada sinão na medida em que afeta a estrutura de classes firmemente estabelecida no país e na qual os estratos superiores são constituídos quasi exclusivamente de brancos, isto é de pessoas de fenotipo europeu ou apenas "socialmente brancas", e os inferiores se compõem principalmente da gente de côr, arranjo que faz coincidir aproximadamente classes e tipos raciais sem, contudo, as identificar de todo.

Desde os primeiros dias da colonização portuguêsã havia na Bahia grandes quantidades de gente de côr. A princípio os colonizadores misturavam-se largamente com as índias *tupí* da região, vivendo em concubinato e, não raro, em poligamia com as mesmas. Abolida, na primeira metade do século XVII, a escravidão dos aborígenes e conferidos a êstes, algum tempo depois, os direitos civis e políticos, a miscigenação passou a fazer-se também pelo casamento. Ainda hoje muitas pessoas morenas explicam a sua côr acentuada, gabando-se de que um de seus avós fôra "pegado a dente de cachorro", isto é capturado na mata, como caça, em estado selvagem. Mas o número de indígenas rapidamente decresceu, pouco influindo na formação dos tipos bahianos. O contrário succedeu com os africanos, trazidos aos milhares e milhares para trabalharem nas lavouras e engenhos de açúcar. A mestiçagem de por-

tuguêses e brasileiros com africanas e pretas já nascidas no país foi tornada possível e mesmo favorecida por diversos fatores, entre os quais a escassez de mulheres brancas nos períodos iniciais do povoamento, o sistema escravagista, o frouxo controle social sobre o comportamento sexual masculino, os atrativos físicos e psicológicos de muitas negras, em particular das pretas “minas”, originárias da Costa da Mina no Sudão ocidental. Dizia-se na época que para ver belas negras seria preciso vir à Bahia (18); um viajante europeu descreveu-as como mulheres gigantescas, de opulentas formas, parecendo “deusas antigas talladas em blocos de mármore negro”, as quais chamavam atenção pela sua “riqueza de seiva incomparavel” (19).

Eram essas as mulheres preferidas pelos brancos para suas concubinas. Certos tipos de mulatas e de morenas, sobretudo quando combinavam harmonicamente os traços das raças de que descendiam, eram também muito procuradas pelos brancos.

Nenhum dos Estados brasileiros que contém grandes números de pretos apresenta índices tão altos de mestiçagem quanto a Bahia. Isso mostra que o Estado da Bahia é provavelmente o mais importante caldeirão étnico euro-africano do Brasil. Realmente é em nossa cidade e nos seus arredores, antigas áreas de concentração de escravos, que a miscegenação se realiza com maior in-

(18) F. Biard, *Deux années au Brésil*, Paris 1862.

(19) A. d'Assier, *op. cit.*, p. 196.

tensidade. A relação entre o número de pretos e de mestiços, de acordo com o censo de 1940, é de 1 para 2.55 na Bahia ao passo que nos Estados como Minas Gerais, que têm a mesma quantidade relativa de pretos, é somente de 1 para 1.00; noutros, como Maranhão e Piauí, que têm 27 e 32 por cento de pretos, aquela razão é de 1 para 0.93 e para 0.71 respectivamente. Isso decorre do fato de que na Bahia os fatores de segregação e discriminação que influem sobre os mais escuros dos seus habitantes são muito diminutos. Os números proporcionais de pretos vêm, entretanto, decrescendo desde a segunda metade do século passado ao ser proibido o tráfico negreiro e particularmente a partir de 1888, data da extinção completa da escravatura, quando muitos antigos escravos emigraram para regiões mais prósperas no sul do Brasil. Atualmente, fatores sócio-econômicos desfavoráveis influem sobre as condições de vida, a natalidade e a mortalidade deste grupo, de modo a explicarem o seu gradual decréscimo (20).

Concorreram poderosamente para a aproximação e para as boas relações entre raças na Bahia, como em todo o Brasil, o tratamento de modo geral brando e humano que os proprietários dispensavam a seus escravos e a atuação do clero católico procurando desde os primeiros dias da importação de africanos incorporá-los á fé e á civilização dos portugueses. Ao contrário do que

(20) Thales de Azevedo, *Civilização e mestiçagem*, Livraria Progresso Edit.; Bahia 1951, p. 63.

ocorreu noutras nações coloniais, em que os aborígenes e os escravos importados foram mantidos em segregação como “selvagens” inassimiláveis, no Brasil o indígena e o negro eram batizados, catequizados e aceitos na Igreja como homens. Muito embora escravos, os negros batizados deixavam de ser considerados “brutos” para serem “cristãos” como os povoadores europeus, não sofrendo hostilidade nem discriminação religiosa. Eram instruídos na doutrina cristã, esforçando-se os pregadores por falar-lhes nas suas línguas, em particular no *nagô*, que veio a ser uma espécie de língua franca em que africanos de diversas procedências podiam entender-se; casavam-se entre si e assim casados a Igreja os protegia quando os seus proprietários pretendiam separar os cônjuges ou vender isoladamente um deles; recebiam os sacramentos; serviam como padrinhos e madrinhas nos atos religiosos e participavam como acólitos nas cerimônias litúrgicas; desfilavam nas procissões com os estandartes e as insígnias de suas irmandades e confrarias; eram enterrados em cemitérios cristãos, sendo obrigados os senhores de escravos a chamar a tempo o sacerdote para assistir os moribundos. Não quer isto dizer que as suas vidas fossem isentas de sofrimentos nem que os negros se houvessem integrado completamente no catolicismo. O clero, os proprietários e as autoridades civis sempre lhes deixaram certa liberdade para alguns atos de seus cultos pagãos, não os constringendo com violência á aceitação da religião oficial. Permitiam-lhes igualmente divertir-se a seu modo, com as dansas, os cantos, os batuques, as comidas a que estavam acostuma-

dos nas suas terras. Disso deriva o catolicismo algo mesclado de crenças e práticas fetchistas que é a religião de grande parte da gente de côr bahiana (21).

Por efeito da mestiçagem e de outros fatores sócio-biológico o grupo mais escuro, de fenotipo preto, vem sendo absorvido gradativamente no caldeamento étnico; os brancos aumentam em ritmo um pouco mais rápido, enquanto cresce o número de mestiços, registrados nas estatísticas como pardos, para afinal virem a submergir, pela mistura, no grupo de ascendência predominantemente européia (22). “Já nossos avós diziam que ha crioulas de “barriga limpa”. Seus filhos, sendo também filhos de homem mais claro, puxam ao pái. Talvez a Bahia seja uma cidade com muitas pretas e mestiças de barriga limpa. Todos notam que marchamos para uma população totalmente mestiça, mas com aparência de branca” (23).

Pelos dados de mortalidade geral registrados entre 1897 e 1938 (24), vê-se que as quantidades proporcionais de cada tipo físico variaram em nossa cidade da maneira abaixo indicada:

(21) Roger Bastide, “Religion and the Church in Brazil”, in *Brazil, portrait of half a continent*, p. 334; Thales de Azevedo, “Catholicism in Brazil,” *Thought*, N. Y., Vol. XXVIII, N.º 109, 1953.

(22) Pierson, op. cit., p. 417.

(23) J. Valadares, op. cit., p. 91.

(24) Rabelo Leite in “A tuberculose do preto na Bahia”, Cesar de Araujo, *Anais do 1.º Congresso Nacional de Tuberculose*, 1939, vol. I; ver também E. F. Frazier, “The Negro family in Bahia, Brazil”, *Am. Sociological Review*, vol. VII, n.º 4, 1942, p. 467.

PORCENTAGENS DOS TIPOS ÉTNICOS

Ano	Branços	Fardos	Pretos
1897	32.61	29.00	38.39
1907	32.71	34.74	32.55
1917	32.81	39.55	27.64
1927	32.91	43.61	23.48
1938	33.02	47.37	19.61
1940 (*)	28.74	51.11	20.13

(*) Dados do censo nacional, que diferem das cifras sobre mortalidade em virtude da diferença de critérios na classificação dos tipos físicos.

O crescimento moderado porém continuo do grupo branco, pela incorporação dos mestiços branqueados e pelas melhores condições sócio-econômicas das camadas superiores da população, de que participa a imensa maioria dos descendentes de europeus, faz com que descreça no cômputo total a quantidade relativa de pessoas de côr, ao mesmo tempo que estas passam a ser representadas por uma proporção cada vez maior de mestiços. É o que evidenciam os censos demográficos:

Anos	Número de pessoas de côr para 1 branco	Número de pardos para 1 preto
1807	2.57	0.38
1872	3.16	1.88
1890	2.84	2.70
1940	2.57	2.55

Tamanha é, na verdade, a intensidade da mestiçagem, observou um renomado intelectual bahiano, “de fato tão profusa que, por assim dizer, é apenas histórico o autóctone branco-fino” (25).

(25) Prado Valadares, *Remirando o cáos*, Bahia 1938.

OPINIÕES SOBRE A GENTE DE CÔR

A existência de tanta gente de côr em sua terra não constitui uma preocupação de que falem frequentemente ou uma inferioridade para os bahianos. Os livros didáticos adotados nas escolas primárias e secundárias, os políticos em suas campanhas, os pregadores nos sermões, os jornais diários em editoriais e notícias referem-se á valiosa contribuição dos escravos africanos para a economia brasileira e exaltam os traços de personalidade como a “bondade natural”, a doçura, a resignação com que os mesmos enriqueceram a psicologia do povo (26). No folclore, na propaganda turística, nas caricaturas que acompanham as críticas políticas a Bahia é geralmente representada como a “mulata bahiana”, com o traje característico das mulheres ligadas ao *candomblé*. Mesmo em publicações destinadas á divulgação no estrangeiro as autoridades não ocultam a alta quota de descendentes de africanos da população local (27).

(26) “Nós aprendemos, desde os bancos das escolas primárias, que um homem vale tanto quanto outro e que é preciso combater os preconceitos de raça e de côr”, A. Osmar Gomes, “A degenerescência da diplomacia”, *A Tarde*, Bahia 31.XII. 51.

(27) cfr. *Impressões do Brasil no século vinte*, Lloyd's Greater Britain Publishing Co. Ltd., Londres 1913, p. 873.

Condenando a atitude de um professor acusado de ter feito referências humilhantes a uma aluna de côr, um jornal bahiano escreveu que, se não houvesse outros motivos para repelir as discriminações raciais na Bahia, “haveria a grandê contribuição que a raça negra emprestou à sua civilização, ao seu desenvolvimento”. Aquele, em sua contestação, afirmou também que reconhece o mérito “de vários homens de côr que tanto se elevaram na sociedade pelo seu valor pessoal, proveniente de estudo e trabalho” (28)

Alguns autores, entretanto, manifestaram no passado, sob a influência de teorias biopsicológicas extremadas, a crença de que a gente de côr era um mal para a Bahia devido á “inferioridade psíquica” do negro. Um daqueles considerava os pretos “uma vasa refratária à civilização” e condenava a mestiçagem porque “em todos os países colonizados pelas espécies brancas e coradas, ha essa divergência substancial entre os fins da civilização e os ímpetos selvagens dos individuos mestiços ou de sangue inferior. Civilizados, ou não, os indígenas, os africanos e seus descendentes não perdem de todo os costumes bárbaros” (29). Ainda hoje essa crença é bastante aceita, embora exteriorizada muito discretamente nas conversas e quási nunca formulada por escrito; um intelectual que se considere “progressista”, mesmo que assim pensasse, evitaria dizê-lo abertamente em público. Ouve-se, ás vêzes, dizer que o lento desenvolvimento econômico e a resistência da Bahia

(28) *A Tarde*, Bahia 25 e 28. VIII. 51.

(29) Sá Oliveira, *op. cit.*

à mudança cultural são devidos ao grande número de pretos da sua população “porque o preto não tem ambições”. Só não pensa desse modo, insinua um economista em artigo sobre as vantagens da imigração estrangeira, quem “desconhece nossos precedentes históricos, econômicos e raciais”. Durante a escravidão, continúa argumentando, os pretos viviam como bestas de carga; “ignorantes até á animalidade, sem nenhuma organização familiar, que a sua condição servil impedia, para aqui trouxeram numerosas enfermidades endêmicas e práticas de baixo fetchismo do seu continente de origem”; finalmente, “com a Abolição, os escravos abandonaram os campos e vieram para as cidades para, em grande número, acabaram por esmolar, pilhar, darem-se a toda ordem de vícios e disseminar moléstias várias” (30). Noutras partes do Brasil não raro se exprimem os mesmos conceitos sobre o nosso Estado. Um escritor de muito renome escreveu no Rio de Janeiro, cerca do meiado do século passado, o seguinte: “Faça-se um paralelo entre o desenvolvimento da província da Bahia, que possuiu relativamente o maior número de negros, e o Rio Grande do Sul, que contém os maiores núcleos de colonos europeus. Enquanto a agricultura, o comércio e as rendas da primeira definham o olhos vistos, a outra prospera em tudo...” (31). Esse autor esquecera as perturba-

(30) Mario Campos, “Imigração escola”, *A Tarde*, Bahia 10.XI.51.

(31) A. C. Tavares Bastos, *Cartas do solitário* (1862), 3.^a ed., Rio 1938, p. 164.

ções que a economia bahiana vinha sofrendo desde a suspensão do tráfico escravagista e da adoção, na Europa, do açúcar de beterraba com a cessação quasi completa da importação do açúcar de cana, base da riqueza da nossa cidade.

Com relação aos mulatos, enquanto uns afirmam “que não haverá um capítulo da nossa história, política ou social, em que não brilhe com especial esplendor, a personalidade altamente respeitável de um mestiço”, segundo as expressões de um professor universitário bahiano, (32) outros fazem-lhes, com certos elogios, fortes restrições. Um jurista e literato de projeção (33) considerava excelente a descrição do mulato feita por outro autor bahiano: “Os mulatos são em geral vaidosos, inteligentes e inclinados aos prazeres da vida mundana... Têm excelente coração” (34).

Embora muitos considerem o preto inferior quanto á inteligência, quasi ninguém põe em dúvida o talento e a capacidade intelectual dos mulatos. “Se tomarmos as qualidades intellectuais e morais características do homem civilizado moderno, que têm expressão clássica no europeu, como sejam a universalidade do horizonte mental, o espirito lógico e sistemático, a capacidade técnica, a tenacidade e a energia na luta pelos direitos individuais ou sociais, e se procurarmos no Brasil, diz outro economista bahiano, os homens

(32) Pinto de Carvalho, “Pretinhos”, *A Tarde*, Bahia 8.XI.21.

(33) Almachio Diniz, *História racial do Brasil*, S. Paulo 1934, p. 155.

(34) Sá Oliveira, *op. cit.*, p. 21.

representativos, isto é, as nossas maiores expressões humanas, encontramos muitos pretos e mulatos". E conclui afirmando que os afro-brasileiros não são inferiores aos descendentes de imigrantes provenientes de povos mais altamente civilizados e mais puramente brancos (35). Os mulatos seriam, entretanto, exagerados no falar, preocupados em se mostrarem eruditos. É representativo dessa opinião o comentário de um jornalista sobre certo político: "Sem complexos nem recalques... raciocina friamente, o que é espantoso num curiboca roxo (*) como êle. Sem a tropicalidade verbal dos mulatos bem-falantes... é mentalmente um nórdico, expondo suas idéias sem as complicações cerebrinas tão do agrado dos morenos bacharéis de nossa terra" (36). As opiniões sobre o mulato, muito particularmente sobre aquele que procura elevar-se e classificar-se por meio de atividades intelectuais, fazem ênfase sobre os pontos fracos da sua personalidade e quási sempre dão uma interpretação depreciativa ao seu caráter. Um crítico literário bahiano, comentando as obras do maior romanista brasileiro, Machado de Assis, assim formu-

(35) Rômulo Almeida, entrevista a *Diário Trabalhista*, Rio 28.II.1946.

(*) *curiboca* — mestiço de índio e preto; *roxo* — vermelho azulado, tom quente e sombrio da pigmentação cutânea de certos mestiços.

(36) Rubião Braz "O riso da Assembléia", *Diário de Notícias*, Bahia 30.XI.51; quanto àquela tendência para o uso de uma linguagem rebuscada parece ser uma forma de compensação do sentimento de inferioridade, diz V. L. Bido, "Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo", *Sociologia*, vol. IX, n.º 3, S. Paulo 1947, p. 211.

lou tal concepção: “o de que o nosso mestiço ainda está carregado, por efeito dos resíduos acumulados em sua alma pelo desenvolvimento social, é de defeitos de temperamento, de psicologia e de caráter, com reflexos evidentes sobre a vida mental. Se o mulato brasileiro é intelectualmente capaz e às vezes superior, ainda não é bom, não tem estabilidade ou equilíbrio interior, fortaleza de caráter. É do ponto de vista moral e psicológico que êle denota ainda uma grande inferioridade que não pode deixar de refletir-se na harmonia social, dada a influência que a vida brasileira dele recebe” (37).

Por tudo isso os vocábulos “mulato” e “mestiço” podem ser empregados para dar ênfase às más qualidades morais de uma pessoa de côr, como se a sua pigmentação e os seus traços étnicos agravassem os seus defeitos. Numa discussão pelos jornais, alguém referia-se a “essa mulatagem que te apoia” e concluía, numa questão que nada tinha com o problema racial, aludindo depreciativamente a “êsse mestiço que te anda apoiando” (38). Um epigrama anônimo sobre certo intelectual, que ha poucos anos se divulgou na cidade, começava pelas palavras “mulato pachola...” (*)

(37) Afrânio Coutinho, *A filosofia de Machado de Assis*, Rio 1940, p. 80.

(38) *A Tarde*, Bahia 5.XII.51.

(*) *pachola* — preguiçoso, vaidoso e exibicionista, qualidades que se atribuem muitas vezes aos mulatos letrados, a tal ponto que o qualificativo injurioso de “pachola” quasi só se aplica atualmente a pessoas desse tipo físico.

Não existe, apesar disto, uma hostilidade ativa contra o mulato como um grupo. Aquelles julgamentos são estereótipos aplicados principalmente a individuos que, em virtude sua educação superior ou de aspirações mais ambiciosas do que as do seu grupo, procuram destacar-se na esfera intellectual, acontecendo que nalguns casos trata-se de pessoas que realmente compensam o seu sentimento de inferioridade com comportamentos e maneiras de falar exagerados.

A CÔR É UM SIMPLES ACIDENTE

A locução “preto de alma branca” é tão empregada na Bahia quanto no resto do mundo onde se crê que um preto para ser bom deve ter as qualidades do branco. O mais significativo é que essa concepção tem adeptos mesmo entre a gente de côr.

A mãe, morena, de uma informante diz que “o negro é preto por dentro e por fora” e que ela, se tivesse de casar novamente, não o faria com um homem como o seu marido. Na publicação com que uma associação de pretos comemorou, fazem vinte anos, o primeiro centenário da sua fundação, lê-se, logo á primeira página, que “se percorrermos o arquivo da Sociedade, folheando os seus livros, encontraremos o contraste da sociedade, homens pretos com ideais nobilísimos, caratêres perfeitos, sentimentos irreprováveis, sobretudo projetos de futuros importantíssimos” (39). Felizmente há também os que negam a inferioridade intelectual e moral do negro. Num artigo anexo aos estatutos de outra organização de gente de côr explica-se que “o que acontece, porém, é que o negro por ser pobre falta-lhe a tranquilidade espiritual necessária, a que se dê no seu espirito a evolução do pensa-”

(39) Relatório da Sociedade Protetora dos Desvalidos, Bahia 1931-1934.

mento, como se dá no homem branco cercado de conforto e de toda felicidade. E assim, sem meios de educação o torturado sempre pela injustiça que o persegue, deveria tornar-se mais um revoltado que o colaborador eficiente que o é, o elemento de ascensão permanente no aperfeiçoamento moral e intelectual da população brasileira” (40). Há nestas sentenças, ao lado duma queixa, a repulsa á teoria da inata inferioridade mental do negro e á idéia de que haja contraste entre a côr da pele escura e os ideais nobilísimos.

As pessoas de côr repetem muitas vezes que “a côr é um simples acidente”, locução de uso muito antigo na Bahia (41). Num discurso em que denunciava uma decisão da Sociedade das Nações sobre o tratamento diferencial a ser dado a várias raças humanas, um prestigioso intelectual mulato escuro, falando como presidente de importante agremiação científica, dizia que “deixar o direito do homem, a própria dignidade humana, á mercê de um acidente de côr é renegar séculos de luta dos mais gloriosos da história da civilização”. (42) O juiz preto, que lidera uma associação de pessoas de côr, também é de opinião que “a côr é um acidente em que não se repara entre nós”. Essa a razão porque as famílias de côr das classes mais altas dizem que procuram não desenvolver nas crianças a consciên-

(40) Estatutos da Sociedade Henrique Dias.

(41) A. Moniz de Souza já empregava essa expressão em “Viagens e Observações”, (1834), in *Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia*, N.º 72, 1945, p. 133.

(42) Teodoro Sampaio, in *Rev. Instituto Geogr. e Histórico da Bahia*, n.º 45, 1919, p. 179.

cia do seu próprio tipo físico, e quando o fazem, nem sempre associam a essa noção um sentimento de inferioridade ou ressentimento. Refere um preto que ouvia os seus páis fazerem comentários sobre a desvantagem de serem escuros, mas o modo como falavam não era amargo nem hostil. Um educador pardo pensa que não se deve esconder da criança a idéia de que é de côr porque esta "é meramente física e, portanto, não tem valor". Diferente é a atitude duma moça igualmente parda, cujo pái branco, apesar de casado com mulata, não gosta de gente de côr; ela também não gosta de gente escura, embora diga que não se envergonha de sua "qualidade". O seu sentimento de inferioridade revela-se claramente ao dizer que tem um amigo, filho de sírios, que "apesar de ser de raça superior à sua", deseja esposá-la.

Nalguns indivíduos a consciência de classe supera a consciência de côr ou de raça. Conta um funcionário público mulato que, durante a sua infância, nunca se sentiu diferente dos seus companheiros de escola e de brinquedos numa cidade do interior do Estado; somente quando a sua família tornou-se mais pobre é que reparou que era mulato. Sua própria mãe chamou atenção para a diferença que havia entre êle e seus amigos, mas os que eram do seu tipo e tinham dinheiro continuaram a se considerar e a serem tratados como brancos.

A extrema pobreza em que viveu a sua meninice fazia com que um economista, mais escuro que aquele funcionário, nem sequer pensasse em sua côr: "era uma pobreza que não deixava pen-

sar no assunto". Também um intelectual escuro diz que até á sua adolescência não cogitava no seu tipo; nenhuma das experiências anteriores áquela época está associada á consciência de sua côr. O mesmo parece acontecer com as crianças brancas, permitindo que estabeleçam relações primárias duradouras com companheiros de escola e de grupos de jogos sem discriminação por tipos físicos. Diversos informantes bastante escuros referem que até hoje conservam muito boas amizades feitas, no tempo de escola, com pessoas brancas finas. Mesmo entre adultos há quem afirme não ter sempre presente á consciência o seu tipo. Declarou um professor elementar que não vive preocupado com a sua pigmentação porque não julga que as suas dificuldades ou os seus êxitos profissionais tenham relação com aquela condição. É claro que afirmações dessa natureza não podem ser, em todos os casos, tomadas em sua significação aparente; elas podem ser reações de defêsa ás indagações do pesquisador social.

Há, porém, pessoas que não conseguem dominar o sentimento de inferioridade resultantes da condição de "escuro". "Basta um olhar para perturbar uma pessoa escura", diz um estudante universitário muito preto. Antigamente quando o chamavam de "negro", irritava-se e sentia-se humilhado. "Mas já venci isso; também eu posso chamar os outros de "branco", sem zanga, quando vejo que apenas pilheriam comigo". Existe, sem dúvida, "um ligeiro recalque" entre os pretos, "mas não é intenso e deve ser vencido", esclarece um advogado mulato; êsse sentimento,

prosegue, pode desenvolver uma atitude de subserviência como no caso de um seu colega, da mesma côr, muito competente e trabalhador, que não se atreve a advogar independentemente, continuando como simples assistente de um profissional branco. Ha mesmo pessoas que dizem ter orgulho de sua côr. Uma moça de *status* algo elevado afirma que não tem ressentimento algum de ser preta e que faz questão de que em todos os seus documentos fique registrada a sua verdadeira "qualidade". Esta pode ser tambem uma reação defensiva, tanto mais que a informante tem uma personalidade nitidamente marcada de frustrações ligadas á sua condição fisica.

Conta-se que alguém vacilava quanto ao termo com que deveria classificar, em um documento oficial, a côr de um conhecido profissional; percebendo o seu embaraço, êste observou que escrevesse "mulato", "porque mulato é que eu sou, no duro".

Ha pessoas que são acusadas de se isolarem por não quererem viver no mundo "inferior" a que pertencem por sua pigmentação. Isso provoca certo ressentimento da parte de pretos que atribuem aquele comportamento á vergonha que tais pessoas sentem do seu tipo e a não desejarem ser vistas "entre os da sua qualidade". É comum isso, afirmam os informantes, entre mulheres de classe média ou alta. Mas a tendência para aceitarem ou adotarem essa segregação não é geral. Um funcionário preto retinto conta as suas experiências: "Os problemas raciais não incidem em mim. Sou muito bem recebido em

toda a parte, inclusive entre famílias muito distintas que fazem questão da minha amizade e a cujos filhos dou aulas de português. O preto educado tem um ingresso relativo em todos os lugares. Entre os homens não se fazem discriminações; nas mulheres é que se sente franca discriminação. Algumas chegam a ser descortêzes, deixando de apertar a mão dos pretos que encontram entre brancos. Aliás, quando gostam de um homem escuro, são capazes de loucuras". Sem embargo, acrescenta, "em certos meios sinto-me isolado". Vale registrar que êsse informante é um dos poucos que se queixam de discriminação, mas fá-lo, como a maioria, sem rancôr e dando a entender que se sente compensado pelas boas relações que mantém na importante repartição estadual em que trabalha e onde tem ocupado postos de chefia e comissões de responsabilidade entre colegas brancos.

Geralmente os pretos conversam calmamente e como que sem muitas reservas com o pesquisador social, revelando certa segurança psicológica e boa adaptação ás circunstâncias bahianas. Há, contudo, exceções. Um profissional, com quem se diz haverem sucedido incidentes por motivo de sua côr, mostra-se reticente e um tanto reservado. "Êle sente-se inferior por ser preto", dizem outros pretos, e "por isso provoca frequentes casos".

Os informantes afirmam que há mulatos que, receiosos de se vir a conhecer a sua procedência, evitam aparecer em companhia dos próprios páis escuros. Um jôvem profissional, muito

conceituado, é alvo de elogios porque não tem êsse preconceito; apesar de casado com uma branca, anda por toda a parte com sua mãe, uma preta retinta, e apresenta-a aos seus amigos. Ao contrário disso, outro profissional da mesma "qualidade" é censurado porque, segundo alguns, "não quer ser preto e para isso oculta a sua velha mãe". Também certo preto é considerado preconceituoso e "racista" porque prefere andar entre brancos e gosta de apresentar-se de público com mulheres alvas e louras ainda que de má reputação. Colegas seus, da mesma profissão e status, consideram-no um ressentido que "tem vergonha de ser preto". E como êste, comenta-se, há muitos outros que, se pudessem, seriam brancos.

Não há dúvida alguma que há brancos, e mesmo mulatos claros e escuros, que tratam os pretos e as pessoas humildes de côr com certo ar de superioridade. Mas dificilmente fazem-no com pessoas do seu próprio nível social. Lançar em rosto de um preto que ele é inferior por causa de sua côr seria uma grave quebra dos *mores* que regem as relações entre indivíduos de tipos diferentes na Bahia. Um educador moreno, originário de um Estado do norte, diz que durante os nove anos que viveu na Bahia reparou nêsse respeito mútuo entre pessoas de "qualidade" diferente, contanto que sejam do mesmo *status*; em sua terra as pessoas de côr são tratadas com desprezo.

Nas camadas mais altas da sociedade bahiana, dizem os informantes, em geral a pessoa de côr não sofre humilhações. Pode, contudo, não

ser reconhecida como um membro dos grupos de mais prestígio. Um profissional preto retinto irrita-se porque, na organização em que trabalha, muitas pessoas, que não o conhecem, dirigem-se a êle como se fosse a um servente ou empregado de categoria inferior. Uma funcionária pública expressa-se, todavia, dizendo que ela e a sua família sentem-se felizes e não atribuem nenhuma dificuldade á sua condição de mulatos escuros. “Se não segui uma carreira, como desejava, é porque meu pái era póbree e morreu cêdo. Por isso, sempre digo em nossa casa que não devemos falar certas coisas... Ouço certas pessoas dizerem que sofrem por causa de côr, mas tenho muita dúvida sobre isto”.

Nas jóvens, de ordinário mais conformadas que os homens com as discriminações que sofrem, e menos expostas a estes, o sentimento de inferioridade pode ter formulações peculiares, como no caso de uma estudante universitária que afirma não ter desgosto de ser escura, “mas gostaria de ser menos feia”. Embora não o dizendo, uma profissional prefa deixa perceber a mesma frustração, contando que ficava muito aborrecida, quando era mais jóvem, de ouvir dizerem que ela era “uma pretinha bonitinha”.

Um aspeto importante do problema é que os pretos e mulatos escuros do operariado urbano, á medida que adquirem consciência de seus direitos civis e políticos, se mostram menos inibidos em seu comportamento diante dos brancos. e não é sem ressentimento para muitos destes que “estes negros ousados” falam alto na rua, passam á sua frente e não lhes cedem o lugar nos

veículos coletivos, o que representa uma forma de agressão aos que têm as características físicas e sociais do grupo dominante.

Não obstante isso pode suceder que os pretos evitem usar a sua côr como insígnia de seu próprio grupo. Uma importante agremiação de assistência mútua entre pretos tem como emblema duas mãos brancas que se apertam como símbolo de solidariedade intra-grupal; em um dos seus relatórios essa mesma organização representou as suas atividades por meio de uma figura, adrede mandada desenhar, de uma mulher branca carregando uma criança branca e sendo abraçada por outras duas crianças igualmente alvas de traços inconfundivelmente europóides (43).

(43) Sociedade Protetora dos Desvalidos, Relat. cit.

UMA SOCIEDADE MULTI-RACIAL DE CLASSES

A estrutura de classes da Bahia não foi ainda descrita e analisada do ponto de vista sociológico, a não ser muito sumariamente por Donald Pierson (44). Em traços esquemáticos, como mostrou este pesquisador, a população bahiana tem uma classe "superior", da qual fazem parte os descendentes da velha aristocracia, os grandes proprietários e comerciantes, os intelectuais e profissionais como advogados, médicos, engenheiros, os políticos, os oficiais das forças armadas, os poetas e jornalistas, os professores da Universidade e os poucos industriais que a Bahia tem produzido, e uma classe "baixa", constituída da gente mais pobre, das profissões modestas, braçais e manuais. Existe também um estrato, a que não se poderia rigorosamente denominar de classe média, mas de grupo intermédio, com os pequenos empregados, funcionários públicos e comerciantes.

Conquanto a "localização" social, em outros termos o *status* dos bahianos dependa do seu nascimento, não há dúvida que a ascensão social processa-se por livre competição de tal maneira que pretos e mestiços, como indivíduos, podem, "em vista de seu mérito individual ou de circuns-

(44) Op. cit., p. 64.

tâncias favoráveis, melhorar sua condição social e mesmo conseguir uma posição nas camadas "superiores" da sociedade, e esta posição será relativa não somente ao seu grupo de côr, mas á comunidade total" (45).

A maioria das pessoas de côr vive, como toda a classe baixa, em bairros pobres nos contornos da cidade ou em pequenos aglomerados de casas modestas intercaladas nas áreas residenciais das classes mais altas; porém nestas vivem, ao lado dos brancos, muitas famílias de côr de *status* intermédio ou superior. As pessoas de côr são aceitas, segundo os seus recursos econômicos e a sua educação, nos hotéis e mais facilmente nas pensões das diversas categorias, e podem frequentar livremente os restaurantes e cafés, as casas de chá, os *cabarets*, participando, não raro, de mêsas onde encontram amigos brancos.

Os jornais e as revistas noticiam os aniversários, os casamentos, as formaturas, os nascimentos dos filhos, a chegada de uma viagem, as manifestações e homenagens recebidas, ou o falecimento de quaisquer pessoas sem mencionarem o tipo físico destas ou separá-las pela côr, estampando também os seus retratos indistintamente. E quando alguém não tem prestígio suficiente para que os jornais publiquem uma notícia a seu respeito, pode conseguir o aparecimento do seu nome e até seu retrato, mediante pagamento, na mesma seção que os periódicos dedicam áquele gênero de notas. Poucas pessoas, diz um branco,

(45) Pierson, op. cit., p. 419, 422; ver também Frazier, loc. cit., p. 477,

tiveram mais prestígio na sociedade bahiana pelas suas maneiras finas e seu modo de vestir elegante, do que há alguns decênios gozaram um professor da Faculdade de Medicina e sua esposa, ambos mulatos.

Entre as famílias mais altamente classificadas na atual sociedade bahiana há muitas, afirma uma informante morena, que têm “casta”, isto é que são mestiças, muito embora seja indiscreto chamar atenção para os traços físicos ou para a origem de tais famílias. Não havendo propriamente castas, mas simplesmente classes, as pessoas de cor ingressam no mundo dos brancos mesmo que tenham traços acentuados; necessitam, porém, identificar-se com os padrões de comportamento do grupo “superior”. Para mostrar que já nasceu identificada com os brancos, uma profissional preta explica que é filha de um preto que foi criado “num ambiente outro que o da senzala”. Ela considera-se uma criatura privilegiada por Deus pois tem tudo o que quer. “Dou-me com todo o mundo e com a melhor sociedade. Seleciono os meus amigos em todas as classes. Freqüento os clubes e o palácio do Governô. Ainda há pouco, disse, os jornais publicaram meu retrato ao lado do Governador do Estado num almoço que um amigo meu oferecera áquele”.

Os brancos esperam que as pessoas de cor, especialmente as mais escuras, sejam comedidas em seus gestos, modestas e que, apesar dos seus méritos pessoais, guardem certa distância delas. E aquelas sabem muito bem de tudo isto. Um profissional mulato diz, por exemplo, que só vái onde a sua presença é necessária. “Muitas ve-

zes, diz um preto, o preto não encontra barreiras porque, sabendo do preconceito, não vái a certos logares”. Outro preto, um profissional, é de opinião que as pessoas de côr, para subirem socialmente, “devem evitar certas coisas”. Algumas dessas coisas, segundo vários informantes, são as atitudes agressivas, os modos pernósticos e afetados, os gestos espalhafatosos, a pôse. “Na verdade é a atitude de certos pretos, pensa um mulato escuro, que desperta a animosidade dos brancos; há pretos que são muito espalhafatosos, ridículos”. Determinado profissional “seria melhor aceito se não fôsse tão agressivo e exibicionista. Ele faz questão de senfar-se entre os dirigentes das associações a cujas reuniões comparece e sempre quer aparecer nas fotografias. Por ocasião da homenagem prestada a um visitante ilustre, êle tomou lugar, antes da sessão começar, na mēsa da presidência, causando irritação com isto aos diretores da associação, alguns dos quais têm consciência de que não são brancos”.

Numa sociedade de tradições aristocráticas, como a bahiana, a etiqueta no trato entre pessoas de níveis sociais diferentes é muito importante. Uma pessoa “adeantada”, que ultrapassa os limites que lhe são fixados por seu *status* ou por sua situação de extranho, usando inadequadamente de maneiras que revelam intimidade ou identidade de posição, é sempre mal vista mesmo que seja branca. Peor ainda se é de côr, porque não só é tida como mal educada porém como “ousada”, capaz de “tomar muita liberdade” com pessoas que não conhecem ou que “não são da sua

classe". E usada neste sentido a palavra "classe" significa posição social muito baixa.

"As resistências á ascensão dos negros, diz alguém "quási preto", explicam-se pela sua falta de educação e de maneiras. Com os mulatos succede o mesmo, porque se uns são excessivamente humildes e submissos, outros são pretenciosos, viciosos, exagerados em seus modos, ansiosos por se mostrarem". Um profissional preto repete aproximadamente as palavras de outro Dr., de acordo com o qual "não ha influência direta da côr, ha consequências. As pessôas de côr, pela sua origem, são humides, têm hábitos especiais e pouco preparo. Os seus modos chamam atenção e desagradam aos educados. Por isso os daquela classe que se destacam sofrem a influência dos conceitos que se fazem sobre os mesmos. Quando se vê um preto subir e se vái tratar com êle, fica-se em dúvida se terá as mesmas maneiras dos deseducados. Só quando se chega a conhecê-lo é que desaparece a impressão".

Não menos importante é a adesão aos padrões de moralidade das classes mais altas. Segundo um profissional mulato, muito concentrado e experimentado, "quem se respeita é respeitado, seja qual fôr a sua côr" (46). Um caráter amável facilita também a ascensão e o convívio

(46) Entre os iorubanos, que constituíram uma parte consideravel dos escravos africanos importados pela Bahia, frequentemente se ouve dizer, em discussões sobre posição e clássificação social, que "one respects the one who respects himself", cfr. W. R. Bascom, "Social status, wealth and individual differences among the Yoruba", *Am. Anthropologist*, vol. 53, n.º 4, part 1, oct-dec. 1951, p. 504.

com os brancos. Tanto entre êstes como no meio dos escuros diz-se que certo educador mulato escuro é muito estimado por causa do seu bom gênio, de sua maneiras brandas e comedidas; também o êxito de um profissional preto é atribuído ao seu temperamento comunicativo, á sua jovialidade, ao seu bom humor constante.

Mas como o problema de relações inter-raciais é, na opinião de muitos, mais uma questão de classe do que de raça, dominando “o primado da cultura e da classe”, pode-se dizer, acompanhando um educador mulato, que “tendo dinheiro, ilustração, maneiras o preto pode subir”. Esta síntese não abrange, apesar de tudo, a totalidade dos aspetos do problema. Uma profissional bastante pigmentada acredita que “o preto para subir socialmente necessita ter talento e amizades.”

Realmente as boas relações pessoais e familiares são muito importantes para tudo na Bahia, nos negócios, na administração pública, na política. Ensina um rifão quotidianamente repetido pelos brasileiros que “mais vale um amigo na praça do que dinheiro na caixa”; por isto qualquer assunto se encaminha melhor quando o interessado traz “uma apresentação pessoal” de um amigo daquele com quem vá tratar. Aquela informante insiste em explicar que não crê que o dinheiro tenha grande influência para a ascensão social das pessoas de côr; ela conhece diversas dessas pessoas com fortuna e até formadas, as quais nunca alcançaram subir. “Porque, para subir, é preciso não ter complexo de inferioridade. Há muitos, porém, que têm receio de se aproxima-

marem dos brancos de classe alta e que transmitem aos filhos êstes sentimentos”.

O fato da côr preta lembrar os antigos escravos é invocado por muitos como explicação para as dificuldades que os mais escuros encontram para atingir um *status* elevado. “Emergidos ha pouco dos abismos da escravidão, informa um sacerdote mestiço, raros são os negros que conseguem guindar-se às posições ou níveis elevados. Com relação aos mulatos ou “morenos” (não propriamente negrões), podemos dizer que vivem de parceria com os brancos em todos os sentidos, ao menos aqui na Bahia”. A mesma observação faz um médico: “Nesse particular os morenos acham-se em situação equivalente á dos brancos. Entretanto não é justo afirmar-se que os pretos podem subir facilmente aos mais altos cargos da administração pública ou comercial, aos cargos mais importantes, a posições de destaque nas profissões mais prestigiosas. Quanto aos mulatos, alguns existem nas situações referidas, não se podendo deixar de reconhecer que para os mestiços, cuja côr se acha mais próxima da negra, a pigmentação cria obstáculos ás diversas carreiras mencionadas. Porém os mestiços de cabelos lisos e côr próxima á da raça branca, poderão vencer nos diversos ramos da atividade humana, sem embaraços de natureza étnica”.

Sem embargo de todas essas dificuldades, as pessoas de côr, sobretudo as mais claras e de traços mais europoides, podem adquirir *status* tão elevado quanto os brancos. Como se verá nos capítulos seguintes, elas podem casar-se com brancos segundo sua posição social, podem al-

caçar proeminência nas profissões liberais, na intelectualidade, podem ser admitidas em organizações existentes para exprimir prestígio e *status*, o que confirma a tese já provada por Pierson de que “o que encontramos na Bahia é uma sociedade multi-racial de classes” (47).

A ascensão social das pessoas de côr, apesar de se processar com relativa facilidade, não é sem consequência para os que a atingem. Ela assemelha-se um tanto ao “passing” dos negros norte-americanos (48).

As pessoas que assim sobem não somente experimentam dúvidas e dificuldades quanto á sua situação, como são alvo de ressentimento por parte de muitos que permanecem nos estratos inferiores da sociedade. Uma vez que, para adquirir *status*, o escuro necessita assimilar-se cultural e socialmente ao branco adotando a sua “epiderme social”, êle é muitas vezes censurado por ser “metido a branco” ou por “não querer ser de côr.” Vários informantes apontaram alguns indivíduos de côr que são assim julgados e que certamente se recusariam a ser entrevistados para esta pesquisa. Alguns, realmente, esquivam-se de falar sobre os problemas raciais, desviando polidamente a conversa para outros temas sob a alegação de que nunca repararam no assunto e de que o mesmo não tem importância entre nós. O Autor, com a sua experiência de vida no meio

(47) op. cit., p. 408.

(48) Sobre as vicissitudes do “passing”, cfr.

Wirth e Goldhamer in O. Klineberg, *Characteristics of the American Negro*, N. Y. and London (1944), p. 301.

bahiano, teve mesmo certa vacilação em aproximar-se dalgumas das mencionadas pessoas. Nalguns casos verificou que as referidas imputações são apenas atitudes de ressentimento dos informantes contra indivíduos que subiram muito ou que, não conhecendo de perto, julgam ter os defeitos referidos. Vários desses entrevistados revelaram, entretanto, um interesse muito particular pelas relações inter-raciais, mostrando que leem livros brasileiros e estrangeiros sobre o assunto, que procuram assistir os filmes cinematográficos com temas daquela natureza, que discutem a matéria entre os do seu tipo e *status* profissional e social; houve dois que declararam que há muito pensam em escrever as suas observações sobre o problema. Num caso, porém, uma funcionária pública mulata respondeu com certa irritação que o problema não é importante e que os pretos bahianos não sobem socialmente porque são muito “atrazados e ousados”.

OS CASAMENTOS INTER-RACIAIS

O casamento inter-racial é um dos canais de acesso e de integração da gente de côr nas classes mais altas. Uma vez que os indivíduos mais claros têm maiores possibilidades de se tornarem socialmente brancos, o casamento entre escuros e brancos confere prestígio aos primeiros e oferece a expectativa de filhos mais próximos do tipo preferido.

No Brasil nenhuma lei proíbe o casamento entre pessoas de raças ou tipos diferentes. Os candidatos ao casamento civil ou religioso habilitam-se perante as autoridades do Estado ou da Igreja apresentando documentos, como as certidões de registro de nascimento ou de batismo, em que o tipo ou a "côr" é mencionado apenas para fins de identificação.

É muito elevado na Bahia o número de casamentos entre pessoas que diferem quanto á intensidade de sua pigmentação e quanto á frequência de outros traços étnicos. Em 222 pares observados há poucos anos, 34 por cento eram da mesma côr, em 43 por cento o homem era mais escuro que a mulher e em 22 por cento esta era mais escura (49). Mas a frequência dos verdadeiros inter-casamentos, i. e. entre pessoas prove-

(49) Thales de Azevedo, "Um aspeto da mestiçagem na Bahia", *Rev. do Arquivo*, a. XI, vol. CI, S. Paulo 1945, p. 45.

nientes de *stocks* raciais diferentes, é difícil de determinar com os métodos usuais de classificação étnica. Para consegui-lo seria preciso classificar geneticamente os participantes das uniões ou estudar as genealogias de muitas famílias. Uma vez que indivíduos de fenotipo “branco” são, por vezes, mestiços branqueados e que, por outro lado, há “pretos” que são mestiços (50), torna-se extremamente dificultoso afirmar quando um casamento é de fato inter-racial. O que importa, porém, neste estudo, são os casamentos entre pessoas de cor e pessoas “socialmente brancas”. Estes são, indubitavelmente, muito frequentes. Em 1,269 casamentos, Pierson encontrou 3.3 por cento inter-raciais, cifra realmente baixa para uma região em que as barreiras de cor são tão tênues. Estas cifras foram, certamente, tomadas de um conjunto de casamentos de pessoas de todas as classes (51). Se, porém examinarmos a situação nos estratos intermediário e inferior, como sucede com a outra amostra, aquela proporção pode atingir a 20 por cento ou mais. Contudo, não foi sempre assim. As leis portuguesas proibiam, no período colonial, os casamentos de brancos com indígenas e com negros. Extinta a escravatura dos aborígenes, logo foi permitido o casamento dos brancos com índios. Mas já antes disso o clero

(50) Paul Rivet chama atenção para a facilidade com que o negro africano é absorvido na mestiçagem com brancos e com indígenas da América do Sul, cfr. *As origens do homem americano*, S. Paulo (1948), p. 80. Ver também M. J. Herskovits, *The anthropometry of the American Negro*, N. Y. 1930.

(51) op. cit., p. 209.

católico regularizava, por meio do casamento religioso, os numerosos concubinatos entre colonos portugueses e mulheres indígenas. Os casamentos de brancos e de indígenas com negros continuaram proibidos durante muito tempo. À medida que a mestiçagem entre europeus e africanos aumentava pelas uniões livres, paralelamente crescia o número de casamentos inter-raciais porque realmente só não eram permitidos os casamentos entre pessoas livres e escravos. Afinal, com a abolição definitiva da escravatura negra, caiu a última barreira aos inter-casamentos. Punidos ainda durante bastante tempo por severas sanções sociais (52), esses inter-casamentos vinham crescendo desde a Independência, em 1822, com a ascensão social dos mulatos militares, burocratas, advogados diplomados pelas Universidades portuguesas e francesas, processo que foi intenso durante o regime monárquico brasileiro para o qual a Bahia contribuiu com muitos estadistas e políticos saídos daqueles grupos (53).

(52) Expilly escreveu em 1863: "A Constituição proclamou a igualdade dos cidadãos. O preconceito, mais forte que a Constituição, eleva uma barreira insuperável — até hoje pelo menos — entre os indivíduos que se diferenciam pela tonalidade da pele. Dão-se dragonas, condecorações, títulos aos homens mestiços. Mas ninguém faz liga com eles. Quando se viu uma branca casar com um mulato? Aquela que ousasse afrontar tão audaciosamente os usos e os costumes de seu país seria repelida, no mesmo instante, por todas as pessoas da raça pura. Seria desprezada, apontada a dedo, excluída sem dó da sociedade em que ela figurava, em outros tempos, como ornamento e orgulho", *Mulheres e costumes do Brasil*, S. Paulo 1935, p. 279.

(53) G. Freyre, op. cit., III, p. 951.

A pressão social contra os inter-casamentos parece diminuir com o passar do tempo, de maneira que aqueles são cada dia mais numerosos. Uma informante recorda que antigamente, nas famílias da alta e média sociedade, apurava-se com extraordinário rigor a origem dos noivos. Muitos casamentos deixam de ser feitos porque um dos pretendentes tinha “casta”. E os que se realizavam custavam a rutura de relações dos novos casais com seus pais. Eram verdadeiras tragédias. Havia pais que amaldiçoavam as filhas e as desherdavam quando persistiam em casar com um jovem de “qualidade inferior”, sobretudo se este, além de mestiço, era bastardo. Hoje, acrescenta a informante, há muito mais facilidade. Essa é, aliás, uma impressão geral.

Esses casamentos são muito desejados porque conferem prestígio ao cônjuge mais escuro. Um professor preto diz que poucos são os homens escuros que esposam mulheres claras pensando em melhorar a raça, “mas para facilitar a sua própria ascensão social”. Uma evidência disto está na frequente manifestação, expressa ou dissimulada, daquele desejo. Uma funcionária mulata tem namorado “por brincadeira” com rapazes brancos, como quem lança a sorte para ver se alcança o seu desiderato, mas assevera que não se casaria com um homem escuro ainda que fosse rico e bem colocado; a sua mãe lhe dá todo apoio nessa atitude e a exproba quando ela anuncia que está aceitando a corte de algum escuro. As suas três irmãs casaram-se com brancos e uma delas tem orgulho dos filhos por serem alourados. Também uma estudante do mesmo tipo “prefere”

namorados morenos mas confessa que não teria constrangimento em casar-se com um branco. Gaba-se um j6vem estudante mulato de que j6 teve oito namoradas mais claras do que 6le, 6 exce76o de uma, o que documenta mostrando os retratos de tr6s daquelas. H6 mesmo quem diga que certa preta tem uma grande quantia reservada "para comprar um marido alvo". Ela mesma declara que "n6o faz for76a para o casamento"; casar-se-6 se este f6r o seu destino, e afirma que tem recebido declara76es de pretos e de brancos, mas que as rejeitou indistintamente. "N6o tenho prefer6ncia de tipo; apenas exijo que seja homem de cultura e que corresponda ao meu ideal". E, como que tra6da pelo inconsciente, conta que durante uma viagem encontrou um alem6o, — o tipo mais caracter6stico de "branco fino" para os bahianos, o qual lhe fez a c6rte e depois lhe escreveu v6rias cartas. 6 tamb6m muito expressivo o que disse uma j6vem mulata: "As mo76as escuras preferem rapazes mais claros. Eu mesma, se chegar a me casar..." N6o conclui a frase mas, depois de uma pausa, acrescenta: "Depende, porque se eu gostar de um rapaz n6o vou olhar a c6r". E, como que fazendo uma queixa, diz ainda que "os rapazes de c6r preferem as claras, embora tenham pouca educa76o, mas basta serem claras..."

O ressentimento que isso causa entre as mo76as 6 dissimulado, qu6si sempre, em desinter6sse pelo casamento. Uma profissional mesti76a afirma que n6o se preocupa em casar porque tem um temperamento irrequieto. Al6m disto, os homens de c6r procuram esposas brancas e os

pretos que lhe têm aparecido são mentalmente inferiores a ela, o que pode ser perfeitamente verdadeiro. As mesmas frustrações encontram-se entre os homens que não conseguem noivas brancas. Um deles vive com uma mulata mas diz sabe de brancas e morenas que o aceitariam como esposas ou mesmo como amantes. Dois pretos retintos declaram que não desejam casar-se mas que já acharam moças brancas que os quizessem. Outro queixa-se de que as mulheres de côr não querem homem escuros, mesmo educados, dando preferência a um branco ainda que seja um pobre-diabo engravatado; nas ruas recusam os galanteios dos escuros mas cedem ás investidas desrespeitosas dos brancos. E é por isto, explica, que se fazem concubinas dos últimos ou nunca se casam.

A mulher alva e loura é, por outro lado, representada como fortemente inclinada para os homens pigmentados. Certo mulato claro, muito bem sucedido na sua profissão, não tem atração pelas escuras, conquanto reconheça que são vistosas e bonitas; prefere “as brancas, bem brancas”. Segundo afirma, muitos da sua qualidade têm aquela inclinação independente da idéia de “limpar a raça”. Acrescenta que as brancas finas têm verdadeira atração pelos escuros e os consideram particularmente viris e fortes, tanto que não gostam dos que têm maneiras muito delicadas. Outros informantes, no entanto, falam sem entusiasmo sobre êsse tipo de mulheres, porque as consideram frias e frágeis. “A côr dá saúde”, diz um deles, esclarecendo que mesmo os brancos sentem assim. As mulheres muito

claras causam repugnância a qualquer homem, afirma um mestiço; “sei até de um europeu que sente vontade de cuspir quando vê uma delas”. Essas concepções da mulher muito branca são da mesma ordem daquelas que no sul dos Estados Unidos, de acordo com Dollard (54), servem para protegê-la contra os homens de côr e talvez mesmo contra os brancos. A *morena*, por outro lado, é considerada como o tipo feminino mais ardente e mesmo mais acessível sexualmente. Vários dos informantes que mostram desejo de casar-se com brancas explicam ou deixam entender que se referem às mestiças claras, socialmente brancas.

Outra razão pela qual os inter-casamentos são desejados é que por meio deles muitos podem “melhorar a sua raça”. Os casamentos de preto com preta só servem para perpetuar a situação, opina um profissional preto que é tido, pelos da sua qualidade, como racista; “o filho mulato tem mais aceitação e não sofre o que a gente sofre”. Os traços “mais finos” dos filhos mestiços, explica outro informante, facilitam a integração social destes. Ter pái branco é, além disso, uma vantagem em si mesma, — acrescenta. Refere um mulato escuro que começou a trabalhar em profissões muito humildes e penosas mas que a

(54) It seems possible that the image of the white woman is in part conserved against sexual thought and allusions, whereas the Negro woman tends to draw the full burden of unsublimated sexual feeling... If Negro women are represented as sexually desirable in the folk imagination of the whites, Negro men are viewed as especially virile and capable in this sphere”, John Dollard, *Caste and class in a Southern town*, N. York 1949, p. 137 ss.

sua situação veio a melhorar quando um político influente soube que êle era filho de um seu amigo, branco; logo passou para um serviço de escritório, que lhe deixava tempo para estudar, até que se diplomou pela Universidade. Outro profissional considera que uma das vantagens de que gozou desde menino foi o fato de seu pái ser branco, apesar de modesto, porém muito amigo dos políticos da pequena localidade em que vivia.

No que se refere aos casos específicos de informantes que casaram com mulheres alvas ou pelo menos mais claras do que êles, é curioso mencionar que nenhum invocou, para justificar essa preferência, qualquer das razões atraz apontadas. Alguns dizem que tiveram uma primeira noiva escura, que faleceu ou que desmanchou o noivado; só por isto vieram a casar com uma esposa clara. Outros não tentam nenhuma racionalização. Diz um destes: "Ha muito branco que eu não quero em minha porta. Entretanto casei-me com uma branca descendente de portugêses". Outra explicação apresentada por alguns informantes é que as moças escuras se recusam aos jóvens da sua "qualidade", mesmo quando êstes são diplomados e bem colocados. Nas casas de famílias brancas, em que muitas daquelas moças são criadas, juntam os informantes, elas ouvem dizer que devem evitar "esses pretos ousados, ignorantes". Mas isso refere-se aos pretos de condição humilde, não aos de *status* social e profissional elevado. Os rapazes escuros, diz um preto, quando chegam aos vinte anos de idade mais ou menos, começam a sentir essa dificuldade: "é por isto que procuram as moças,

claras". Evidentemente, o assunto é dos que não se esclarecem apenas com o material deste estudo, mas parece fora de dúvida que tudo isso são outras tantas racionalizações para dissimular o desejo de união com brancas. Este desejo, por outro lado, necessitaria ser interpretado com a ajuda da psicanálise e de outras técnicas de investigação dos problemas de personalidade.

São conhecidos na Bahia alguns pretos de destaque, especialmente nas profissões liberais, que se casaram com brancas ou com mulheres muito mais claras do que eles mesmos. Isso é mencionado com certa ênfase e mal disfarçado orgulho por algumas pessoas escuras, embora também provoque críticas. Em muitos desses casos as esposas são de *status* mais baixo porque "na classe mais elevada, embora sejam frequentes os inter-casamentos de que participam mulatos claros e morenos, ha uma decidida oposição ao casamento com pessoas do extremo oposto da escala de cores" (55). Quanto mais baixa, porém, a posição do homem menos difícil é o inter-casamento em sua própria classe. Quer dizer: é muito mais fácil a um preto dos grupos intermédio e inferior casar com uma branca da sua própria posição. Por outro lado, quanto menor é a diferença entre os tipos físicos do homem e da mulher, menores são as resistências a vencer em qualquer dos estratos sociais. O casamento de homem claro com mulher escura, sobretudo quando esta é muito mais pigmentada, sofre oposição forte em todas as camadas, muito embora

(55) Pierson, op. cit., *ibid.*

as concepções sobre a *morena* de traços finos e côr de jambo tornem êste tipo desejado por alguns brancos, particularmente pelos imigrantes portugueses e um pouco pelos alemães. A mulher escura que casa com um branco está muito mais exposta á hostilidade da família do esposo do que o escuro que casa com mulher clara ou branca. Uma das explicações para isso deve estar no fato de que, tendo a família bahiana como centro dominante a esposa, o marido é atraído para a família daquela; os filhos, da mesma maneira, ligam-se afetivamente e seguem mais os padrões da família materna do que da paterna (56).

Desse modo o branco que se casa com escura “desce” de classificação, porque, de acordo com um refrão muito conhecido, “quando uma moça se casa a sua família ganha um filho”. Ele passa para o mundo das pessoas de côr de que se origina a sua esposa. Ao passo que o homem escuro “sobe” ao integrar-se na família da esposa clara ou alva. Esse é o sentimento dos bahianos, que o Autor, como participante da vida local, conhece e observa. Isso é, de outro lado confirmado analogicamente pelo que ocorre com os casamentos entre pessoas de *status* e fortuna diferentes. Na Bahia, como de modo geral em todo o Brasil, são muito mais aprovados os casamentos de

(56) Para verificar esta hipótese o Autor interrogou a 30 moças de classe inferior e intermédia, alunas de uma escola profissional, sobre a matéria e verificou que 63.3 por cento se consideram mais chegadas á família de suas mães; 26.6 por cento não mostraram preferências; 6.6 por cento inclinam-se para o lado paterno e 3.3 por cento não conhecem seus ascendentes.

rapaz “formado e bom”, ainda que pobre, com moça rica, de alta sociedade, do que os de homem rico com mulher de “classe inferior”. No caso do jôvem “formado e bom”, que são duas condições muito exigidas para êsse tipo de casamento, porém pobre ou de côr, a família da noiva capitaliza aqueles títulos como uma compensação para a troca que faz da sua fortuna ou brancuidade; na situação oposta, os títulos que a moça pobre ou escura possa trazer não têm, ordinariamente, o mesmo poder de compensação para a família do seu esposo.

Os brancos justificam a sua oposição ao casamento com pretos, além das ideologias relativas á inferioridade mental e moral do negro, com a repulsa “instintiva” por certas características orgânicas dos africanos e seus descendentes mais próximos. Certo mulato, educado entre europeus, expressa essa atitude dizendo que “o preconceito de côr não é forte na Bahia mas a instintiva repulsão da raça branca deantes das deficiências da raça irmã, quando pura ou quási pura, — máu cheiro, coloração etc., não deixa de provocar um que outro comentário desagradavel sobre os descendentes de Cam”. Vale anotar que, enquanto o “máu cheiro” dos pretos é considerado alguma coisa de inerente á sua natureza e portanto insanavel, o desagradável odôr corpóreo de portugêses e outros imigrantes é atribuído unicamente á falta de asseio dessas pessoas, o que revela uma diferente concepção do preto. E esta concepção coloca o preto numa categoria fisiológica particular e inferior, mal sabendo muitos

brancos que eles próprios emitem um odor intolerável para os asiáticos e pretos (57).

Funcionando a *côr* e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de *status*, a resistência aos inter-casamentos traduz ao mesmo tempo preconceito de classe e de raça ou, melhor, de "*côr*". E é interessante reparar que muitos informantes dizem que praticamente só existe preconceito de *côr* na Bahia quando se trata de casamento. Muitos brancos também pensam desse modo. Os inter-casamentos são realmente o ponto crítico das relações raciais na cidade. Nesse terreno o comportamento se caracteriza por mais distanciamento e intolerância dos brancos, mesmo dos que são apenas "socialmente brancos", para com os de *côr*, o que exige um máximo de esforço para a acomodação recíproca dos dois grupos e para o ajustamento das personalidades aos padrões em vigor.

(57) É interessante o que se passa com as transfusões de sangue. Quando estas se faziam diretamente do doador para o receptor, muitas vezes os pacientes brancos ou suas famílias preferiam doadores também brancos, mostrando-se constrangidos quando o doador era um mulato ou preto. Atualmente, com o sistema de sangue conservado, quase ninguém pergunta pela "qualidade" do doador, a não ser os judeus e alguns estrangeiros, especialmente europeus, que pedem sangue de pessoas de suas famílias ou de sua "raça". No primeiro caso o que motivava a atitude dos brancos era provavelmente o fato de que o doador deitava-se numa cama paralela ao doente, situação que figurava a intimidade de duas pessoas que dormem juntas.

CANAIS DE ASCENSÃO SOCIAL

O COMÉRCIO

Os comerciantes e fazendeiros têm na sociedade bahiana um prestígio proporcional á importância econômica de suas atividades; as famílias mais ricas são constituídas por êles e a sua influência é notória em toda a vida social. Atravez esses dois gêneros de atividades a maioria dos bahianos obtém a sua subsistência, adquirindo status e exercendo controle sobre outros setores da estrutura social (58).

Os grupos nacionais e raciais, de que se compõe a população da Bahia, participam diversamente do comércio e da agricultura. Enquanto que entre os mais importantes criadores de gado preponderam os brancos e morenos, há entre os proprietários das plantações de cacáu uma alta proporção de pessoas de côr que começaram como pequenos plantadores e alargaram as suas fazen-

(58) As atividades econômicas que ocupam maior número de pessoas no Estado da Bahia são a agricultura e a pecuária (67 por cento dos individuos do sexo masculino); seguem-se em importância a pequena indústria artesanal e o comércio de mercadorias, de acordo com o censo econômico nacional de 1940. Na Cidade do Salvador (Bahia) estão em primeiro lugar as profissões liberais e o ensino particular, que as estatísticas registram englobadamente, em segundo lugar o comércio e muito abaixo as indústrias referidas e toda a indústria de transformação em grande escala, a qual é relativamente pouco importante.

das á medida que o cacáu ganhava importância comercial nos mercados internacionais. As lavouras de cana e as usinas de açúcar, que pertenceram a famílias de origem portuguesa muito conscientes do seu *status* e papel social no período colonial, são hoje propriedade quasi exclusiva de grandes empresas capitalistas em que dominam brancos e raros mestiços.

As atividades comerciais, de diversos tipos, não são exercidas de modo exclusivo por determinados grupos nacionais e raciais mas estão divididas até certo ponto entre aqueles, conquanto a tendência seja para o apagamento dessas linhas separatórias. Os judeus que imigraram depois da primeira guerra mundial e que o povo conhece como *russos* são os principais donos de mobiliarias e começam a interessar-se por outros tipos de negócios; estritamente exclusivistas na organização de suas firmas, consta que raramente têm sócios brasileiros, de modo que os escuros que empregam em seus estabelecimentos ocupam posições subalternas, não atingindo posições de destaque que sirvam á sua classificação nos estratos mais altos da sociedade.

A endogamia característica dos israelistas também contribuiu para que as pessoas de cor não tenham oportunidade nesse setôr. Alguns judeus de origem francesa, que se estabeleceram na cidade durante a segunda metade do século passado e que se orientaram para o comércio e para a pecuária, foram inteiramente absorvidos pela aculturação; as suas famílias incluem hoje alguns mestiços claros e morenos. Os espanhóis que dominam o comércio de mercearias e de pa-

darias, estão organizados em firmas de que só participam êles mesmos e os seus descendentes imediatos. Para manter essa estrutura comercial o grupo renova-se continuamente com a imigração de jôvens da mesma nacionalidade, os quais começam a trabalhar em posições modestas e terminam por constituir novas firmas ou por integrar as antigas. No tempo em que êsses imigrantes vinham solteiros ou deixavam na Espanha as suas famílias, aqui tinham, com as suas empregadas domésticas, filhos mulatos e morenos que eram criados como ilegítimos, sem direitos sucessórios que somente há poucos anos a lei brasileira assegura às pessoas nessa condição. Desde ha cerca de dois decênios os espanhóis começaram a mandar vir ou a trazer para a Bahia as suas famílias, de maneira que hoje constituem um grupo bastante fechado, não só economicamente como do ponto de vista social e, digamos, biológico. Um informante observa que antigamente muitas padarias eram propriedade de pretos; depois os espanhóis as açambarcaram quasi todas, de modo que controlam inteiramente êsse gênero de negócio.

O antagonismo dos bahianos para com os negociantes espanhóis, além das manifestações indicadas noutro capítulo, expressa-se pela crença de que aqueles são os culpados pelas discriminações que se fazem contra as pessoas de côr em alguns clubes recreativos. No comércio de fazendas e miudezas a retalho, que os sírios, libanêses, árabes e turcos fazem em suas pequenas lojas, não há tambem muitas oportunidades para pessoas de côr. Os comerciantes *árabes* aceitam

empregados de côr para trabalharem no balcão de seus estabelecimentos, mas como êstes são geralmente empreendimentos familiares modestos, os seus poucos descendentes mestiços claros e morenos conservam-se nos estratos intermédio e inferior da população.

Nos escritórios das grandes firmas importadoras e exportadoras, constituídas em parte de europeus como alemães, suíços, inglêses, as pessoas escuras são admitidas e podem alcançar posições de responsabilidade mas poucas vezes têm acesso ao quadro dos proprietários. Os comerciantes europeus, dizem vários informantes, têm a fama de serem liberais com os seus empregados e com as outras pessoas de côr com as quais negociam ou que colaboram em suas atividades por meio de serviço portuários, transportes, despacho de mercadorias, navegação. Um rico comerciante mulato escuro informa que tem trabalhado muito, em seu negócio de transportes, para grandes firmas estrangeiras; “os inglêses são ótimos nesse particular: ajudam os seus empregados de côr e os promovem a carteiras de chefia”. Vários deles lhe têm trazido presentes da Europa e o têm convidado a ir ao seu clube, mostrando-se satisfeitos quando alguém fala a sua língua.

“Os negociantes alemães, dos quais havia antigamente firmas muito fortes na Bahia, também se mostravam muito bons para os seus auxiliares de côr; eram, porém, muito ciosos do seu idioma, demonstrando não gostar quando um preto falava o alemão. Algumas outras firmas européias pres-

tan homenagens aos empregados, mesmo os mais modestos, quando êstes completam 20 ou 30 anos de serviços, dando-lhe gratificações nessas ocasiões. Entretanto não os elevam a postos de importância, talvez por não serem competentes. Já o mesmo não acontece com as firmas brasileiras: estas não são acessíveis aos elementos de côr”.

É conhecido na Bahia o fato de que, por ocasião de uma das guerras mundiais, uma importante firma alemã transferiu a responsabilidade dos seus negócios a um seu empregado moreno, que sempre se mostram merecedor de confiança e que no desempenho desse encargo provou ser realmente fiel pois ao fim daquele periodo devolveu lealmente os bens que lhe foram entregues. Um negociante mulato, proprietário de uma loja, lembra que as firmas alemãs ajudavam muito, com facilidades de crédito, aos pequenos comerciantes brasileiros quaisquer que fossem os tipos fisicos destes. “Foi assim, com o auxilio de alemães, que esta casa se fez, informou. Entretanto as grandes casas de portugueses, que antigamente eram as principais entre nós, não ofereciam facilidade aos empregados de côr; nem os admitiam para trabalhar em escritório”. A propriedade de tais firmas transmitia-se, quasi sempre, em linha familiar através o casamento de empregados mais capazes e dedicados com filhas dos proprietários e sócios, o que permite compreender porque na direção das mesmas sucediam-se portugueses e seus descendentes.

Uma mesma firma podia, além do mais, dar origem a duas ou três outras da mesma estrutura graças á competência dos filhos, ou genros dos proprietários que a deixavam para, com auxilio dos páis, se estabelecerem por conta própria.

Pensa um próspero mestre de obras que devido á sua côr preta nunca passou do modesto emprego que teve no depósito de mercadorias de importante casa comercial. Para progredir, afirmou êle, teve que abandonar o comércio e dedicar-se a construções por conta própria. É óbvio que a estagnação de certos empregados em funções de pouca importância corre, na maioria dos casos, por conta de incompetência, sabido que na Bahia em passado ainda próximo, destinavam-se ao comércio os jóvens que não queriam fazer o curso secundário ou que se mostram incapazes de o seguir. A situação está melhorando nesse particular porém o grande contingente dos pequenos empregados é composto, além daqueles, dos jóvens de côr oriundos de famílias pobres e de baixo nível de instrução. Estes têm limitadíssimas possibilidades de ascensão numa carreira que depende da posse de capitais e de treino administrativo.

As grandes lojas de fazendas, de modas, de joias, de artigos femininos preferem, para vendedores de balcão, empregados de "bôa aparência", eufemismo usado para significar pessoas brancas ou de traços muito próximos dos de brancos. Ainda há poucos anos um dos maiores magazins da cidade anunciava pelos jornais que

tinha vagas para vendedoras que fossem de “físico forte, côr branca, idade mínima de 18 anos” (59). Conta uma informante que a sua irmã, apesar de ter traços “finos”, não foi aceita em certa loja muito importante. Fez uma bôa *maquillage*, ageitou os cabelos, que são lisos e “bons”, vestiu-se com elegância, mas não foi admitida: o gerente disse-lhe que preferia moças de cabelos claros.

“A verdadeira razão, explicou a informante, é que as freguezas não gostam de ser atendidas por vendedores escuros. As moças de côr, quando leem anúncios nos jornais procurando empregadas de bôa aparência, não se apresentam porque já sabem que preferem brancas. Só por muita proteção conseguem ser aceitas”. Outra moça medianamente pigmentada e de cabelos um tanto crespos candidatou-se a um lugar no escritório de um grande magazin, mas o encarregado da seção do pessoal disse a ela e a outras candidatas do mesmo tipo que o desculpassem mas que a firma prefere moças claras. Alguem, que acompanhava a nossa entrevista, afirmou que foi um português, sócio da mencionada firma, quem introduziu “êsse racismo” naquele estabelecimento. Numa afamada casa de artigos femininos, de propriedade estrangeira, só se aceitam *morenas finas* ou brancas.

A quási totalidade dos empregados, de ambos os sexos, nas lojas das ruas mais centrais e

(59) *A Tarde*, Bahia 29.XII.43.

importantes são brancos ou morenos. Mesmo nas áreas comerciais mais modestas a situação é aproximadamente a mesma. Em cerca de 150 médias e pequenas lojas de fazendas, miudezas, artigos femininos, louças e artigos domésticos, eletricidade e ferragens, calçados, em farmácias, armazens de gêneros alimentares, padarias, numa rua comercial frequentada pelo operariado e pela população mais pobre, não foi vista nenhuma pessoa *preta* ou mulata escura nas funções de gerente, caixa ou vendedor. Contudo, diz uma informante, as moças de côr clara são mais facilmente admitidas nesses empregos, talvez porque aceitam ordenados menores do que os exigidos pelos rapazes.

As estatísticas colhidas no Gabinete de Identificação da Polícia estadual confirmam essas informações. Os tipos físicos de 273 pessoas registradas, durante alguns meses de 1950, como comerciantes e empregados em casas comerciais, eram os seguintes:

Posição no comércio	Número total	Bran- cos	Pro- tos	More- nos	Par- dos	Mes- tiços
Comerciantes						
s.masculino	46	28	—	12	6	—
s.feminino	1	1	—	—	—	—
	208	80	10	63	42	13
Comerciários						
s.masculino ^{de}	18	8	—	8	2	—
s.feminino ^{de}						
	<u>273</u>	<u>117</u>	<u>10</u>	<u>83</u>	<u>50</u>	<u>13</u>

Vê-se que na posição de comerciantes a maioria é de brancos; na posição de empregados ou comerciários a grande maioria é de côr, mas de

côr clara. Essa a explicação para o fato de ser a profissão de comerciante uma daquelas em que predominam fortemente os brancos (60), em parte porque a ascensão social nesse setor depende de recursos financeiros, de que os grupos socialmente inferiores não dispõem. Os informantes em geral têm dificuldade em indicar os nomes de mais de três ou quatro pessoas de côr com posição destacada no comércio. Apontam-se, todavia, os nomes de alguns negociantes escuros que têm ocupado cargos importantes na Associação Comercial e noutras instituições sociais de categoria elevada.

“Nos bancos também os escuros não fazem carreira”, dizem os informantes. Num importante banco nacional, segundo algumas pessoas, não se admitem pretos nem mulatos muito pigmentados; nas agências que esse banco tem na cidade raros são os funcionários de côr e êstes são sempre claros. Essa seleção é feita, nos concursos de admissão de empregados, julgando com mais rigor os candidatos escuros. Noutros estabelecimentos bancários nota-se menor discriminação. Ainda que os diretores e gerentes dos bancos localmente organizados sejam todos brancos mais ou menos “finos”, aceitam-se funcionários mestiços. Nos escritórios de dois desses bancos contaram-se 13 mulatos claros e morenos, 2 mulatos escuros e 21 brancos. Mas o acesso aos cargos de diretoria e gerência é extremamente difícil porque essas

(60) Pierson, op. cit., p. 243.

organizações, além de serem, em certo sentido, empreendimentos de algumas famílias tradicionais, exigem a posse de capital sob a forma de ações das sociedades que operam os bancos, o que é difícil aos jovens de côr.

Um funcionário público tinha, portanto, bastante razão em dizer que “as pessoas de côr não têm muita saliência no comércio”.

A POLÍTICA

Qualquer brasileiro, ao atingir os 21 anos de idade, pode ser registrado como eleitor desde que saiba ler e escrever e exerça uma profissão lícita. Não importa o seu tipo físico: a lei não faz distinções e os funcionários eleitorais não criam obstáculos ao alistamento das pessoas de côr de um ou de outro sexo. Todos podem, assim gozar do direito democrático de votar e ser votados.

O número de eleitores no Estado da Bahia é de 875 mil e na cidade de 139.500, entre os quais uma elevadíssima proporção de côr. E o número dos últimos está rapidamente crescendo porque a ascensão social das massas proletárias se faz no Brasil pela conquista de vantagens e segurança econômicas mas sobretudo pela aquisição de consciência política e pelo acesso aos direitos civis. Desse ponto de vista a política têm o máximo empenho em promover o alistamento de grandes números de pessoas das camadas inferiores, entre as quais se contam maioria de pretos e mestiços, porque são a gente mais dependente e menos instruída e, por isto, mais dócil á propaganda e á demagogia.

Nos mêses que precedem as eleições gerais, realizadas simultaneamente cada quatro anos em todo o país, os candidatos aos cargos políticos

gastam somas consideráveis e desdobram-se em esforços, pessoalmente e por intermédio dos seus *cabos eleitorais*, para convencer muita gente a registrar-se como eleitor. Os favores que prestam a êstes eleitores são um dos meios com que contam para obter os seus votos. Em consequência os políticos mais populares são os que, mostrando ou fingindo não terem preconceitos de classe e de côr, mais se aproximam dos eleitores humildes, apertando a sua mão e abraçando-os onde os encontram, visitando-os em suas casas ou recebendo-os em suas próprias residências e escritórios e, depois de eleitos, fazendo-lhes as mesmas demonstrações em público ou no interior dos palácios governamentais ou das câmaras de representantes. Muitos políticos são, além disto, ajudados por *cabos eleitorais* pretos e mulatos que prolongam até os dias atuais a lealdade e dedicação de seus ascendentes ás famílias de que êstes foram escravos.

Antigamente, diz um informante, o homem de côr escura não entrava na politica; era *cabo eleitoral* mas raramente se candidatava ou se inscrevia nos partidos. Apesar disso, entre os membros do conselho municipal da Bahia havia sempre um ou dois pretos de profissões modestas, eleitos por influência de chefes políticos. Para a assembléia legislativa estadual eram eleitos alguns morenos e mulatos de *status* mais ou menos elevado. Com a revolução política de 1930 criou-

se, nas câmaras estaduais e federal, a representação classista; dessa maneira vários pretos e mulatos escuros das profissões manuais foram eleitos como representantes dos seus sindicatos. Extinta a representação sindical desde 1937, os homens de côr continuam a tentar a sua classificação social através a participação na vida dos partidos, fenômeno que não é inteiramente novo sinão porque envolve escuros de condição social modesta, pois desde o regimen monárquico vários mestiços, portadores de títulos nobiliárquicos concedidos pelo imperador, representaram a Bahia no parlamento do império e ocuparam pastas nos ministérios nacionais. Pelo menos três ministros do Exterior, escolhidos entre estadistas bahianos no império e na república, foram mestiços de grande talento e prestígio social e político. Um dos mais brilhantes deputados federais bahianos no regimen republicano instaurado em 1889 foi um mulato escuro, engenheiro sanitarista, historiador e linguista de renome. Referindo-se a êste intelectual, alguém disse a um jôvem escuro: "Você não chegará a Presidente da República mas ao menos á projeção de um Teodoro Sampaio". Referindo-se á tradição descrita, um membro do mais alto tribunal de justiça bahiano, mestiço de elevado conceito social e intelectual, afirmou num discurso que a Bahia sempre teve a primazia dessa tradição "de liberdade e de igualdade entre homens que não per-

teuciam á mesma raça e, ás vezes, até a mesma religião” (61).

Nas últimas campanhas eleitorais as atitudes de alguns candidatos para com a gente de côr foram exploradas a favor de uns e contra outros. O mais importante episódio dessa natureza foram os rumores, espalhados em 1945, de que um dos candidatos á presidência da República nutria preconceitos de côr, não permitindo a admissão de pretos e escuros nos serviços de aviação militar que dirigia. Acredita-se que isto contribuiu para diminuir a votação deste candidato na Bahia, apesar dos grandes esforços que o seu partido despendeu para atenuar a generalizada má impressão que, mesmo entre brancos, produziram aqueles rumores. Por ocasião da campanha de 1950 os adeptos de um dos candidatos a governador do Estado distribuíram um boletim em que atacavam um jornal favorável a outra candidato porque aquele publicara um artigo, cujo autor dizia que as pretas hoje em dia tornam-se ridículas por imitarem em tudo as brancas. Nestes dois casos procurava-se tirar proveito de intrigas entre os candidatos e o eleitorado.

De outro lado, uma associação nacional de homens de côr recomendou ao eleitorado bahiano, por meio de folhetos impressos, um branco, candidato a deputado federal, por ser êste “um

(61) Des. Pervillo Benjamin in *Discurso proferido pelo Des. Demetrio Cyriaco Ferreira Tourinho*, Presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, na solenidade de instalação dos trabalhos do Tribunal de Justiça, no Fórum Ruy Barbosa em 1 de março de 1951, *Imprensa Oficial da Bahia*, 1951, p. 50.

batalhador da democracia racial e da causa da valorização das massas pigmentadas que integram o povo brasileiro". Mas uma recomendação como esta ou o fato do candidato ser de côr pode não ter nenhuma influência para a sua eleição, como atestaram os resultados do pleito passado. Um jovem advogado mulato escuro, de personalidade atraente, foi duas vezes candidato a um cargo municipal eletivo; os seus amigos diziam-lhe que, como homem de côr, certamente teria facilidade em ser eleito. Entretanto não o foi e exatamente no distrito da cidade em que se concentra grande parte do proletariado de côr, teve muito poucos votos.

Se bem que alguns líderes escuros pensem que o seu grupo deveria ter representação própria junto ao governo (62), o eleitorado não parece decidir-se por tal critério. Algumas vezes, porém, a côr do candidato é considerada um símbolo do seu *status* e de suas conexões com as camadas inferiores da população. Um dos políticos mais populares da cidade, repetidas vezes eleito para a câmara municipal como "um autêntico representante do povo" é um advogado não diplomado, mulato.

Na diretoria de qualquer dos partidos locais é possível encontrar pessoas de côr, embora os partidos "populistas" e "trabalhistas" reünam

(62) Um escritor moreno afirmou que "os negros que formaram a nossa economia... já definitivamente aculturados e evolvidos reclamam, agora, pela voz de gerações subsequentes, uma posição melhor e mais digna, uma participação mais direta, também nas responsabilidades e nos destinos do Estado", cfr. W. Moraes, *A Tarde*, Bahia 21.10.1950,

sempre mais pretos e mulatos do que os do centro e da direita.

Um preto escuro participa da diretoria de um daqueles partidos ao lado de brancos e morenos, alguns dos quais têm exercido funções prestigiosas no governo estadual. Um comerciante mestiço, rico e de maneira educadas, além de ser um dos dirigentes de um forte partido centrista, foi eleito deputado federal na passadas eleições. Ambos exercem influência e controle sobre seus partidos devido á dedicação e ao apoio financeiro que prestam áqucles. O partido comunista não tem existência legal, mas, segundo alguns informantes, explora as dificuldades da gente pobre estimulando o antagonismo de raças; o jornal que publica na Bahia e os candidatos que apresenta através outros partidos, recebem algum apoio da gente pobre de côr; um dos seus dirigentes mais fortes é um profissional mulato.

Nas últimas eleições numerosos escuros candidataram-se a cargos políticos, mas os registros dos mesmos no Tribunal Eleitoral não incluem indicações sobre o respectivo tipo físico. Mas entre os 103 atuais representantes do povo bahiano nas assembléias legislativas federal, municipal e estadual, existem cerca de trinta por cento de morenos e pardos alguns bastante escuros. Vários deles gozam de muito prestígio e deve-se registrar que absolutamente não se agrupam, naquelas câmaras, segundo os seus tipos ou a sua origem racial. Os políticos fazem juntos as suas excursões e campanhas eleitorais, e o seu prestígio não depende da sua côr mas dos seus traços de personalidade e dos partidos ou chefes poli-

ticos a que estão ligados. É comum lêr nos jornais convites, assinados por pessoas de “qualidades” diferentes, para homenagens a políticos igualmente diferentes. Um deputado bahiano considera-se uma das pessoas com mais traços de negro entre os membros do parlamento nacional mas isso não cria embaraços á sua ação política. Conta-se até que um outro deputado, branco, mais de uma vez falando da tribuna do mesmo parlamento se tem apresentado como “mulato bahiano” para identificar-se melhor como representante do Estado da Bahia.

Há três ou quatro decênios atrás, entre os insultos dirigidos aos adversários políticos em artigos de jornal e até em discursos nas assembléias legislativas, era frequente o epíteto “mulato” ou “negro”. Hoje isso é menos frequente porque o estilo das lutas políticas perdeu muito do seu caráter de retaliação recíproca entre os políticos.

Um episódio dos últimos anos mostra, contudo, que os antagonismos partidários ainda podem expressar-se da mesma maneira. Enquanto um moreno de grande prestígio moral e intelectual ocupou um alto cargo da administração pública bahiana nenhum dos seus adversários políticos referiu-se publicamente á sua “casta”. Depois, entretanto, que deixou aquele cargo, um jornal de outra cidade, criticando os seus atos, publicou um comentário intitulado “Perfil administrativo de um pardavasco”, em cujo texto repetiam-se os qualificativos “mulato” e “pachola” como depreciativos (63).

(63) *O Radical*, Rio 20.IV.51 e 15.IX 51.

Outro político, condenando também a sua atuação no governo, pronunciou um discurso contra aquilo a que denominou de “democracia crioula do crioulo X” (64). A expressão “crioulo” é aqui empregada, não no sentido de natural do país, aplicado mesmo a brancos nos países ibero-americanos, mas de perto ou descendente de negro nascido no Brasil. É igualmente recente o episódio, ocorrido no parlamento nacional, em que um político de outro Estado, julgando-se ofendido pelo jornal dum industrial bahiano, mulato branqueado, fez um violento discurso chamando a este de “mestiço de baixa estratificação” e o convidou para um duelo no estrangeiro (65). Agressões desse tipo, aliás, nem sempre partem de brancos “finos”; em mais de um caso têm sido cometidas por “brancos na côr”.

Conquanto poucas vezes um preto ou mestiço muito escuro haja subido a posições políticas muito altas, é indiscutível que a política oferece às pessoas de côr um dos canais de classificação e de ascensão social na sociedade bahiana, muito embora aquelas agressões traduzam certo antagonismo contra os escuros que ascendem politicamente. Há algum tempo atrás o líder do partido governista na assembléia legislativa estadual era aquele “curiboca roxo” a que antes se fez referência. Por isso a Bahia vem sendo, há muito mais de cem anos, “governada pelos brancos e pelos que assim se consideram” (66).

(64) *Diário Oficial*, Bahia 19.X.51, p. 2091.

(65) *A Tarde*, Bahia 5.X.51.

(66) von Spix e von Martius, *Através a Bahia*, 2.^a ed., Bahia 1928, p. 75.

A BUROCRACIA

Em todas as repartições públicas da Bahia veem-se funcionários de côr, espécialmente nos cargos mais modestos. No passado, e ainda, em muitos casos em nossos dias, os funcionários públicos eram admitidos por influênciã de políticos ou de membros influentes da própria administração pública. Desse modo ingressaram nas repartições oficiais muitos funcionários escuros seu que a isso se opuzesse qualquer barreira ou resistência. Mais cedo que os governos estaduais e municipais, a administração federal instituiu o regímen de concursos de habilitação para o preenchimento dos seus quadros técnicos e mesmo para os meramente burocráticos. Segundo um mestiço que ingressou na burocracia em 1920, “no funcionalismo federal não há favoritismo pelos brancos, porque os cargos são preenchidos por concursos e não se faz opposição á inscrição dos candidatos de côr. Um preto ou mulato educado, tratável, competente, é accito como companheiro ou como chefe sem aborrecimento da parte dos brancos. A não ser quando grosseiros, prevalecendo-se da posição de chefes de serviço para fazer exigências exageradas a brancos e pretos, ninguem se lembra da sua côr”.

Com o aperfeiçoamento do sistema de concursos realizados por meio de exames escritos, cujos autores não são identificados pelos mem-

bro das Comissões julgadoras, um número crescente de escuros ingressa no serviço público, em todo o Brasil, sendo raros os candidatos que se julgam vítimas de discriminação racial. Esse sistema vem sendo introduzido no âmbito estadual e municipal, de maneira que aumentam as oportunidades para quaisquer pessoas que se mostrem habilitadas. Como, porém, ainda influi muito no serviço civil o apoio que os candidatos possam ter de um político ou dum amigo dos administradores da ocasião, compreende-se que as pessoas mais modestas tenham maiores dificuldades em ser nomeadas depois que foram aprovadas; pela mesma razão têm mais dificuldade em obter cargos vantajosos e nos quais possam subir a posições de destaque. No período colonial, alguns dos participantes duma revolução popular ocorrida na Bahia, queixavam-se de que, por serem pardos não eram admitidos a acesso algum, e por isso queriam estabelecer um governo de igualdade em que brancos pardos e pretos, sem distinção de côres, fossem julgados somente por sua capacidade (67). Antigamente, diz um preto,⁴ não se via sequer um moreno em cargos de destaque, o que não é de todo verdadeiro pois os mestiços sempre tiveram atuação de relêvo na administração pública do Brasil desde os tempos coloniais. Hoje, opina outro informante, “sobem os incompetentes por proteção, enquanto que os capazes sobem pelo mérito, independente da côr”. Ele mesmo, apesar de preto retinto, tem chefiado

(67) Afonso Ruy, *A primeira revolução social brasileira* — 1798, 2.^a ed., Bahia 1951, p. 77.

seções em que trabalham brancos e escuros, sentindo-se muito estimado e considerado pelos colegas. Outros são de opinião que os pretos embora admitidos sem dificuldade grande, não têm acesso, sinão excepcionalmente, aos cargos de direção, os quais são ocupados temporariamente, em comissão, por escolha individual dos governantes e dos funcionários mais graduados. Dois informantes ilustram as suas afirmativas, com o caso de um preto que "trabalhou muito, durante uma campanha eleitoral, em favor de um certo partido e no entanto êste, uma vez no poder, não lhe ofereceu, como se esperava, nenhum cargo á altura da sua capacidade ao passo que vários brancos foram nomeados para cargos importantes embora não tivessem mais merecimento do que aquele". Casos dessa ordem por certo que não podem ser simploriamente atribuidos a preconceito de côr, sem uma análise de outros aspetos.

Quanto aos mestiços, as coisas passam-se de modo algo diverso. Eles têm oportunidades e, de acordo com a sua capacidade, são chamados para cargos de responsabilidade, apesar de predominarem os brancos no serviço público. As mulheres de côr, á medida que se eleva o padrão médio de instrução entre as mesmas, vão ingressando no serviço público em concorrência livre com as brancas. Numa das mais importantes repartições da Bahia o controle contábil das vultosas verbas de que dispõe aquela anualmente está quási unicamente nas mãos de uma mulata escura que conferencia frequentemente com o se-

cretário de Estado, imediatamente subordinado ao governador e que é o responsável por aquele setor da administração estadual. Existem, além disso, numerosas moças dos mais variados graus de mestiçagem, em cargos públicos de todas as categorias.

AS CORPORAÇÕES MILITARES

A Bahia não é um centro militar importante. Existem na cidade pequenas unidades do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, corporações em que são aceitos como simples soldados quaisquer tipos; nos seus batalhões não ha sepearação entre brancos e “homens de côr” como no periodo colonial e em parte nos anos em que ainda durou a escravatura. Alguns informantes dizem que na Aeronáutica não é fácil a entrada de um escuro, mesmo como soldado, mas outros afirmam o contrário e um deles menciona um jôven que não só conseguiu ingresso mas venceu certas provas de capacidade e teve como prêmio uma viagem a outro Estado. É verdade que essa corporação, ao mesmo até alguns anos atraz, preferia ter pessoal claro, mas hoje a sua tropa é mixta (68). A Marinha mantém na cidade,

(68) Em agosto de 1942 publicou-se em jornais do Porto Alegre o seguinte edital: “Ministério da Aeronáutica. Diretoria Geral do Pessoal. Quinta Zona Aérea. Base Aérea de Porto Alegre. I-A Base Aérea de Porto Alegre está aceitando voluntários destinados às Companhias de Infantaria de Guarda das Bases Aéreas de Natal e Fortaleza. II — Os voluntários devem satisfazer as seguintes condições: a) — claros; b) — altura mínima 1,662; c) — bôa conduta; d) — até 25 anos de idade; e) — bôa aparência; f) — sabendo lêr e escrever. III — Os interessados deverão se apresentar na Base (sediada em Canôas) das 8,30 às 11,00 e das 13,00 às 15,00 horas. Alvaro de Araujo, Ten. Cel. Av. Cmt.”, *Diário de Notícias*, P. Alegre, 20. VIII. 42.

além de contingentes reduzidos em que se misturam brancos finos com pretos retintos, uma escola preparatória para marinheiros, na qual sempre se accitaram quaisquer alunos. Mas, de quando em vez, vinha dirigí-la um comandante a quem se acusava de não admitir pretos; isso deu lugar, ha uns vinte a trinta anos passados, a veementes protestos. E é significativo que entre os artigos que os jornais diários publicavam sobre o assunto destacavam-se os de um advogado e professor de inglês, líder preto originário de uma colôna britânica da Africa (69).

Esses episódios revelam um dos aspetos peculiares das relações inter-raciais na Bahia, como no Brasil, — o direito que se attribúi ás pessoas de côr de elas mesmas pleitearem os seus direitos, expressando-se por vezes com violência contra os preconceitos; nem só isso lhes é garantido mas diversos brancos finos de posição social elevada, especialmente professores universitários e intellectuais, os têm apoiado, escrevendo sobre os mesmos casos. Atualmente os pequenos aprendizes-marinheiros recrutam-se entre meninos das classes pobres, contando-se entre êles muitos pretos

(69) Num desses artigos dizia o referido preto: "O preto é fator étnico preponderante na formação da mestiçagem, forte em seus variados matizes, no Brasil e, como brasileiro de fato e de direito é, perante a sua Constituição, igual ao branco como cidadão da mesma República. A Escola (de Aprendizes Marinheiros), tendo o direito de escolher, como diz o comandante, êste direito só pode basear-se nos precedentes morais, nas aptidões ou na capacidade de resistência dos candidatos e nunca no acidente fisico da côr". Maxwell P. de Assumpção (Alakija), "Não é natural, Sr. Comandante", *A Tarde*, Bahia 9.II.23.

como se verifica nos desfiles cívicos e militares em que tomam parte. Pretos, mestiços e brancos podem subir nessas suas corporações até os postos de sargentos e sub-oficiais. O acesso ao oficialato, além de requerer curso especializado, oferece outras dificuldades. O Exército é, de todas as organizações militares nacionais, a que se considera mais acessível á gente de côr, mesmo para o oficialato. Entre 12 oficiais superiores que assistiam um desfile militar recentemente identificaram-se 3 morenos, mas convém notar que, sendo o Exército, como a Aeronáutica e a Marinha, corporações nacionais, a oficialidade destacada para servir nos Estados incluí poucos elementos locais.

Os estudantes universitários brasileiros prestam serviço militar frequentemente, durante dois anos, em cursos de preparação de oficiais da reserva do Exército. Os estudantes de côr são admitidos como quaisquer outros e, de acordo com alguns deles, não sofrem discriminação de nenhuma natureza. Mas, como pouco jovens bahianos se dirigem para as carreiras militares superiores, não são muito importantes para êles as dificuldades que os escuros experimentam nesse setôr. Segundo vários informantes, só "mestiços muito disfarçados" atingem postos de oficiais nas forças armadas como combatentes; é mais frequente consegui-lo como médicos, farmacêuticos, intendentes e auditores, posições que são complementares da tropa. Informa um estudante mulato que aspirava ser aviador militar porém que, na dúvida de ser admitido, decidiu-se por outra carreira. As escolas de oficiais não recusam a ins-

crição dos candidatos de côr escura mas êstes, dizem os informantes, quási nunca vencem as exigência físicas e intellectuais requeridas nos respectivos regulamentos. Este assunto provocou vivos debates, há poucos anos, no parlamento nacional.

A Policia Militar do Estado da Bahia é uma organização tradicionalmente popular, em cujas fileiras nunca se fizeram distincões raciais; a sua tropa tem sido constituída por maioria de homens de côr. Dentro do seu primitivo sistema de promoções, soldados mulatos e pretos subiam aos quadros de officiaes e chegavam a exercer o seu comando geral, cargo de muita importância nos tempos de agitação política no Estado, quando o governo estadual necessitava confiar na lealdade dessa tropa. As implicações políticas desse cargo mudaram muito com as mudanças verificadas no sistema democrático brasileiro, mas o mesmo continúa a ser uma posição de importância. Dos quadros de officiaes dessa milícia saíram diversos *escuros* para cargos de responsabilidade na policia civil e na política.

Recentemente criou-se uma escola para a formação de officiaes para essa corporação, de maneira a melhor exercerem a sua função de reserva do Exército. Entre os atuais alunos dos seus cursos ha, porém, poucos *escuros*. Isso pode ser explicado de duas maneiras: ou por um seleção prévia, por ocasião das provas de admissão, succedendo que os *escuros*, por diversas razões, não consigam atingir as condições exigidas; ou porque a carreira de officiaes da milícia estadual vem

ganhando prestígio e em consequência atrai maior número de brancos. Até agora, entretanto, esse oficialato era uma das vias de ascensão social para os jovens de côr. Recentemente foi expulso dessa organização, sob acusações diversas, um preto extremamente pigmentado que atingira o posto de capitão. Num grupo de 27 oficiais moços, cuja fotografia foi exposta num estabelecimento comercial; havia 8 morenos e mulatos claros e 1 mulato escuro. Mas é também certo que a oficialidade superior atual, embora mixta, é predominantemente clara. Também os oficiais escollidos para o comando geral nos últimos anos e para integrarem o gabinete militar de governador do Estado têm sido, quasi sem exceção, brancos ou branqueados. O ajudante de ordens daquela alta autoridade tem que ser "uma figura apresentavel" para dar "boa impressãe" ás pessoas que vão ao palácio do Govêrno ou ás quais aquele oficial vá cumprimentar quando transitam pela Bahia. Essa é uma justificativa admitida por toda a gente.

Entre a oficialidade de duas corporações locais de caráter civil, porém com organização e insignias de tipo militar, a Guarda Civil e o Corpo de Bombeiros, há maioria de escuros; na última, os brancos e branqueados constituem minoria entre mulatos escuros. Isto corresponde ao menor prestígio dessas organizações, ambas aliás muito apreciadas pelos seus serviços á comunidade.

AS ARTES

O povo tem na Bahia a sua arte própria e os artistas que a interpretam de acordo com os seus padrões. Nesse sentido existe uma arte por assim dizer particular da gente pobre e de côr, especialmente no dominio da música e da dança. Mas nas atividades artisticas da camada "superior" da população, a não ser na música, não é saliente a participação dos escuros. Talvez por influência da crença de que os mulatos têm uma inclinação natural para a música, os musicistas de côr são relativamente abundantes e alguns adquirem prestígio e reconhecimento social. Em todas as bandas e orquestras ha uma forte proporção de pretos e mulatos, algumas vezes como solistas. Alguns destes dedicam-se ao ensino e conseguem, desse modo, classificação social mais alta quando, por sua competência, têm alunos das famílias mais ricas ou fazem parte do professorado das principais escolas de música. Dois dos três musicistas bahianos de maior renome nos últimos anos, todos professores de piano e compositores, são mulatos. Um dos mais prestigiosos deles, depois de fazer um curso muito brilhante na Europa, ensinou durante muitos anos na Bahia transferindo-se em seguida para outro Estado; todas as vezes que volta á sua terra êle é cercado de demonstrações de apreço público, sendo numerosos os estudantes e concertistas que, nessas

ocasiões, o procuram para breves cursos de aperfeiçoamento. Toda a Bahia orgulha-se dos méritos desse artista. O outro organizou, com o apoio de pessoas de influência, uma escola de música que rapidamente se tornou muito conceituada pela qualidade dos seus cursos e pelos concertos que realiza frequentemente; após o seu falecimento, a direção da escola passou ao seu filho moreno.

O ensino do violino, que é atualmente feito quási somente por homens, inclui diversos profissionais pretos ou mulatos escuros; no ensino do piano, atividade preponderantemente feminina, assinalam-se morenas e branqueadas de muito bom nome. Uma aplaudida cantora mestiça é a fundadora e dirigente principal duma organização que, com as contribuições de alguns milhares de associados das classes mais altas, tem trazido á Bahia os musicistas mais famosos do nosso tempo. Os jornais diários e as revistas noticiam os concertos que artistas brancos e de côr realizam nos teatros e salões das organizações mais importantes da cidade, publicando os seus retratos e os comentários que a propósito fazem os críticos de arte.

Nas artes plásticas as pessoas de côr não têm uma participação saliente, embora no passado tivesse havido alguns pintores e escultores de certa fama, cujos trabalhos podem ser vistos nas mais belas igrejas barrôcas da cidade. Esses trabalhos são mencionados nos livros sobre arte na Bahia, principalmente nos de um conhecido escritor mulato escuro, Manoel Querino, filho de

escravos que se tornou admirado pelos seus estudos sobre a arte, sobre folclore e etnografia afro-brasileira. O primeiro centenário do nascimento desse intelectual, que escreveu as biografias de numerosos artistas bahianos, não indicando aliás sinão mui raramente os respectivos tipos físicos, foi solenemente comemorado na Bahia como no Rio de Janeiro junto com celebrações em honra a dois outros famosos folcloristas, ambos brancos e um dos quais igualmente bahiano.

Na escola de belas artes da Universidade local têm sido graduados em arquitetura, pintura, desenho e escultura alunos de todos os tipos; no seu professorado existem atualmente pelo menos três mulatos, sendo dois bastante escuros. Contam alguns informantes, contudo, que certo pintor deixou de ser classificado, por causa da sua côr, para um prêmio de viagem ao exterior conferido por aquela escola. Este episódio, ocorrido há alguns decênios, é interpretado de maneiras diferentes pelos informantes.

No teatro as pessoas de côr não têm oportunidades, ao menos as muito escuras. É muito comum ouvir esta queixa. Os pretos, diz um jovem informante, não passam de serventes e carpinteiros em nossos teatros; mesmo para os papéis de "pretos" preferem-se brancos pintados. Acontece, de outro lado, afirma uma atriz amadora morena que as brancas recusam-se a fazer papéis de "bahianas" e é por isto que se convidam moças de côr para tais papéis, mas somente para éstes. Há também certa dificuldade em apre-

sentar juntos no palco atores brancos e de côr, mesmo nas exhibições teatrais promovidas pelas escolas secundárias e universitárias em que o preconceito é indiscutivelmente muito reduzido. Ao menos assim acontece com os atores de traços negroides acentuados. Conta um estudante mulato que tem tomado parte muitas vezes, principalmente por causa da sua voz, no teatro da escola secundária pública em que estuda; quasi sempre executa solos de canto, mas lhe dão mais frequentemente papéis de curandeiro, de pescador e similares. De uma feita foi designado para fazer, com uma colega branca, uma cena de namôro em que os dois deviam andar de mãos dadas. Depois de vários ensaios, ás vésperas da estréia, foi substituído por um branco sob a alegação de que êle já aparecia em muitas outras cenas e era necessário dar oportunidades a outros estudantes. Supõe o informante que, embora o diretor teatral o admitisse, outras pessoas consideraram inconvenientemente que a moça tivesse que fazer uma cena de namôro com um mulato.

O teatro infantil organizado por um conhecido intelectual mestiço tem alcançado um grande êxito, sendo louvado pelos críticos de arte e muito admirado pela população, que acorre aos milhares para assistir aos seus raros espetáculos. Mas um incidente com a Justiça de Menores deu logar a interpretações relacionadas com o preconceito de côr. O caso é que essa organização realizou há pouco tempo exhibições que se prolongavam até noite alta; a Justiça de Menores, invocando a lei que proibe o trabalho de crianças e a presença destas em cinemas, circos, teatros e ou-

tras diversões noturnas, determinou a suspensão dos espetáculos e encetou um processo judicial contra o mencionado intelectual. Na ocasião êste ocupava o cargo de diretor de um departamento estadual de difusão cultural e artística; por sua vez, as crianças que integram o teatro infantil como amadoras, são recrutadas, na sua maioria entre famílias da classe intermédia local. Na opinião de alguns informantes de côr aquelas medidas foram tomadas por despeito em face do êxito alcançado pela iniciativa de um mestiço; um informante ouviu dizer-se, entre passageiros de um onibus, que “o mal dele foi misturar, no palco, crianças de côr com crianças brancas”. Ambas as versões são rejeitadas por muitos brancos e mestiços que discutiram acaloradamente o incidente na ocasião, mas é indubitavel que têm significação para o sociólogo e para o psicólogo social.

Desde há um decênio aproximadamente se vem tentando organizar no Rio de Janeiro e em São Paulo um “teatro negro”. Apesar do apoio de intelectuais brancos de muita influência e da imprensa, os dois ou três grupos que se fundaram para isso têm obtido um sucesso apenas relativo embora tenham á sua frente pretos e mulatos de reconhecida capacidade intelectual e artistica. Quando, há poucos anos, um desses grupos pediu auxílio ao govêrno estadual para vir exhibir-se na Bahia, considerou-se inconveniente a apresentação de um teatro “negro” numa cidade, como a nossa, onde não ha separação de raças. Assim justificou alguém a recusa ao pedido. Na Bahia fundaram-se tambem dois pequenos grupos tea-

trais “para dar oportunidades a pessoas de côr”, como se fez noticiar em um jornal. Nenhum desses grupos chegou sequer a encenar alguma peça. Esse fracasso pode-se explicar de várias maneiras. Uma explicação estaria no fato de que os movimentos de amadores do teatro, mesmo aqueles liderados por brancos de algum prestígio e apoiados por associações recreativas que podem despende com iniciativas dessa natureza, têm sido intermitentes na Bahia e geralmente custam esforço desmedido dalguns amantes da arte teatral; outra é que os responsáveis pelas duas iniciativas foram moços mestiços sem experiência e sem credenciais para obterem apoio. Vale, contudo, registrar que, segundo um destes, a idéia não encontrou aceitação mesmo entre os escuros; “todos duvidam que se possa levar adiante a idéia, e alguns acham que é uma idéia separatista”. E’ possível que outros fatores ajam no sentido de desencorajar essas tentativas.

Sendo o teatro um meio de expressão emocional vicariante de outros canais de libertação das emoções, é aceitável a hipótese de Roger Bastide segundo a qual a gente de côr bahiana provavelmente satisfaz-se através os ritos excitantes do *candomblé* e o culto exterior católico com as suas brilhantes cerimônias litúrgicas, suas frequentes e grandes procissões e as ruidosas festas dos seus santos em torno das igrejas mais populares (70). Certo é que no domínio teatral as possibilidades de ascensão social para os escuros

(70) “Teatro de 30 dias”, *Anhembi*, n.º 10, vol. IV, São Paulo, 1951.

são extremamente limitadas, como, de resto, para os bahianos em geral porque na Bahia a profissão de ator e particularmente de atriz não é muito bem vista. Não só por não existirem emprêsas teatrais permanentes na cidade e por depender a vida teatral da visita de grupos vindos de outros Estados, mas sobretudo por causa do baixo conceito sobre a profissão teatral, pode-se dizer que não existem atualmente atores bahianos. Os poucos que alcançaram algum êxito trabalham noutras cidades brasileiras e raramente vêm à Bahia exhibir-se.

A EDUCAÇÃO

Para muitos bahianos “o preconceito de côr é um problema de educação”. Esse conceito é formulado com diminutas variações mas sempre exprimindo o pensamento de que a diferença de educação, isto é, de maneiras e de nível de instrução, é o maior obstáculo á aceitação do preto e das pessoas de côr no meio dos brancos. Não é raro ouvir dizer, entre escuros, que “o mal é que muitos pretos não procuram a educação necessária”. (Diz um preto que entre os seus companheiros de certa associação pretende-se que os pretos podem ocupar posições elevadas, mas êle costuma mostrar-lhes que aqueles ainda não estão á altura de pretender tais posições pois lhes falta educarem-se e instruirem-se.) “Não basta apresentarem-se bem vestidos, com um sapato de três andares, como supõem muitos”. E ele próprio acrescenta que “o preto educado e instruído tem um ingresso relativo em toda a parte”. E quanto mais claro o indivíduo, tanto mais facilmente sobe se tem aqueles requisitos. Uma moça parda refere que os associados dum grêmio profissional, em que ela trabalha como secretária, tratam-na com mais cortesia, “menos distância”, quando vêm a saber que ela não é uma simples escriturária mas uma professora primária diplomada, “uma pessoa com instrução”.

(Muito conscientes de que a instrução lhes serve muito mais para encurtar a distância social para com a classe dirigente do que para um domínio mais perfeito da natureza, as pessoas de côr, mesmo as mais humildes e escuras, fazem os maiores esforços para mandar os seus filhos á escola elementar, indo aos maiores sacrifícios para mantê-los nos cursos secundários quando já estariam em idade de ajudá-las no trabalho.) Um mulato que tem vivido no norte do país afirma que nisso os pretos da Bahia fazem uma grande diferença dos demais: “aqui as mulheres mais humildes, — lavadeiras, cosinheiras, domésticas, mandam seus filhos para a escola e fazem questão que eles se instruem. Nos outros Estados não ha esse interesse” (71). Os pretos de uma outra grande cidade brasileira, observou um estudante universitário preto, andam muito bem vestidos e calçados, “mas falam mal, empregam muita gíria e não são capazes de uma conversa de certa ordem. Parece que eles não se preocupam em se instruir”.

(A idéia de que a pessoa de côr, para vencer na vida e subir socialmente, deve ser mais preparada e mais capaz do que brancos, é muito generalizada.) “O moço de côr precisa ter muito valor para impôr-se”, diz o estudante antes indica-

(71) Dos 92 alunos, de ambos os sexos, de uma escola elementar pública escolhida ao acaso, 23 eram brancos, 42 pardos e 27 pretos. Os responsáveis pelos alunos de côr (mães, pais, tios ou madrinhas) eram empregadas domésticas, costureiras, marceneiros, carpinteiros, pedreiros, pequenos funcionários públicos, havendo alguns motoristas, empregados no comércio, cosinheiras, lavadeiras etc.

do. (Um grande médico mulato, que fez uma carreira excepcional, tornando-se um dos maiores nomes da ciência brasileira, (*) disse a um informante que um homem de côr, para ser bem sucedido, deve ter o duplo do valor de seu competidor branco porque com os escuros passa-se o mesmo que com duas bolas exatamente do mesmo pêso e tamanho, uma de metal, outra de madeira; quando as tomamos nas mãos, sempre nos parece que a de metal é mais pesada. Também um homem de côr dá sempre idéia de ter menos mérito do que um alvo.)

(Em princípio a escola brasileira oferece as mesmas oportunidades a brancos e pretos, não existindo nenhuma lei que impeça ou sequer dificulte a matricula por motivos de ordem étnica. Entretanto como a escola pública é de caráter popular, gratuita, e a escola particular é uma instituição das classes mais altas, há entre as duas categorias uma sensível diferença quanto ao número de alunos de um e outro tipo. Mas ambas aceitam brancos e escuros.) Da mesma maneira que os brancos são minoria na população total, os alunos desse tipo também são apenas cerca de 35 por cento nas escolas públicas elementares; os pretos atingem a quantidade média de 20 por cento e os restantes são pardos. Nas escolas particulares do mesmo gráu os brancos são tanto mais numerosos quanto mais "seleto" é o estabelecimento. Num destes podem encontrar-se de 90 a 93 por cento de brancos; nos frequentados por estudantes do grupo social intermédio regis-

(*) Juliano Moreira.

tram-se de 15 a 25 por cento de alunos de côr, na maioria porém claros (72). (Nas escolas secundárias públicas e particulares o número de alunos de côr, especialmente os mais escuros, é menor porque êsses cursos são seguidos, em grande parte, por jovens que se destinam às carreiras liberais, as quais são de certo modo um privilégio dos brancos, muito embora sejam acessíveis também aos escuros.) Entre os jovens dos dois sexos, que se registraram como estudantes, durante os primeiros três mêses de 1950 no gabinete de identificação da Policia civil estadual, havia os seguintes tipos:

	Totais	Branços	Pretos	Morenos	Pardos	Mestiços
Sexo masculino	641	349	15	168	83	26
Sexo feminino	705	300	31	245	95	34
	<hr/> 1,346	<hr/> 649	<hr/> 46	<hr/> 413	<hr/> 178	<hr/> 60

Os brancos, nesse total, são apenas cerca de metade, sendo para notar que o grupo feminino incluí maior proporção do jovens de côr. Importa salientar que a recente criação de novas escolas secundárias públicas faz com que quantidades crescentes de escuros passem a êsse gráu de ensino. (As escolas secundárias particulares, além disso, estão gradualmente abrindo as suas portas aos alunos de côr mais escura; há 30 ou 40 anos atraz era extremamente raro um preto em qualquer dêsses estabelecimentos.) Cerca de 1915 uma

(72) Estes dados foram colhidos em relatórios da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e de publicações do Autor sobre trabalhos antropométricos realizados em 1944 e 1947. Para este trabalho o Autor fez verificações em várias escolas públicas e particulares.

dessas escolas recusou matrícula a um estudante muito escuro, o que deu lugar a veemente protesto de um advogado preto; procurando explicar o incidente, a diretoria do estabelecimento declarou que agia de acordo com os padrões em vigor, isto é sob a tácita pressão das famílias de classe alta. Essa resistência diminuí consideravelmente, acompanhando a acensão social de famílias de côr localizados nos estratos inferiores da sociedade. No entanto as escolas femininas, dirigidas por freiras de origem estrangeira, e as coeducacionais progridem mais lentamente nesse particular, apesar de que também já admitem alunos bastantes escuros. Diversos dos informantes fizeram os seus cursos em escolas secundárias particulares, mas a maioria, sendo pobres, cursaram escolas públicas.

(No professorado elementar e secundário há também muitas pessoas de côr, inclusive pretos e mestiços muito negroides. Mesmo nas escolas particulares há professores de côr.) Alguns dos mais renomados professôres de língua portugueza, de latim, de matemáticas, com os quais estudavam os jovêns das famílias mais importantes, eram há meio século atrás mestre-escolas, padres, advogados muito escuros, aos quais muitos intelectuais bahianos ainda hoje se referem com admiração e respeito. (É muito menor hoje o número de professores primários do sexo masculino mas o professorado feminino incluí grande proporção de escuras.)

(A escola normal mantida pelo govêrno estadual é frequentada por numerosas moças escuras dos estratos inferior e intermédio da população.) Entre o professorado elementar, diz um infor-

mante, não se fazem distinções raciais; vários professores, apesar de muito escuros, ocupam cargos de diretores e inspetores de escolas, enquanto que nestas não há separação racial entre alunos ou entre professôres. Os cargos de diretor e de secretário da escola normal estadual, como dos ginásios e colégios públicos, têm sido exercidos várias vezes por pessoas bastante escuras. Durante certo tempo, contudo, os professôres de desenho, de música e de mecânica aplicada dêsse estabelecimentos tiveram uma posição inferior á dos demais professôres: não participavam das reuniões das respectivas congregações e não influíam nas deliberações sôbre o ensino. Basca-va-se essa hierarquização no conceito de que as artes manuais eram menos nobres e que os seus docentes não tinham o preparo intelectual exigido para o ensino das letras e das ciências. Mas um escritor da época, mulato, atribuía aquela "aristocratização do ensino" a preconceitos de classe e de raça, porque o trabalho manual era, então, uma atividade característica dos pobres e dos pretos, isto é dos antigos escravos (73).

(Nas escolas elementares públicas, os alunos, em geral ainda pouco conscientes de seu *status*, tendem a misturar-se indistintamente.) (Os informantes em geral não se recordam de atitudes discriminatórias da parte dos seus colegas brancos e afirmam que dêsse contatos resultam, não raro, amizades íntimas e duradouras.) Uma profissional escura fez, durante o seu tempo de es-

(73) M. R. Querino, *As artes na Bahia*, 2.^a ed., Bahia 1913, p. 39.

colar, muito bõas relações com colegas brancas das classes mais altas, cujas amizades até hoje conserva. Trabalhando em escolas elementares públicas da Bahia, uma psicóloga verificou, contudo, que as crianças agrupam-se segundo os seus tipos físicos mas que têm leve tendência a procurar as mais claras para companheiras de carteira na sala de classe (74). Compreende-se que nessa fase do desenvolvimento e da socialização da criança, esta tem mais facilidade em identificar os do seu grupo pela aparência física, sobretudo se se encontrar longe da sua família, desajudada e não pressionada pelos critérios de classificação social em vigôr na mesma. (Já nas escolas secundárias, dizem vários informantes, os estudantes agrupam-se segundo os seus tipos mas muito em função de *status* social e econômico, verificando-se em cada nível e mais raramente através as linhas de classe, relações primárias entre jòvens dos extremos da escala de côres.) “As filhas de Doutores, mesmo sendo escuras, assevera uma informante, são tratadas com mais atenção, por professôres e colegas, do que as pobres brancas e de côr”. Parecem ser também boas as relações entre estudantes de côr e colegas judeus, a julgar por alguns informes.

Nas bibliotecas podem se ver estudantes de tipos muito diferentes agrupados nas mesmas mêsas, estudando em conjunto. Estudantes de côr não somente tomam parte como às vezes, che-

(74) Aniela Ginsberg, “Escolha de companheiro de carteira”, *Psyke*, n.º 3, Rio 1947.

fiam grupos de excursão ou comandam colegas de todos os tipos em desfiles cívicos. A associação literária criada por um professor preto em um dos ginásios públicos é integrada por jovens brancos e de côr.

(A côr muito escura pode, porém, criar dificuldades em algumas circunstâncias. Um dos fundadores de importante agremiação de estudantes secundários foi um mulato escuro, muito estimado entre os seus colegas; entretanto êle não conseguiu fazer vencer a sua candidatura à presidência da associação porque, segundo lhe constou, um colega branco, comunista, fez crer aos demais que um jovem tão escuro não teria bastante prestígio perante as autoridades educacionais e o público.) Eleito vice-presidente, êle veio a assumir a liderança da associação quando o presidente renunciou; nessa posição conseguiu levar a efeito muitas realizações sem encontrar obstáculos que parecessem relacionados com a sua "qualidade". Ao organizar-se uma excursão a outra cidade, um estudante mulato percebeu que alguns colegas sentiam certo constrangimento em inclui-lo no grupo (78); em vista disto, resolveu

(78) "No Brasil, não há linha de casta. Na medida em que o homem de côr assimila os padrões de cultura da classe dominante, êle é tratado de maneira frontal, muito embora se registre uma forte tendência, entre os brancos, para evitar relações frontais com homens de côr, em situações ornamentais e de acepção estética (diplomacia, salões elegantes, casamentos, Escolas Militares, etc.), Guerreiro Ramos, "Contactos raciais no Brasil", *Quilombo*, ano I, n.º 1, Rio dez. 1948.

afastar-se discretamente, sendo felicitado por um colega branco por êsse seu “gesto elegante”. Ambos os episódios ocorreram há cerca de dez anos passados e os informantes dizem que mais difficilmente ocorreriam nos dias atuais, pois hoje a tolerância é muito maior.

(As relações entre alunos e professores de “qualidade” diversa não têm nada de particular em nossos dias; dependem, via de regra, das características psicológicas de uns e de outros mais do que dos seus tipos físicos.) Porém existem professoras brancas que, nas escolas elementares públicas, se mostram mais severas e talvez intolerantes com as crianças “mais pretas”, perdoando-lhes mais relutantemente as faltas e punindo-as com mais rigor do que ás brancas. Um informante conta que, em sua escola, ouvia a professora dizer: “Este moleque não tem sentimento. Além de preto, não é estudioso”.

(Os alunos das escolas secundárias muitas vezes admiram os seus professores de côr e tratam-nos com o mesmo respeito devido aos professores brancos; as suas atitudes podem, todavia, variar de acordo com o *status* social dos mestres escuros. Alguns destes são particularmente conceituados pela sua competência e pelas suas maneiras brandas. Outros são acusados de tratar diferencialmente os alunos, mostrando-se mais exigentes e, ás vezes, rispídos com os brancos;) em casos tais os alunos queixam-se, entre os colegas, das grosseirias “daquele negro” e fazem circular, secretamente, apelidos e epigramas alusivos ás características negroides dos mesmos.

(Há, de outro lado, professores escuros que têm a fama de maltratar os alunos do seu próprio tipo, informação que é contestada por algumas pessoas; se isso acontece, admite um informante, não é por hostilidade mas por um desejo de estimular aqueles alunos a estudarem mais e assim distinguirem-se dos outros.) No passado houve, contudo, professores brancos que abertamente humilhavam e hostilizavam os alunos pretos, dando lugar por vezes a violentas reações agressivas da parte destes. Há vinte ou vinte e cinco anos ainda lecionavam alguns desses professores. Dificilmente isso aconteceria hoje e se qualquer coisa faz suspeitar dum gesto daquela natureza, o meio reage muito vivamente, desaprovando a atitude "racista". Foi o que sucedeu este ano quando numa escola pública um professor pronunciou palavras que foram interpretadas como alusão depreciativa á côr preta de um estudante. A queixa que o pai desta levou a um jornal diário foi prontamente publicada através um comentário muito veemente, que obrigou o acusado a defender-se. "Antigamente, diz um intelectual mulato, os alunos de côr sofriam muito. Hoje basta que sejam honestos e tenham valor para se reconhecer o seu merecimento". E acrescenta que, no estabelecimento em que ensina e do qual já foi diretor, tem visto estudantes brancos manifestarem-se decididamente contrários a qualquer discriminação contra os seus colegas de côr.

Entre os professores aos quais os alunos dum ginásio particular prestaram homenagem ao concluir o seu curso em 1950 havia 2 morenos, 2

mulatos e 1 preto; dez dêsses 39 estudantes eram, por sua vez, mestiços. Das 137 pessoas diplomadas pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia entre 1945 e 1950, muitas das quais se dedicam ao ensino secundário 2,9 por cento eram pretos, 33,5 por cento eram pardos e 63,5 brancos.

(A educação é, como se vê, um fator de forte influência para a aquisição de *status* entre as pessoas de côr em nossa cidade.)

A RELIGIÃO

As instituições religiosas da Bahia refletem a estrutura de classes e a organização social locais. (Os fiéis católicos frequentam os mesmos templos e misturam-se nos assentos, no côro, na mêsa da comunhão, independente da sua "qualidade". Nas festas solenes, promovidas pelas irmandades e associações ou realizadas pelas paróquias em honra dos seus padroeiros, vêm-se brancos, mulatos e pretos nos lugares reservados, junto ao altar mór, aos convidados de honra e aos "juizes" e "festeiros" encarregados da preparação e do financiamento dessas celebrações. Também nas procissões, homens e mulheres de todos os tipos carregam os andores com as imagens que desfilam ou comprimem-se em torno destas.) Nas associações de piedade também não se fazem discriminações, porém como algumas delas são constituídas de pessoas de classes sociais distintas, a proporção de escuros varia de umas para outras. Isso é particularmente sensível nas irmandades, confrarias e ordens terceiras, — associações com séculos de existência, fundadas para fins de aperfeiçoamento espiritual dos seus associados mas, há muito, transformadas, quási todas, em organizações beneficentes e de auxílio mútuo. Em toda a América latina essas associações foram sempre muito importantes para firmar ou confirmar a classificação social

dos seus membros (79). Quando se publicam nos jornais da cidade os traços biográficos dum bahiano importante, sempre se mencionam as irmandades de que o mesmo faz parte ou nas quais ocupa um posto de direção.

Em certas grandes festas religiosas veem-se alguns homens, que pessoalmente não são católicos “práticos”, isto é observantes, comparecerem com as suas irmandades ou ordens terceiras, vestidos com os “hábitos” característicos das mesmas, empunhando tochas, carregando os andores e desfilando em grupo. Ingressar em determinadas dessas entidades é, nalguns casos, uma prova de posição elevada e de prestígio, que procuram alcançar com o maior interesse. As eleições para a diretoria de uma delas, proprietária de hospitais de beneficiência, de orfanatos e asilos para velhos e possuidora de um patrimônio de grande valor financeiro, despertam extraordinário interesse entre os grandes comerciantes e profissionais que da mesma participam. A posição de provedor, isto é de presidente geral dessa irmandade, a qual não é remunerada e exige muita dedicação dos seus ocupantes, é vivamente disputada porque oferece aos seus titulares oportunidade para revelarem o seu prestígio social e político e as suas aptidões administrativas. Essas agremiações foram criadas no período colonial para, a exemplo do que já faziam em Portugal, congregarem sob o patrocínio da Igreja pessoas

(79) Manoel S. Cardozo, “The Lay Brotherhoods of Colonial Bahia”, *The Catholic Historical Review*, vol. XXXIII, N.º 1, April 1, 1947, Washington, D. C.

dos diferentes grupos sociais e econômicos para fins de aperfeiçoamento espiritual mas também muito para exprimir o *status* das mesmas. Compreende-se, assim, que ainda hoje se hierarquizem segundo as linhas de classes, embora as distinções que as separam estejam se tornando, com as novas condições de vida urbana e com o surgimento de outras instituições com funções sociais semelhantes, cada vez menos nítidas e rígidas. (Existem, por exemplo, conquanto relativamente decadentes e menos exclusivistas, as irmandades de “homens de cor” que antigamente agrupavam, ora escravos, ora os pretos livres ou ainda os mulatos. Várias delas desfilam nas procissões com as suas insignias e vestes e realizam as festas dos seus padroeiros em capelas de sua propriedade, com uma pompa e ruído que apenas lembram as brilhantes solenidades do seu período áureo.) Mas, para muitos homens daqueles tipos, é uma honra pertencer às mesmas e fazer parte das suas diretorias, o que sempre demonstra o seu prestígio no grupo e o reconhecimento de suas qualidades pessoais. (Conservam-se mais prósperas, conquanto também modificadas, as irmandades, confrarias e ordens terceiras de gente das classes altas, em cujos regulamentos ou “compromissos” havia no passado artigos estipulando que nas mesmas só seriam admitidos os “homens bons”, brancos e de determinadas profissões de prestígio.) O estatuto de uma dessas organizações ainda contém as seguintes estipulações: “Art. 4 — Para ser irmão é preciso: 1º — Professar a Religião Católica Romana; § 2º —

Ser maior de quatorze anos de idade e de côr branca; § 3º — Ser de reconhecida conduta moral e religiosa e viver honestamente de algum emprego, ofício, indústria ou renda. § 4º — Não ter sido condenado por delito infamante nem expulso de alguma corporação religiosa de seculares, salvo provando sua reabilitação”. Mas há mais de um século que o conceito de “branco” começou a ser alargado para que pudessem ser admitidos mulatos casados com brancas das famílias nobres ou que tivessem fortuna e situação social de relêvo (80).

Não obstante terem desaparecido ou estarem reduzidos a letra morta os dispositivos estatutários sobre a “côr” dos seus associados ou irmãos, diz-se que algumas dessas agremiações não aceitam pessoas de côr, a não ser, observa um informante, “os pardos puxados a brancos”. E ilustram-se aquelas afirmativas com casos de pessoas que deixaram de se candidatar ao ingresso na alguma delas com receio de serem recusadas por causa da sua qualidade.” Alguns dos exemplos mencionados são evidentemente mais de discriminação de classe do que de raça ou côr. Todavia, refere uma moça morena, que apesar de haver preenchido todos os requisitos exigidos dos candidatos, foi impedida de entrar em uma ordem terceira porque, segundo lhe disse um membro da respectiva diretoria, esta não estava recebendo, naquela ocasião, pessoas de côr. (Entretanto nas mais importantes

(80) Gilberto Freyre, *op. cit.*, II, p. 669.

daquelas organizações ha “irmãos” mestiços claros, “socialmente brancos”, e até mulatos. A proporção em que tais pessoas são aceitas varia, em parte com a tradição profissional de cada organização.) Naquelas dominadas pelos comerciantes reflete-se o que se passa no comércio, havendo menor número de escuros; o padre que dirige uma destas tem, mais de uma vez, advertido os seus associados contra a resistência que fazem ao ingresso de escuros que têm os requisitos morais e espirituais exigidos.

Naquelas outras cujo controle é exercido principalmente pelas profissões liberais e particularmente nas que vão passando de órgãos de classe para organizações beneficentes e de auxílio mútuo, são mais numerosos os indivíduos de côr, mesmo nos cargos de direção. Numa importante irmandade, frequentemente mencionada pelos informantes como muito discriminatória, 49 por cento dos seus membros são comerciantes, 32 por cento das profissões liberais, 7 por cento da burocracia e os restantes são de outras ocupações de categoria média. Pois bem, dos 1,004 associados cujos retratos se podem ver no fichário da mesma, 81.47 por cento são de fenotipo branco, 15.64 por cento são morenos e 2.88 por cento mulatos claros, contudo na sua diretoria todos são brancos. Numa outra irmandade, tradicionalmente governada por juizes, advogados, médicos e outros profissionais, ha 11 pardos entre os 34 membros do seu conselho diretor; na lista dos seus irmãos identificam-se muitos mestiços e até

um preto muito escuro que ocupa importante cargo público. Os sacerdotes, membros de uma ordem religiosa estrangeira, que superintendem essa irmandade têm o direito de vetar os nomes de candidatos que julguem inconvenientes por qualquer motivo, não sendo obrigados a justificar essas decisões; vários irmãos afirmam que êsses sacerdotes quasi sempre explicam as suas objeções e que nunca usam de seus direitos para impedir a entrada de alguém unicamente por ser de côr. Um pardo que tem ocupado importantes posições na administração estadual e que tambem subiu aos cargos mais destacados da sua irmandade, afirma que os padres dirigentes desta, apesar de europeus na sua maioria, têm as melhores relações com os escuros e se mostram mesmo muito carinhosos para com êles, — o que representa uma adaptação aos padrões brasileiros de pessoas vindas de um país em cujas colônias a intolerância racial é um dos motivos de forte tensão.

(As pessoas de côr podem, como se vê, classificar-se socialmente ou confirmar o seu *status* através daquelas entidades e ainda por outros meios relacionados com a religião da maioria.) E' o que ocorre, como já foi indicado, com os juizes" e "festeiros", as pessoas anualmente escolhidas para angariarem donativos e organizarem as festas solenes dos padroeiros de sua paróquia ou capela. Essa escolha, pelo sacerdote responsável ou pela diretoria das associações religiosas, é feita á base do prestígio social e econômico, muito mais do que por outros atributos pessoais

a não ser a moralidade e o conceito em que são tidas as pessoas escolhíveis; assim é que a côr por si mesma difficilmente exclui alguém de vir a ser convidado ou designado para uma daquelas funções. Isso pode o observador participante testemunhar facilmente.

(O sacerdócio católico não é também um privilégio dos “brancos finos”. As Constituições Eclesiásticas em vigor durante o período da escravatura proibiam a ordenação de escravos para que os sacerdotes não ficassem subordinados à condição servil, sem a liberdade e a autoridade necessárias ao exercício do seu *munus*. Excluíam-se os escravos, não os pretos, tanto que no começo do século passado os viajantes estrangeiros admiravam-se de ver padres pretos e mulatos oficiando nas igrejas das principais cidades brasileiras.) E’ que desde os fins do século XVIII os homens de côr podiam receber as ordens sacras e a Igreja se tornara um canal de ascensão social “para as pessoas de condições humildes de todas as espécies, sem se preocupar com as suas origens raciais ou de família” (81). Dessarte, padres pretos e mestiços vieram a destacar-se, na Bahia como em todo o país, como oradores sacros, professores de latim, de filosofia e retórica, de português, como donos e diretores de colégios e como políticos.

(81) Roger Bastide, “Religion and the Church in Brazil,” in *Brazil, Portrait of half a Continent*, p. 339.

Orgulhosos disso os pretos expressavam o seu antagonismo aos mulatos e cabôclos, repetindo uma quadra que dizia

*Tenho visto muito negro
No altar dizendo missa
E o cabôclo ao mais que chega
É a Oficial de Justiça.*

(Nas ordens religiosas, dirigidas em geral por frades europeus ou de formação européia, persistiu muito tempo o preconceito de que os mestiços difficilmente são fiéis ao voto de castidade. Isto deve ter influido fortemente para dificultar a ordenação de religiosos de côr.) Conta um intellectual escuro que, na sua juventude, há mais de 40 anos passados, pretendeu fazer-se sacerdote, ingressando numa ordem religiosa, mas o superior do convento a cuja porta bateu, um espanhol, aconselhou-o a seguir outra carreira. Perplexo com essa rejeição, pediu uma explicação e o superior lhe disse que êle, candidato, não se sujeitaria á disciplina "porque os do seu tipo precisam fazer muito esforço para se conservarem castos". E como o informante julgava que no clero secular estaria mais exposto á prevaricação desistiu da sua idéia. (Assim é que ainda hoje as ordens religiosas têm muito poucos mestiços. Começa, porém, a melhorar a situação com a ordenação de alguns frades e monges morenos e mulatos claros;) na escola apostólica em que uma dessas ordens educa jovens desejosos de ingressarem na vida religiosa, existe atualmente uma

maioria de pardos e cabôclos recrutados entre famílias modestas do interior, particularmente da região rural do nordeste do Estado. Na mesma escola formaram-se alguns mulatos claros, ordenados nos últimos anos.

(Nas ordens religiosas femininas as dificuldades para a aceitação de moças de côr são muito maiores. Nem só algumas dessas comunidades são dirigidas por freiras européias, como ainda é viva nelas a tradição portugûesa de reserva as vagas de freiras para as filhas dos fidalgos e dos altos funcionários coloniais e os de “servas” para as jóvens humildes e de côr.) Por essas razões o número de religiosas morenas ou mulatas branqueadas é, praticamente, desprezível muito embora as existentes sejam de recente admissão.

Entre sacerdotes do clero secular também não se esqueceu ainda a idéia de que “os mulatos são muito inclinados á concupiscência e ao orgulho, quando inteligentes”. Apesar disto, ordenam-se padres escuros. Pelo menos 30 por cento dos 176 padres ordenados no Seminário Teológico da arquidiocese da Bahia, entre 1907 e 1951, eram de côr; dentre os 50 e tanto sacerdotes de côr, identificados nessa lista, pelo menos 7 eram bastante escuros ou pretos. A mesma proporção, aproximadamente, verifica-se entre os 42 padres seculares residentes na cidade. (Entre os padres mais afamados como oradores sacros, convidados para pregarem sermões em atos solenes da vida eclesiástica e nas cerimônias religiosas que precedem os atos de graduação dos alunos das várias escolas da Universidade local, tem havido diver-

sos pardos e pretos, alguns dos quais gozam também de prestígio como vigários de paróquias importantes, como professores e homens de letras. O Seminário Teológico da arquidiocese também tem, atualmente, certo número de jovens alunos de côr, inclusive pretos e mulatos escuros.

OS ESPORTES

Em qualquer estudo sobre os esportes mais conhecidos no Brasil, — o *foot-ball association*, o remo, o *basket-ball*, o *volley-ball* e o *lawn-tennis*, é indispensável considerar que alguns destes são praticados por determinados grupos sócio-econômicos e que outros, depois de serem o passa-tempo dalgum desses grupos, passaram ao profissionalismo.

O *lawn-tennis* é na Bahia um esporte da burguesia, limitado a um número extremamente reduzido de pessoas. Nos campos de um dos principais clubes em que o mesmo se joga, não se vêem, sinão de raro em raro, um ou dois morenos de classe alta, das profissões liberais ou do comércio. Um profissional mulato refere que foi, mais de uma vez convidado por sócios desse clube a tomar parte nas equipes do mesmo, porém lhes respondeu: “Vocês lá são brancos. Lá um dia querem jogar com uma mocinha branca e esta não quer jogar comigo por ser mulato. Eu sou capaz de uma violência... Portanto, o melhor é evitar isto”.

O *basket* e o *volley-ball* são também jogos dos jovens das classes intermêdia e alta, membros dos clubes esportivos e recreativos da respectiva categoria. Alguns dos seus *teams* têm admitidos, excepcionalmente, jogadores escuros, capazes de

cooperarem para as suas vitórias; os retratos dêsses jogadores podem ser vistos nos salões dos luxuosos edificios de alguns daqueles clubes. Existem, além disso, algumas equipes escolares, integradas por estudantes de vários tipos fisicos.

Nos clubes de remo, afirma um informante, a discriminação contra as pessoas de côr era tal, há alguns decênios, que um grupo de rapazes escuros, inclusive seu próprio pái, fundou um clube á parte, o qual, aliás, era admitido ás competições com os demais. Outros informantes esclarecem, no entanto, que a explicação para aquella discriminação estava no fato de que o remo sempre foi, entre nós, um esporte da pequena burguesia — estudantes da classe intermédia, empregados do comércio, funcionários públicos das categorias mais elevadas, em cujas equipes não eram aceitos individuos de *status* inferior isto é das profissões subalternas como soldados, garçons, empregados domésticos, operários. Entretanto, para vencerem certas disputas importantes, desde há alguns anos alguns clubes completam as guarnições de seus barcos, transitoriamente, com remadores de côr trazidos de equipes mais plebéias, que remam nas águas dum lago existente no centro da cidade; são geralmente esportistas de modesta condição social, que atuam semi-profissionalmente.

O esporte realmente popular em todo o país é o *foot-ball association*. Grupos de jogadores, com organização permanente ou transitória, exercitam-se por toda a parte nesse jôgo. As partidas de *foot-ball* despertam extraordinário entusiasmo,

especialmente entre as pessoas do sexo masculino, atraindo muitos milhares de espectadores aos estádios e rendendo vultosas quantias. No começo do século, ao ser introduzido no Brasil por jovens educados na Inglaterra, era um divertimento da burguesia; em seus *teams* provavelmente nunca ou muito raramente tomaram parte jovens de côr. Um destes, contudo, participou durante muitos anos daquelas equipes e tornou-se conhecido e admirado em toda a cidade. Há cerca de 30 anos o *foot-ball* começou a profissionalizar-se; hoje existem poucos clubes importantes de amadores. Na fase atual, do profissionalismo, não se faz absolutamente qualquer restrição aos jogadores mulatos e pretos; êstes são entusiasticamente apreciados e muita gente os considera sobremodo aptos para tal jôgo devido ao comprimento de seus membros inferiores e á sua agilidade. Os clubes mais importantes e ricos disputam entre si tais jogadores e lhes pagam somas elevadas para aceitarem um lugar nas suas equipes. Assim é que muitas destas são quási totalmente constituídas de escuros. Os mais populares *foot-ballers* bahianos são quási sempre pretos ou mulatos escuros. É oportuno referir, contudo, que o renome e a popularidades desses esportistas, a maioria recrutados nas camadas mais baixas da população, não lhes conferem *status* mais elevado; êles têm acesso a certos grupos interessados de perto no esporte, mas não adquirem, por isto, direito a frequentarem as festas recreativas de certos clubes a não ser em muitos poucos casos. Outro aspeto do *foot-ball* é que os seus *teams* são organizados e mantidos por associações que, ge-

ralmente, exercem também atividades recreativas e são dirigidos, com apaixonada dedicação, mesmo com sacrifício pecuniário, por pessoas ricas e influentes do comércio, das profissões liberais, da burocracia. A participação na diretoria de uma dessas associações ou no conselho que coordena as atividades esportivas em todo o Estado da Bahia, é muito cobiçada como uma prova de prestígio ou como um meio para obter apoio político dos jogadores e dos milhares de apreciadores dos esportes. Alguns políticos distinguem-se pelo esforço com que procuram mostrar-se interessados em obter subvenções pecuniárias e outros auxílios para as associações esportivas. Segundo a graduação social de cada uma dessas entidades variam as possibilidades de participação das pessoas de côr em suas diretorias. Um informante que, por longos anos, foi membro do já referido conselho, mencionou os nomes de diversos mulatos e pretos que, por sua riqueza ou por sua dedicação, chegaram aos postos de presidentes e diretores de várias daquelas organizações bem como da federação esportiva estadual.

AS PROFISSÕES LIBERAIS

Um dos aspetos da mobilidade social no Brasil é que uma pessoa de côr, vinda da mais humilde condição econômica, pode, por seu talento e esforço, subir a uma alta posição nas profissões liberais e nos meios intelectuais, adquirindo, dêsse modo *status* muito superior áquelle em que nascera (82). Uma das maneiras de ascender socialmente é, para toda a gente, ingressar nas carreiras liberais, conquistando o prestigioso título de Dr. que, mais ou menos indiscriminadamente, se dá na linguagem comum ás pessôas diplomadas pelas Universidades. E isto é possível tanto para brancos como para pessoas de côr porque no Brasil não existem Universidades separadas para os “negros”; todas aceitam quaisquer alunos. Um advogado preto de origem africana, já mencionado por sua atitude de vigilância em favor dos do seu tipo, escreveu que “para eles (os pretos) estão abertas as portas largas do Templo da Ciência, das Belas Artes, do Comércio, da Indústria e da Agricultura cienti-

(82) “Toda a organização da sociedade tende assumir a forma de *uma ordem de livre competição*, na qual os indivíduos encontram o seu lugar pelo critério da competência profissional e circunstâncias favoráveis, mais que pelo da origem racial”, Pierson, op. cit., p. 420. A mesma observação encontra-se no livro de Ruth Landes, *The city of women*, The MacMillan Co., New York 1947, p. 60.

fica, onde, de par com o seu irmão branco, vá receber os ensinamentos que lhe habilitarão a ser um forte na luta pela vida, atingindo o fim colimado nos arcanos do Direito e da Justiça, da Medicina, dos árduos mistéres da Engenharia, do Comércio e da Indústria e Lavoura” (83).

Com a elevação gradual do padrão da vida dos estratos inferiores da população e com o aumento das facilidades para a educação secundária dos estudantes pobres, graças á criação de novos ginásios e colégios gratuitos oficiais, o número de estudantes de côr se vái tambem elevando dia a dia. Além disto, muitos páis e, no caso dos jóvens de côr, muitas mães de condição modestissima fazem extraordinários sacrificios para assegurarem aos seus filhos um diploma profissional. Há, em consequência, nas diversas faculdades da Universidade da Bahia numerosos estudantes de côr convivendo, estudando, divertindo-se com os seus colegas brancos e agrupando-se com estes em função de *status* e de interésses escolares e inclinações intellectuais. Se, algumas vezes, se vêm grupos compostos somente de jovens de côr, é tambem certo que não há na Universidade nenhuma segregação intencional nem permanente, baseada em categorias com a “raça” ou a “qualidade”. Em nenhum outro meio são mais harmoniosas e isentas de tensão as relações interraciais, afirmam unanimemente os informantes. Entretanto ocorrem fatos de significado discutível, que alguns estudantes suspeitam possam ser

(83) Alakija (Maxwell P. Assunção), “A parábola da velhinha”, *A Tarde*, Bahia 17.VIII.1922.

inspirados por preconceitos de côr. Há mesmo estudantes que têm a tendência a se manterem muito isolados durante todo o seu curso, retrai-dos, afastados dos grupos de colegas; alguns in-formantes dizem que tiveram êsse comporta-mento por desejarem evitar aborrecimentos que pudessem surgir da sua condição de pretos ou mestiços. Outros dizem que tiveram dificulda-des quando se candidataram a cargos em asso-ciações estudantis, quando pretenderam ser ad-mitidos em grupos excursionistas ou quando tomaram parte em concursos como os de orató-ria, cujos vencedores teriam que ir ao Rio de Janeiro como representantes dos estudantes ba-hianos. Um profissional muito escuro diz que nunca sofreu discriminações enquanto frequentou a Universidade mas que ouvia colegas brancos referirem-se a outros do seu tipo chamando-os pejorativamente de “negros”. Mas as interpre-tações dos informantes em relação às ocorrências mencionadas variam.

Pensam alguns que certos episódios são oca-sionados pelo sentimento de inferioridade e pela timidez de estudantes de condição social muito baixa. Enquanto um mulato afirma que os estu-dantes pretos são maltratados pelos colegas bran-cos por ocasião do *trote* aplicado aos *calouros* pelos *veteranos*, dois profissionais de traços acent-uadamente negroides afirmam exatamente o contrário. A estima de estudantes pretos e mu-latos entre os seus colegas e as atenções que aqueles recebem quando se mostram notoria-mente talentosos e aplicados, são evidências tam-bém da refrida harmonia. Nos solenes atos

de formatura misturam-se graduados de todos os tipos despreocupadamente e abraçam-se em sinal de regosijo; também nos grandes quadros, em que se expõem os retratos dos graduados com as insígnias profissionais, estes são agrupados segundo os seus Estados de origem porque a Universidade da Bahia tem alunos de muitas partes do Brasil, mas não segundo os seus tipos físicos.

As relações entre alunos e professores são igualmente boas, não influenciando nas mesmas sinão excepcionalmente a “qualidade” de uns e de outros. Houve no passado, nos decênios que se seguiram á abolição da escravatura, professores universitários que se opunham ao ingresso de estudantes pretos em suas faculdades e que criavam a estes dificuldades para aprovação em seus cursos. Essas atitudes poucas vezes eram abertamente manifestas e, se contavam com o apoio tácito de algumas pessoas, geralmente não eram aprovadas e há muito deixaram de ocorrer. Apenas um dos informantes afirmou que, na Faculdade que frequentou, os alunos de côr não encontravam as mesmas facilidades concedidas aos brancos. Entretanto o prêmio que uma das faculdades oferece anualmente ao aluno que conclui o curso com um conjunto de notas mais elevado, tem^{se} conquistado mais de uma vez por moços de côr (84).

Os estudantes pretos e mulatos são admitidos, como os demais, para estagiar no fôro judicial,

(84) Prêmio Alfredo Brito, da Faculdade de Medicina da Bahia, e Prêmio Manoel Victorino, oferecido anualmente pela família daquele médico e estadista.

nos laboratórios, nos serviços hospitalares da Universidade e de outras organizações, gozando às vezes de oportunidades excepcionais para o seu treinamento sob a direção e orientação de professores de renome. Diz-se, contudo, que a escola de engenharia civil dificultava antigamente a admissão de alunos de côr. Essa escola é particularmente rigorosa e, por causa da limitada procura de engenheiros civis na Bahia até ha alguns anos, tinha um número reduzido de alunos; no entanto ela tem diplomado pretos e mulatos, alguns dos quais alcançaram grande prestígio em sua profissão e noutras atividades intellectuais, contando-se entre estes mais de um diretor da escola. Tomando ao acaso listas de alunos ali diplomados em anos diferentes, verifica-se que entre os mesmos há de todos os tipos, sendo mesmo muito alta a proporção dos de côr; o fato de existirem muito poucos engenheiros civis propriamente pretos pode-se explicar, pois, por ser relativamente reduzido tambem o número de graduados dessa escola em comparação com outras da Universidade bahiana (85).

Segundo um informante mulato “ha um setor vedado aos pretos e aos de côr, o professorado universitário”. E conta que, ao candidatar-se êle mesmo para uma cátedra da Universidade, alguem comentou que reconhecia a sua capacidade, “mas — teria dito — é um mulato...” Ele, contudo foi accito. Dois outros informantes acre-

(85) A Escola Politécnica da Bahia em 1918 diplomou 2 mulatos num total de 23 alunos; em 1948 diplomou 1 preto e 10 mestiços entre 51; em 1949 graduou 6 mestiços entre 68 engraeirandos.

ditam que um jovem profissional, assistente de uma das faculdades, apesar de sua reconhecida competência tem sido preterido na carreira universitária por ser mulato. Os fatos parecem desmentir essas interpretações, pois todas as faculdades bahianas sempre tiveram professôres de côr, embora em proporções variáveis. Na galeria de retratos da mais antiga delas, a de medicina, vêem-se pelo menos oito pardos e morenos que ali ensinaram desde a primeira metade do século passado (86).

Numa lista de 99 professores atuais da Universidade contaram-se 15 morenos e mulatos, havendo uma proporção idêntica na lista de assistentes. Ademais o prestígio científico e social dos professôres universitários não se mede pela sua pigmentação; alguns dos mais renomados intelectuais bahianos são professores de côr, de cujos nomes as suas faculdades se orgulham. Muitos estudantes brancos finos têm preparado as suas teses de doutoramento sob a orientação de tais professores e consideram-se honrados em terem feito como os mesmos o seu treinamento especializado.

As profissões liberais são, indubitavelmente, a via de ascensão social mais franca para as pes-

(86) Os candidatos de côr por vezes encontravam sérias resistências ao seu ingresso no professorado superior. Um deles, o dr. Luiz Alvares dos Santos, na tese que escreveu em 1859 para um concurso para professor da Faculdade de Medicina da Bahia, queixava-se das preterições que vinha sofrendo, nessa sua pretensão, atribuindo-as á sua condição de mestiço. Afinal, após três tentativas, foi admitido.

soas humilde e de côr. Mesmo nas mais prestigiosas dessas profissões, pessoas de todos os tipos podem fazer carreira e conseguir clientela, particularmente os médicos e advogados, entre os brancos de classe alta. Os profissionais registrados nas organizações federais e estaduais que controlam as suas atividades são dos seguintes tipos:

Profissões	PORCENTAGENS DE CADA TIPO			
	Números Totais	Brancos	Mestiços	Pretos
Advogados	1.088	63.8	30.0	1.1
Engenheiros civis	518	72.8	26.8	0.3
Médicos	1.712	81.1	16.9	2.0
Farmaceuticos	173	82.0	14.4	3.6

Profissionais de todos os tipos ocupam empregos em organizações públicas e exercem cargos de direção nas mesmas, chegando por vezes aos mais altos postos sem que isso ordinariamente dê lugar a reparos ou a constrangimento para os seus subordinados. Alguns dos melhores médicos de família têm sido, na Bahia, homens de côr cujos nomes muitas pessoas pronunciam com respeito e gratidão. Um mulato escuro, irmão de uma informante, foi classificado recentemente em 1.º lugar, entre dois colegas brancos, no concurso para importante cargo técnico. Atribuem-se contudo, a preconceitos de côr, segundo outros informantes, as preterições sofridas, no passado, por pretendentes a cargos judiciais. “Não se negavam abertamente os merecimentos dos candidatos de côr mas, na classificação dos mesmos, êles sem-

pre ficavam em 2.º ou 3.º lugar apesar de fazerem provas excelentes”, diz um informante, acrescentando que certo candidato, depois de aprovado, teve a sua nomeação repetidamente protelada. Não obstante isto, na magistratura judiciária há muitos morenos e escuros em cargos de juizes, promotores e pretores. O mais alto tribunal do Estado tem tido diversos juizes de côr, alguns dos quais têm exercido a presidência dessa cõrte de apelação. Apesar de algumas pessoas dizerem às vezes que “a Justiça está muito escura”, assegura um funcionário que “no meio judiciário não vai quem não quer”. Outros cargos relacionados com o poder judiciário são também preenchidos por homens de côr; assim os de escrivães. Os cargos de notário público, por exemplo, só são obtidos por pessoas de muito prestígio; além disso produzem uma elevada renda. Entre os cinco únicos notários da cidade, um é branco fino, de família aristocrática e já ocupou destacados cargos políticos inclusive o de governador do Estado; outro é um preto retinto muito conceituado também pelas suas qualidades morais.

O maior ou menor número de pessoas de côr em cada profissão liberal depende de diferentes causas. Nas menos prestigiosas, como é o caso dos engenheiros agrônomos em comparação com os engenheiros civis ou dos advogados não diplomados em relação aos diplomados, são mais numerosos. Um estudante de medicina muito preto chama atenção para o fato de que os pretos em geral não se dedicam à cirurgia: “alguns tentam essa especialidade mas acabam na clínica

geral. A odontologia também não é uma bôa carreira para êles: qual é a moça branca, enfeitadina, que quer abrir a sua bôca para um preto?”. Nos hospitais públicos, médicos e enfermeiras de quaisquer tipos cuidam dos doentes, enquanto que estes são reunidos, segundo as suas doenças em função de *status* mas não de côr; nos hospitais privados, que recebem pacientes das classes mais altas, admitem-se quaisquer pessoas que possam pagar as taxas em vigor.

O título de Dr. e os gestos de deferência devidos a uma pessoa forinada se dão igualmente a profissionais bancos e de côr, motivo pelo qual alguns destes ainda conservam o hábito de trazer o “anel simbólico” de sua profissão para que possam ser identificados e tratados com a etiqueta correspondente. Além disto, um preto pode manifestar a aspiração de seguir uma carreira de prestígio sem que desperte hostilidade ou desprezo da parte dos brancos, a não ser quando as circunstâncias manifestamente não permitem esperar a realização da aspiração. Entretanto há poucos decênios ainda havia, em certas escolas secundárias e normais, professores que, diante de uma aluna preta que se mostrava pouco inteligente ou pouco estudiosa, a humilhavam dizendo que havia muita gente precisando de cosinheiras ou de lavadeiras e no entanto as pretas estavam querendo ser doutoras.

O Autor solicitou ás professoras de uma escola primária pública que interrogassem os seus 93 alunos mais adeantados, dos dois sexos, sobre

as carreiras que desejam seguir. As respostas obtidas foram as seguintes:

PORCENTAGENS DAS RESPOSTAS POR SEXOS,
SEGUNDO OS TIPOS:

Categoria das carreiras escolhidas	Branco		Mulato		Pretos	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
De prestígio (*)	80.00	62.50	33.00	46.80	44.00	15.70
Modestas (**)	20.00	37.50	67.00	53.20	56.00	84.30

Duas observações podem se fazer a propósito destas respostas. A primeira é que escolares, entre 12 e 15 anos de idade, de famílias modestas, tanto mulatos como pretos, manifestaram a aspiração de seguir carreiras de prestígio, em que predominam os brancos. Isto pode revelar um desejo de fuga das suas situações de inferioridade social e econômica, mas pode também significar a crença na possibilidade da realização daquelas aspirações, o que não seria possível numa sociedade discriminatória. A segunda observação é que as pessoas brancas, às quais foram mostradas as respostas, não expressaram espanto nem reprovação para com as aspirações das crianças de côr.

O folclore brasileiro registra uma anedota que mostra que a Bahia é conhecida como um lugar em que os pretos podem adquirir *status* através as profissões liberais. Conta-se que um

(*) Comerciante, Engenheiro civil, Médico, Fazendeiro, Contador; Médica, Dentista, Advogada, Engenheira civil, Contadora, Pianista, Funcionária pública, Professora.

(**) Mecânico, Comerciante, Tipógrafo, Motorista, Alfaiate, Encanador; Comerciante, Datilógrafa, Costureira.

preto, muito bem vestido, chegou ao Ceará e a primeira pessoa, que o encontrou, logo o chamou Doutor. Admirado de ver que haviam adivinhado a sua identidade, o preto perguntou como sabiam que êle era formado. E a resposta foi muito elucidativa: “Um preto assim, bem vestido, só pode ser criado de inglês ou Doutor da Bahia”.

A VIDA INTELECTUAL

O renome de um intelectual não tem nada a ver, na Bahia, com a sua "qualidade". Os autores que têm escrito biografias de bahianos nem sequer indicam os tipos físicos destes, costume que constituiu um sério obstáculo aos que estudam a contribuição dos homens de côr à ciência, às letras, à arte em nossa cidade. A não ser no caso, por exemplo, de um artigo sobre "Os homens de côr preta na História da Bahia" (87) ou nalguns outros pequenos estudos do mesmo gênero, é praticamente impossível, sem o recurso a outras fontes, verificar quais os escuros que se distinguiram intelectualmente a não ser pelos seus retratos, quando estes, por exceção, acompanham as suas biografias (88). Anda há poucos meses, noticiando a passagem do 1.º centenário do nascimento de Manoel Querino, um jornal o descreveu como "um bahiano pobre e artista, que se distinguiu como tradicionalista, historiógrafo, folclorista, etnógrafo, sociólogo, educador e líder da classe operária a que pertencia e procurava dignificar". Uma outra evidência daquela ausência de descri-

(87) M. Querino, in *Rev. Inst. Geogr. e Histórico da Bahia*, vol. 48, 1923, p. 353 (38 breves biografias).

(88) M. Querino, *As artes na Bahia e Artistas bahianos*; S. Bocanera Junior, *O Teatro na Bahia, 1812-1912*, Bahia 1915; Gonçalo Moniz S. Aragão, *A Medicina na Bahia*, Diário Oficial, Ed. do Centenário, 1923; C. Torres, *Vultos, fatos e coisas da Bahia*, Bahia 1951, e vários outros.

minação é que, entre os intelectuais de que toda a gente se orgulha e que são mencionados como grandes nomes bahianos, estão muitos escuros. Um destes, escrevendo sobre as raças que se misturaram no país, afirma que “em todas as classes sociais, em todas as profissões, mesmo as mais intelectuais, encontram-se no Brasil os descendentes dos referidos cruzamentos” (89). Os intelectuais de côr, além de não constituírem um grupo à parte, são julgados e classificados unicamente pelo seu talento e por suas realizações, ocupando nas associações científicas e literárias posições relativas à sua importância. Quando, em 1923, se comemorou o primeiro centenário das lutas pela independência nacional em território bahiano, um fotógrafo muito conhecido na cidade organizou, com a colaboração de um historiador e professor da Universidade, (*) um grande quadro com os retratos dos intelectuais bahianos que então tinham maior renome: parlamentares, juristas, poetas, prosadores, oradores sacros, biólogos, médicos, musicistas, engenheiros, folcloristas, educadores, jornalistas, linguistas, de ambos os sexos. Entre os 79 intelectuais incluídos no quadro contavam-se um cabôclo e 20 morenos e pardos, alguns bastante pigmentados. Um dos quatro retratos mais em destaque na parte superior do conjunto, era o de Teodoro Sampaio, um mulato escuro, — aqui já indicado como historiador, engenheiro sanitarista e linguista; o seu

(89) Viuva J. Moreira, “Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil, in *Novos estudos afro-brasileiros*, G. Freyre et al., Rio 1937.

(*) T. Dias e Bernardino J. de Souza.

retrato estava na mesma parte em que figurava o de Ruy Barbosa, famoso jurista e tribuno, "o maior dos brasileiros"; os outros dois eram um economista e Ministro de Estado e um professor de Medicina. (*) Os retratos dos demais mestiços ficavam situados entre os de muitos outros intelectuais brancos. Também entre as cem biografias de bahianos mais notáveis do período de 1564 a 1925, que recentemente se publicaram, estão as de doze mestiços que se celebrizaram como poetas, juristas, linguistas, médicos e pregadores, inclusive Luiz Gama, um filho de escravos que, por causa de sua origem, teve, na segunda metade do século passado, grande dificuldade em ser admitido numa faculdade de Direito do sul do país (90).

Essas são evidências suficientes de que na Bahia a classificação intelectual não se faz em referência ao tipo racial ou físico mas segundo uma escala comum a toda a sociedade, em que a cor não é levada em conta. Os críticos literários, por exemplo, afirmam que o maior poeta bahiano vivo é um pardo escuro e que entre os melhores poetas que a Bahia teve nos últimos decênios estavam vários morenos. Também o crítico literário e artístico mais acatado, falecido há muito pouco anos, foi nos anos recentes um mestiço branqueado, que exerceu forte influência nas atividades intelectuais locais durante muito tempo.

(*) Miguel Calmon e Pacífico Pereira.

(90) A. Loureiro Souza, *Bahianos ilustres*, 1564-1925, Bahia 1949

Numa das vezes em que a colônia portuguêsã, festejando o 350.º centenário de Camões, comemorou o Dia da Raça, foi um mulato escuro quem pronunciou, pelos brasileiros, o discurso de saudação aos portuguêses, enquanto que por estes falou um afamado orador sacro da sua nacionalidade; ao comemorar-se, em 1949, o 4.º centenário da Fundação da Cidade o Govêrno do Estado fez publicar, como homenagem póstuma àquele mesmo intelectual mulato, uma de suas obras histórias até então inédita (91).

“Os homens de côr devem muito aos brancos; estes é que exaltam os negros de valor projetando os seus nomes e as suas obras”, afirmou um mulato escuro. “No meio intelectual, diz outro informante, não há preconceito algum de côr”. Assim é que a Academia de Letras da Bahia, instituição que reúne muitos dos intelectuais bahianos de mais nomeada, teve entre os seus 41 fundadores 8 mulatos de vários tons. Um destes, já conhecido como excelente educador, (*) veio a tornar-se nacionalmente célebre por suas obras sobre gramática portuguêsã e pela polémica que manteve, sobre questões de linguística, com o seu antigo discípulo Ruy Barbosa. Foram sócios correspondentes dessa prestigiosa agremiação dois mulatos, — um grande médico e professor universitário e um engenheiro e historiador. Desde a sua fundação em 1917 a Academia

(91) Teodoro Sampaio, *História da Fundação da Cidade do Salvador*, edição da Secretaria de Educação e Saúde, Bahia 1949.

(*) Carneiro Ribeiro.

teve cerca de quinze membros morenos e mulatos, inclusive alguns dos nomes de que a Bahia mais se orgulha. Era também constituído, em grande parte, de homens de côr, o grupo de poetas e prosadores que no começo do século desencadeou o mais importante movimento literário bahiano, sob a inspiração do simbolismo.

OS CLUBES RECREATIVOS

Os clubes sociais e recreativos são o setor de mais difícil acesso às pessoas de cor mais escura, segundo a opinião da maioria dos informantes. Há mesmo quem afirme que são muito fortes os obstáculos à entrada em tais organizações por influência de preconceitos de cor e, simultaneamente, porque as mesmas são dominadas por famílias tradicionais que resistem à admissão de sócios que não sejam do seu grupo social e econômico. Parece, entretanto, que mesmo nos clubes “mais finos” da Bahia há uma gradual quebra das barreiras de classe, nenhum deles conservando-se estritamente fechado nem rigorosamente “aristocrático”, seja do ponto de vista de filiação dos seus associados a famílias de tradição, seja quanto à cor dos mesmos. Tanto mais que os seus grupos de fundadores continham, como todas as agremiações formadas na Bahia, não apenas “brancos finos” mas igualmente pessoas “socialmente brancas” ou “brancas na cor”.

“O preto propriamente preto não entra”, diz um informante, mas, se consegue ser aceito, o que é realmente excepcional nos clubes das classes mais altas, sente-se isolado nas reuniões e festas e tem que constituir, com os do seu tipo, um agrupamento nitidamente marginal. Algumas poucas pessoas de cor bastante escura têm ingressado, ao que consta, em clubes daquela ca-

tegoria, mas em tais casos, diz um líder preto, “admitem é o Doutor, não o preto”. Uma moça bastante pigmentada, que tem ido a festas dançantes em vários dos mencionados clubes, refere que os seus amigos lhe dizem que “os clubes aceitam-na porque você é formada e porque não têm a coragem de excluí-la”. Imagine-se o espanto que teria causado no Rio de Janeiro, diz um informante, o fato de certa profissional preta, talvez por acinte mas certamente por estar acostumada aos padrões da Bahia, ter ido a um baile num dos hotéis de classe alta naquela cidade.

As pessoas claras, contudo, desde que sejam “socialmente brancas”, não encontram barreiras. Estas, além disto, apagam-se á medida que os clubes são mais modestos. Nos clubes de categoria intermédia ou que estão procurando melhorar a sua classificação para receberem sócios de *status* menos baixo, os antigos associados de côr muito escura são mantidos um pouco a contragosto, asseveram os informantes, e difficilmente se dão novas admissões. Um informante mulato, que fez parte durante muitos anos da diretoria de um desses clubes, diz que estes estão procurando “fazer uma limpeza”, aproveitando-se de todas as oportunidades para eliminar os sócios não desejados; essa orientação não é unânime entre as diretorias e tem dado lugar a crises graves. Conta um profissional muito escuro que, ha cerca de oito anos, foi convidado a ir para a séde de uma dessas organizações afim de assistir os desfiles do carnaval; ao chegar á entrada do edificio, percebeu que o porteiro vacilava em o deixar entrar. Não estando presente a pessoa

que o convidara, solicitou entender-se com um dos diretores da associação e êste lhe disse, entre pedidos de desculpas, que não podia permitir a sua entrada porque o clube não estava, na ocasião, aceitando pessoas de côr. O informante diz, aliás, que não conhece outros episódios do mesmo gênero e que o atribui á influência passageira de algum membro da diretoria do clube. Refere outro informante que um mulato de modesta profissão foi recentemente impedido de reingressar num clube de que já fizera parte, atribuindo-se essa rejeição á sua côr porque ele preenchia outras condições para a readmissão. Assim é que ha dois clubes dessa categoria intermédia que são alternadamente mencionados, pelos informantes, ora como accessiveis aos escuros, ora como inclinados a excluí-los dos seus quadros.

Mesmo em organizações mais modestas podem ocorrer episódios de discriminação. Há cerca de dez anos passados uma associação de pequenos empregados do comércio impediu a entrada de pessoas de côr em uma festa que realizava na sua sêde. Isso deu lugar a que, dias depois, uma organização congênere anunciasse pelos jornais que, na excursão recreativa que organizara para comemorar uma data nacional, não haveria “distinção de côr”, explicando que o passero seria “democrático” (92). Mais recentemente um dos diários da cidade publicou a seguinte nota referente um clube de classe intermédia:

“A notícia que nos chega é grave: o clube X está enveredando agora por um

(92) *A Tarde*, Bahia 26 e 27.X.43.

caminho perigoso, o racismo. Na festa de ante-ontem, quando as dansas iam animadas, um diretor ariano expulsou da festa todas as pessoas de pigmentação mais acentuada, o que causou sérios vexames notadamente ás mocinhas que tiveram que se retirar humilhadas da festa. Se o clube X é contra os pretos, que os seus dirigentes avisem com antecedência aos associados, para os devidos fins. Nuncã, porém, forçá-los a sair da séde, o que é deselegante e pode acarretar represálias” (93).

Deante de tais situações variam também muito as atitudes das pessoas atingidas. Nuns casos vão levar protestos aos jornais, mas é muito frequente uma atitude de alheamento, de desintere-se pelas reuniões e divertimentos em tais organizações, mesmo entre mestiços pouco pigmentados e de *status* relativamente elevado que por seus traços físicos e qualificações sociais poderiam ser aceitos mas que, provavelmente por timidez, preferem uma reação negativa de defêsa. Quási todos estes dizem que têm um temperamento esquisito, que sempre foram muito retraídos, que não aprenderam a dansar; chegam alguns a afirmar que, mesmo tendo sido aceitos, raras vezes vão a uma festa nos clubes.

Um preto explica que “muitas vezes o negro não encontra barreiras porque, sabendo do preconceito, não vái a certos lugares, principalmente aos clubes sociais porque na dansa é que o pre-

(93) *ibid.*, 9.XII.49.

conceito se manifesta". Há os que se conformam com isto e compensam-se dizendo que "o preto não vái aos clubes mas é aceito nos congressos científicos e nos meios intellectuais". Outros, no entanto, reagem como um estudante preto para quem aquelas rejeições "deviam estimular a reação das pessoas de côr porque, afinal, os que têm educação e procuram elevar-se não têm onde divertir-se. Mas acontece o contrário, retraem-se". Na verdade são poucos os que se dispõem a enfrentar as resistências e quando o fazem podem ser acusados, mesmo pelos do seu tipo, de serem "metidos", de irem "aonde não são chamados" e de se exporem a conflitos que não vale a pena provocar.

Essas atitudes são, aliás, muito típicas das pessoas pertencentes a grupos sob discriminação que consideram inútil a resistência ao tratamento diferencial a que se acham submetidas. "Sei de um clube em que alguns escuros conseguiram ser admitidos, mas provocando reação, conta um profissional bastante pigmentado. Eu não me submeto a uma crise dessas. Entretanto gostaria de ser aceito, caso tivesse um amigo com força suficiente para me propôr e para vencer a resistência das comissões de sindicância. Isto, contudo, não me interessa mas seria um precedente favoravel a outros. Sei que, se o conseguisse, iria encontrar a hostilidade das moças brancas, as quais sentir-se-iam constrangidas em dansar com um preto. Da parte dos homens não haveria opposição. A moça de côr tem, no particular, mais vantagens porque, sendo levada a um clube por um amigo, noivo ou parente, tem a garantia de

dansar com êste e com os amigos deste aos quais ele a apresenta”. Porém as moças de côr, admitem quási todos os informantes, têm muito mais dificuldades em serem aceitas nos clubes, a não ser como esposas e membros da família de associados. Elas por sua vez, são muito mais conformadas com a sua situação. “Nisto elas se parecem com os homens de côr ignorantes”, observa alguém (94). A recusa de dansar com rapazes escuros não é somente das brancas. Uma estudante muito escura diz que dansa com qualquer rapaz, fazendo questão apenas de que êle saiba dansar bem, “mesmo que seja um pretinho”. Outra, mais clara, confessa francamente que não sente prazer, mas, ao contrário, certo acanhamento em dansar com um homem mais escuro do que ela.

Os clubes “mais finos”, com predominância de associados do alto comércio e da indústria e das profissões liberais, só aceitam pessoas “Socialmente brancas”, isto é de fenotipo europeio ou classificadas como brancas graças á combinação de leves traços de mestiçagem com posição mais ou menos elevada; os clubes de pequenos comerciantes e empregados no comércio, de modestos funcionários públicos e profissionais de *status* baixo, têm um número muito maior de associados de côr, inclusive de mulatos escuros e até de pretos. As proporções em que os tipos físicos bahianos foram encontrados entre os só-

(94) A recusa das brancas em dansarem com pretos, na Bahia e no vizinho Estado de Sergipe, já fôra assinalada, cfr. Felte Bezerra, *Etnias sergipanas*, Aracajú 1950, p. 246.

cios de 2 clubes das referidas categorias foram as seguintes:

Categoria do clube	Número de sócios	PORCENTAGENS DE CADA TIPO FÍSICO			
		Branços	Morenos	Mulatos	Pretos
Alta	1,522	67.21	24.83	7.95	—
Intermédia	1,115	38.02	35.78	25.56	0.62

Nos clubes dansantes de operários, empregados domésticos, soldados, trabalhadores avulsos, os brancos são a minoria e os pretos contam-se em elevada proporção.

Como foi indicado páginas atrás, uma condição para a aceitação de pessoas de cor nas associações recreativas das categorias mais elevadas, é a posse de recursos económicos ou do título de Doutor. Efetivamente, no clube de categoria alta referido no quadro acima o grupo de sócios comerciantes tem 76.89 de fenotipo brancoide, 16.50 de morenos e 6.60 de mulatos claros, branqueados, enquanto que o das profissões liberais tem somente 62.03 de brancoide, 30.05 de morenos e 7.90 de mulatos. Isto confirma a observação de que através as profissões liberais muitas pessoas alcançam classificação social, podendo ingressar nas irmandades e nos clubes sociais, organizações que, além de outras funções específicas, são muito importantes para expressar a posição social dos bahianos.

Muitos informantes afirmam que por sua própria iniciativa não se candidatariam a ingressar num clube social, mas que algumas vezes são propostos por amigos brancos. Pode suceder, todavia, que tais propostas fiquem sem solução

quando as comissões de sindicância verificam que se trata de alguém "muito preto". Os papéis morrem nas gavetas do clube, mas nunca se diz ao candidato o motivo real ou suposto da recusa. Aconteceu com um educador mulato que um seu amigo desejou inscrevê-lo em um clube da categoria intermédia, situado em um bairro da mesma ordem; tomou o seu retrato para o fichário do clube e... nunca mais lhe falou do assunto, donde êle conclui que a recusa teria sido motivada por sua "qualidade".

É claro que nem todos os casos podem ser interpretados, sem mais análise, como exemplos de peneiramento pela côr. Registre-se, todavia, que esse é um setôr das relações sociais em que há certo conflito, muito embora a tensão resultante seja dissimulada por mecanismos de acomodação de parte a parte. De um lado, os clubes alegam não terem dispositivos estatutários proibindo a admissão de pessoas de côr, mesmo pretas, ao mesmo tempo que constróem racionalizações para explicar as ocorrências em que os prejudicados vêm atos de discriminação; de outro lado, os escuros assumem atitudes de defêsa negativa, suprimindo os impulsos agressivos que ordinariamente resultam das frustraões.

Nas festas de estudantes, ainda quando realizadas nos salões dos clubes de mais alta categoria, as restrições á entrada de escuros e á dança entre brancos e pretos reduzem-se consideravelmente. É o que dizem os informantes e a observação confirma. Nas reuniões de familia, hoje pouco frequentes nas classes superiores, tambem se afrouxam as discriminaões. "A familiaridade

quebra os preconceitos”, segundo a expressão de um preto. “Quando aparece um preto numa festa de família êle desperta certa curiosidade e reserva, até que seja apresentado e se sáiba quem é. Dai em diante, sobretudo se é uma amigo da família, não tem dificuldades para dansar mesmo com as moças brancas”, afirma um estudante.

“As moças, em tais casos, não se recusam sinão raramente a dansar com um rapaz de côr, especialmente sendo êste um estudante ou uma pessoa educada; as mães, todavia, fazem certa oposição e se mostram inquietas com a aproximação de suas filhas para com um môço daqueles, talvez temendo um namôro”. Esta informação é de um profissional mulato que tomou parte, quando estudante, em muitas festas de família em casas de brancos.

O PRECONCEITO DE CÔR NA BAHIA

O preconceito de côr pode ser analisado através da formulação da situação racial pelos membros do grupo ou por meio do exame da interação simbólica. Como a expressão verbal de determinada relação social muitas vezes difere do próprio fato, o cientista social, para atingir ou aproximar-se da objetividade, deve atacar o problema pelas duas vias indicadas. Não basta ouvir o que diz um ou outro grupo de membros da sociedade; necessita pesar os pontos de vista de cada um daqueles em referência aos comportamentos observados e interpretados.

No caso das relações inter-raciais, ordinariamente os grupos que entram em competição têm concepções diversas das suas posições. Isto ocorre na Bahia como se pode verificar pelas diferentes ideologias que inspiram e regulam a referida interação.

Para os brancos, sejam os de fenotipo europeide, sejam os simplesmente "brancos" pela sua graduação social e pela assimilação dos padrões de comportamento dominantes, não existe preconceito de côr ou de raça na Bahia. Poder-se-ia organizar uma antologia de opiniões que apenas variam em seus termos mas que exprimem todas o mesmo conceito fundamental de que os brancos e as pessoas de côr apresentam "a êsse respeito

uma situação de exemplar harmonia”, como disse há poucos meses um diário local (95). Bastaria citar a opinião de um escritor de grande renome, expressa em artigos escritos em épocas diferentes e distanciadas, como cronista editorial de um importante jornal da cidade:

“Quer parecer-nos que o problema não existia. Não existia em São Paulo, seguramente, não existe absolutamente na Bahia. É novo, é imaginado, não é real”. (Frentes Negras, *A Tarde*, Bahia 6. XII. 32).

“O isolado problema do negro não existe no Brasil... Ha até províncias brasileiras onde não se percebe, na intimidade das relações entre as pessoas, a presença de um obstáculo que as distancie”. (Congresso de Negro, *ibid.* 18 V. 49).

“Nós, os bahianos, temos a respeito opinião invariavel. A democracia racial brasileira consiste expressamente no repúdio a qualquer manifestação de previlégio em consequência da côr, considerando que as distinções epidérmicas de nada valem em face de uma unidade superior, e todavia indissolúvel, que é a unidade moral do povo na unidade humana da Pátria”. (Racismo idiota, *ibid.*, (24 VII. 50).

Dois outros intelectuais brancos, igualmente muito acatados, em 1921 e 1933 respetivamente, denunciavam as tentativas isoladas de “uma se-

(95) *A Tarde*, Bahia 13.XI.51.

paração de castas contra a qual protesta, indignada, toda a nossa história, contra a qual se erguem, em assomo de revolta, as nossas tradições" (96), lamentando "essa sandice de assoprar o braceiro de ódios raciais já esquecidos... talvez nunca existentes" (97). Após viver vários anos na cidade, um médico de outro Estado afirma que "esta é, sem dúvida, a impressão mais forte que se tem e se guarda da Bahia: a vitória sobre o preconceito racial e a presença do negro, do mulato e do branco que tem pái mulato e avô negro, na vida social" (98).

Mas não é só dos brancos finos, como foi indicado, essa crença. O mesmo conceito é expresso por pessoas de côr que se integraram nas atitudes do grupo branco (99). Um mulato escuro, também intelectual de elevado conceito, afirmou que "nunca os brasileiros, pelos costumes brandos, experimentaram aqui a ferocidade

(96) Pinto de Carvalho, loc. cit.

(97) Prado Valadares, op. cit., p. 20.

(98) Djalma Batista, "Rotreiro da Bahia", *A Tarde*, Bahia 22.II.51.

(99) Na discussão do trabalho de Julian Steward, "Acculturation studies in Latin America: some needs and problems", afirmou Frank Tannenbaum que "In spite of slavery, in spite of the middle passage; in spite of centuries of exploitation, the Negro has not only survived, but one might say flourished. The question again is why. The answer seems to be that the Negro accomodated himself to white man's culture in a way in which the Indian never did... I will be accused of exaggerating when I say, but for the purposes of the argument I think it is true, that the Negro came to be a white man with a black face", in *American Anthropologist*, vol. 45, n.º 2, april-june 1943, p. 205.

desse preconceito” (100). Não é menos incisiva a opinião de um advogado mulato claro: “Constituirá, porém, o negro um problema específico no seio da comunidade brasileira? O motivo, por si só, de se não admitir, nem teórica nem praticamente preconceito da côr, ou de casta entre nós... afigura-se-nos como uma resposta definitiva: não! (101). A reação da maioria dos bahianos deante de uma pergunta sobre discriminações raciais na sua terra seria a mesma daqueles três estudantes da Universidade da Bahia, um dos quais pardo, que, referindo-se a um congresso comunista no estrangeiro, publicaram uma declaração em que diziam: “O mais lamentavel de tudo, porém, foi a atuação de alguns membros comunistas da delegação brasileira. Procuraram com insistência difamar a organização política e social do nosso país, exagerando os seus erros e as suas imperfeições ao ponto de afirmarem existir entre nós odiosa discriminação de raças” (102).

Enquanto os socialmente “brancos” assim se externam, alguns pretos e mulatos têm expressado opiniões não só diferentes como opostas. Aquele profissional de origem africana, anteriormente referido, escreveu em 1922 que observava, da parte de algumas pessoas poderosas, “a sêde intensa de, disfarçadamente, segregarem o homeni

(100) Teodoro Sampaio, discurso, in *Rev. do Inst. Geogr. e Histórico da Bahia*, a. XXVI, n.º 45, Bahia 1919, p. 179.

(101) W. Morais, loc. cit.

(102) *A Tarde*, Bahia 13.IX.51.

preto" (103). Outro líder do mesmo tipo, anos depois, em um artigo intitulado "A eterna injustiça de se depreciar o negro", confirmava aquela assertiva, dizendo que "existe um preconceito querendo... rebaixar na escala humana os descendentes de negros em que a porcentagem em sangue africano é grande e predominante" (104). Falando num congresso de estudos afro-brasileiros em 1935 um sociólogo mulato expressou-se de maneira mais radical e sem dúvida alguma carregada de forte carga emocional sob a influência de sua exaltação política no momento:

"Entregue a si mesmo, dono de uma liberdade fictícia, ganhando mal, vestindo mal, alimentando-se mal, bancando o joguete dos acontecimentos econômicos, embrutecendo-se num trabalho de dez horas diárias em condições anti-higiênicas, sofrendo a opressão racial dos homens brancos (dos senhores do capital) e o desprezo dos próprios proletários brancos, que a burguesia, pondo em prática o velho conselho de "dividir para reinar", insuflava, — o negro viveu ao deus-dará... Essa situação, se mudou no curso destes últimos sessenta anos, mudou para peor" (105).

Um professor universitário mulato, discursando numa solenidade de formatura na Universida-

(103) Alakija, loc. cit.

(104) cfr. Estatutos da Soc. Henrique Dias.

(105) Edison Carneiro, "Situação do negro no Brasil", in *Estudos afro-brasileiros*, 1.º vol., Ariel Edit., Rio 1935, p. 238.

de, dizia lá pouco: "Afirma-se que entre nós não existe o famigerado problema racial, que o negro gosa dos mesmos direitos, das mesmas prerrogativas que o homem branco. Desgraçada utopia. Os elevados setores da vida do País têm suas portas fechadas ao negro" (106). Entretanto outro sociólogo bahiano, moreno, um dos líderes mais influentes dos movimentos "negros" no Brasil, pensa que os fracassos do homem de cor, em nosso país "são atribuídos ao preconceito racial quando, muitas vezes, devem ser atribuídos ao de classe" (107).

Um informante preto, chefe local de movimentos da mesma natureza, afirmou que há um preconceito ativo na Bahia, como em todo o Brasil; êle mesmo desejara protestar contra a declaração, feita a um jornal por outro líder preto, de que não existe, entre nós, problema racial, porém outros pretos lhe pediram para não o fazer (108). Numerosos informantes admitem que realmente se verificam preconceitos ligados à cor, mas acrescentam que isto "é uma questão de tradição na Bahia". Segundo um deles, "as pessoas conservadoras é que o transmitem às novas gerações". Contudo, as experiências dos informantes variam. Uma funcionária morena, de cerca de quarenta e cinco anos de idade, acha que atualmente está mais forte o preconceito: "Pode

(106) Prof. José Lima de Oliveira; Escola de Odontologia da Univers. da Bahia, 1950.

(107) A. Guerreiro Ramos, entrevista ao *Diário Trabalhista*, Rio 24.III.46.

(108) *A Tarde*, 8.II.51.

(109) *A Tarde*, Bahia 8.II.51.

ser que existisse, mas eu não reparava. Sei de pessoas de merecimento que são tratadas com certo descaso por serem de côr. Por isso muitas delas se retraem dizendo "Ora, quem vái ligar a mim... Eu sou preta". Um comerciante mulato, muito relacionado entre brancos, assegura que as relações têm melhorado "no plano íntimo"; os pretos e os mulatos são recebidos nos lares fazendo amizades, mas "no plano social a coisa continúa no mesmo; êsses mesmos que mantêm amizade com pessoas de côr não querem admiti-las nas sociedades recreativas e noutras associações".

Não é raro ouvir dizer que as pessoas mais escuras sentem certa pressão na vida social e mesmo profissional e que na intimidade comentam frequentemente o assunto. E' muito frequente, todavia, a afirmativa de que a situação é, em todos os sentidos, muito melhor na Bahia do que noutros Estados brasileiros; nalguns deles, particularmente da região industrializada do sul acredita-se que haja conflito aberto entre os brancos e os de côr. "Em São Paulo, por exemplo, diz um profissional que tem visitado repetidas vezes os Estados do sul, é peor por causa dos estrangeiros; na Bahia há a vantagem de não existirem muitos estrangeiros". Outros admitem que os pretos é que, por suas atitudes hostis, criaram o problema em São Paulo. "No Rio, por ser um meio mais brasileiro, a situação é melhor". Alguns pensam que os estrangeiros, mesmo na Bahia, são muito responsaveis pelas discriminações verificadas, apesar de que a maioria deles se adaptam aos costumes locais e tratam

como “brancos” os homens escuros de posição elevada. Essas comparações são quasi sempre, acompanhadas com a descrição de episódios de discriminação e de antagonismo hostil que os informantes supõem não ocorrerem na Bahia (110).

Quasi todos, além do mais, insistem em dizer que estão melhorando sensivelmente as relações inter-raciais na Bahia, embora noutras partes do Brasil haja sinais de agravação. Sobre as tendências do problema há, porém, dúvidas entre as pessoas de côr. “Racismo existe, mas oculto, porém está desaparecendo”, — pensa um profissional preto; “Mas não creio que deixe de existir inteiramente; sempre haverá, mesmo que seja disfarçado e discreto”. Diz um outro que “a situação tende a mudar com a ascensão social das pessoas de côr e com a maior facilidade de educação. Pode até piorar, mas agora é tarde demais para se separar os brancos dos pretos,

(110) Um dos exemplos mais frequentemente mencionados é o de barbearias de alta classe, do Rio e de S. Paulo, que se recusam a atender a freguezes de côr intensa, mesmo quando se apresentam bem vestidos e com maneiras educadas. Um dos informantes recorda-se de que, há cerca de trinta anos passados, apesar de estar vestido com traje de cerimônia para ir a uma audiência com o governador do Estado, não pôde ser atendido em uma barbearia de um mulato, seu conhecido, que lhe pediu por isto muitas desculpas explicando que temia dificuldades com os freguezes brancos. Outro afirma que ainda se registram casos desta natureza, mas que “por causa de marinheiros americanos, cheios de dinheiro”, desde a última guerra as barbearias fazem menos discriminação contra os pretos locais.

até porque há famílias em que uns são escuros e outros podem passar como brancos”.

Diversas evidências, indicadas nesta exposição, mostram que as pessoas de côr estão sujeitas, entre nós, a um tratamento categórico (111). As marcas dêsse tratamento, que coincide frequentemente com sentimentos de classe, podem ser percebidas na personalidade de vários dos informantes. Um destes fez um reparo muito expressivo: “O preconceito existe, no duro, tanto que se encobre a *casta*”. Mas entre negar e querer dar um relêvo desmedido ao problema não há sinão uma diferença no modo de formular crenças e atitudes defensivas dos grupos em causa.

A posição dos que negam inteiramente o preconceito é a de quem formula um padrão ideal de relações, inspirado “no desejo de que não houvesse (o problema), ou no vão intento de contribuir para que a sociedade o esqueça” (112). Os que exageram as proporções da questão poderiam ser personalidades inadaptadas (113), o

(11) Tratamento discriminatório á base de prejuízos, ou preconceitos, sobre as características de determinados grupos ou categorias de individuos. Ver “contacto categórico” in *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, de Donald Pierson, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, p. 445.

(112) R. Almeida, loc. cit.

(113) Até que ponto as dificuldades experimentadas pelas pessoas, de côr são realmente devidas a barreiras raciais só um estudo psicológico poderia elucidar, porque, sem negar a possibilidade de que muitas pessoas sofram resistências por motivo da sua côr, é preciso ter em mente que aquelas podem recorrer a certos estereótipos e racionalizações para projetar as suas deficiências e defeitos de per-

que não ocorre sempre; essa exageração é um poderoso meio para chamar atenção para um problema que se supõe inexistente ou sem importância e funciona também como uma forma de agressão contra o grupo discriminante.

Um sociólogo, que admite a existência do problema, é muito exato em dizer que “êsse preconceito é leve e sorrateiro. Procura esconder-se nas obras do inconsciente coletivo e reage, envergonhado de si mesmo, ás tentativas de expressá-lo ou expô-lo á luz da consciência. Mais vigorosa ainda é a reação quando suspeitamos qualquer esforço de cultivá-lo. Tolerase que êle viva como sentimento inconfessado de classe ou de prestígio social, mas experimentamos imediata repulsa se se tenta elevá-lo á forma de instituição ou de espírito de casta” (114).

sonalidade, a sua incapacidade profissional, sobre os brancos e as suas instituições. Ver, a êste respeito, Kimball Young, *Handbook of Social Psychology*, London (1948), p. 277.

(114) Nelson Sampaio, “Democracia racial”, *Forum*, vol. IX, fasc. 21, Bahia 1945.

OS MOVIMENTOS “NEGROS” NA BAHIA

(Há cerca de vinte anos, quando o proletariado urbano brasileiro começou a ganhar consciência da sua existência como grupo, surgiu no sul do país um movimento destinado a agrupar “a Gente Negra Brasileira” com o fim de “obter representação política, defender os direitos e elevar educacionalmente os negros”.) De São Paulo, o maior centro industrial brasileiro, a Frente Negra começou a expandir-se para algumas outras cidades. Em novembro de 1932 um grupo de menos de dez modestos homens de côr, quasi todos pretos, fundava a Frente Negra na Bahia. (Até então as únicas organizações de “gente preta” existentes na cidade eram as irmandades e algumas associações operárias e beneficentes, nenhuma das quais tinha a finalidade expressa de defesa das pessoas de côr contra os preconceitos raciais.) A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada desde 1832 como irmandade religiosa e beneficente para pessoas “exclusivamente de côr preta”, afirmara em uma publicação comemorativa do centenário de sua fundação, que “falar do ideal do iniciador desta grande obra de filantropia é esmagar o preconceito de epiderme da terra brasileira”. Contudo essa organização não registra em seus estatutos atuais, reformados em 1948, nem assinala em seus relatórios anuais sinão atividades beneficentes e de auxílio mútuo, —

coisa que os informantes, inclusive membros da sua diretoria, confirmam.

A imprensa local, ao surgir a Frente Negra considerou “uma novidade para a Bahia a notícia de que os homens de côr, para os quais não se fazem distinções, tanto que os há em todas as carreiras e postos, vão se congregar” (115). Um professor da Universidade, num artigo irônico, chegou a levantar a hipótese de que o movimento fosse resultante de influência comunista que se estivesse aproveitando da agitação política da ocasião (116). Uma das primeiras atividades da Frente, que desagradou às pessoas escuras de status mais elevado, diz um informante mulato, foi um desfile de pobres pretos por uma das ruas comerciais da cidade, com o fito de mostrar a miséria em que viviam aqueles e de despertar atenção para a nova organização. Segundo o mesmo informante, o movimento “já nasceu fadado ao fracasso”, pois fôra organizado “como uma espécie de revolta”. O fundador e líder desse grupo era um operario que vivera em São Paulo e ali participara de atividades idênticas; premido por dificuldades pecuniárias e cedendo também aquilo a que êle mesmo denominou, em entrevista a um diário, de sua “sorte de judeu errante”, no ano seguinte regressou ao sul do país desiludido do êxito do seu empreendimento, que não encontrara apoio e assim viria a extinguir-se em breve prazo.

(Enquanto isto, crescia a inquietação política no país, rebentava uma revolução e surgiam os

(115) *A Tarde*, Bahia 24.XI.32.

(116) Prado Valadares, loc. cit.

partidos das extremas direita e esquerda aumentando a confusão que em 1937 culminaria com a ditadura por cerca de oito anos. Nos primeiros meses daquele ano organizou-se na Bahia a Sociedade Henrique Dias, assim denominada em honra de um soldado preto que se tornara famoso nas lutas contra os invasores holandeses durante o período colonial.) Os fundadores dessa nova entidade, além de muito mais numerosos do que os da anterior, eram homens de status profissional e social mais alto, conquanto na maioria modestos. Os seus líderes intelectuais eram um advogado e antigo juiz, figura central do grupo, doze jovens médicos, um juiz, um farmacêutico, oito advogados não diplomados, dois jornalistas, um musicista e um estudante universitário; os demais fundadores foram vinte e um pequenos funcionários públicos, três comerciantes, seis construtores civis, quatorze empregados no comércio e sessenta e oito artífices. Todos estes assinaram a ata de fundação.

(A Sociedade é, de acordo com os seus estatutos, “composta de pessoas brasileiras, sem distinção de cor” e tem como finalidade “pugnar pelo conagraçamento e união entre pessoas de cores epidérmicas diferentes, desenvolver a educação, principalmente dos associados e suas famílias, dar-lhes assistência, realizar diversões, praticar esportes e comemorar datas cívicas”. Um dos artigos desses estatutos estipula que se prestarão homenagens ás pessoas que tiverem destacada ação social “na defesa da Sociedade, da Pátria e da igualdade racial”. Em um folheto de propaganda, o fundador da Sociedade expli-

cava que o nome do mencionado soldado “expressa simbolicamente união racial e ação social elevada, porque isso o fizera Henrique Dias, uma vez que fôra um traço forte entre a raça negra, que trabalhava materialmente o Brasil, e a raça branca que o governava e defendia”. Continuando a argumentar, acrescentava que “tudo isso vem demonstrar a razão de ser da igualdade racial, e a sem razão do preconceito que quer inferiorizar uma raça a outra; e vem justificar a existência da Sociedade H. Dias que, propondo-se desenvolver um combate a êsse sentimento de preconceito, o quer fazer pela união de indivíduos de epidermes diferentes, pela realização de um programa educativo”. (Essa associação, diz um informante em carta ao Autor, “foi uma consequência das Frentes Negras e nasceu para combater o preconceito racial que o nazismo quiz introduzir no nosso país quando preponderou o integralismo.) E’ de notar que a situação era tal que os negros tinham medo de ser e de se dizerem negros, porque isso era suspeito de comunismo.) E de uma feita um jornal disse mesmo que era comunismo. Mas, passou o Estado Novo, veio a democracia e a nossa associação continúa”. Essa organização ainda existe mas também não alcançou grande êxito ou prestígio; a sua diretoria raramente se reúne e desde que o seu líder mudou-se para o interior do Estado, onde atualmente exerce as funções de Juiz de Direito, tem praticamente uma existência apenas nominal, limitando-se a fazer funcionar, graças a uma pequena subvenção federal, uma modesta escola primária num bairro pobre.

(Um dos fundadores dessa Sociedade, inaugurou em 1946 um outro movimento, a Campanha do Pi Racial, (*) com o fim de: “extinguir, anular, abolir o complexo de inferioridade (dos mais escuros); desmoralizar, esclarecer e purificar um falso complexo de superioridade (dos mais claros) para que, por processo educacional justo e perfeito, não haja mais, no Brasil, negro ou branco mas simplesmente brasileiro”. A não ser uma ou outra publicação sob a forma de “anexins, cogitações e máximas” sobre a inferior condição dos pretos, essa campanha se faz através “conferências de filosofia espiritualista” pronunciadas pelo fundador, um médico de modesta clientela e professor de escolas secundárias. (Também este movimento não tem a repercussão e o prestígio esperados pelo seu fundador,) tanto que êste pensa agora em estabelecer na Bahia uma sucursal da União dos Homens de Côr, criada há alguns anos no sul do país. Mas, enquanto êle acredita na existência do preconceito de côr e o quer combater, o secretário geral da referida União, em declarações a um jornal baiano por ocasião de uma visita à Bahia, diz que “no Brasil não há em verdade preconceito de raças. E tanto isso é exafo que, a despeito de ser o nosso principal objetivo congregar os homens de côr de todo o país, a União tem as suas portas abertas a cidadãos de outras raças, mesmo porque não temos nem seria possível conceber uma agremiação separatista nestas terras de todos” (117).

(*) Pi, letra grega (π), adotada pela Campanha como símbolo de aproximação.

(117) *A Tarde*, Bahia 8.II.51.

A Federação do Culto Afro-Brasileiro, organizada para agremiar os grupos de culto, e o Centro de Estudos Afro-Brasileiros (*) são, como indicam seus próprios nomes, organizações de outra natureza. Nem os seus estatutos nem as suas atividades se relacionam diretamente com os programas de ação social em favor da gente de côr.

(Como se vê, os movimentos “negros” têm na Bahia uma existência e uma atuação muito precárias. De ordinário reúnem quasi exclusivamente pretos e mulatos escuros de condições relativamente modesta e, realmente, não exercem verdadeira ação social e política.) Não são, também, grupos de hostilidade mas, na verdade, grupos de acomodação que 1) procuram aproximar brancos e escuros, 2) evitam toda a luta ou antagonismo para com o grupo dominante e, em última análise, 3) têm como finalidade fundamental a integração, digamos mesmo a aculturação da gente de côr, sobretudo dos pretos, nos padrões de comportamento, nas atitudes, nas concepções da existência dos brancos, para que possam ser aceitos e classificados na sociedade baiana concebida como um todo.

Não é difícil perceber que os padrões “brancos” são os padrões que todos na Bahia, — brancos, mestiços e pretos, procuram realizar em suas vidas e que ser de côr não é considerado desejável; os pretos, por exemplo, nem sempre conseguem dissimular certa vergonha de muitas coisas da sua cultura de origem, particularmente aquelas que

(*) Denominado, desde 1952, Centro de Estudos Etnográficos.

fazem mais vivo contraste com a cultura de procedência européia, como a religião. O que parece explicar isso é que a gente de côr sente-se, tanto quanto os brancos, acima de tudo brasileira, isto é integrada ou desejosa de integração na cultura luso-cristã e já agora neo-brasileira das classes dominantes. Um advogado e um sociólogo, ambos morenos e bahianos, expressaram há pouco tempo o temôr de que os movimentos "negros" no Brasil assumam tendências segregadoras. Mas alguns líderes desses movimentos na Bahia são apontados, pelos informantes, como adeptos daquelas tendências; entretanto esse "isolacionismo", acrescentam, não consegue vencer. "Até agora eu não quiz fazer parte de determinada associação, mas, como não ha mais racismo nela, vou entrar", afirma um preto.

(A posição dos escuros de status profissional e social elevado é geralmente de alheamento por esses movimentos; muito poucas na verdade prestigiam-nos. Quando muito, dão a sua adesão nominal e fazem contribuições pecuniárias para os mesmos, mas acompanham de longe as suas atividades, evitando toda publicidade a seu respeito, embora simpatizem com o programa dos que se propõem a elevar pela educação os pretos humildes. Em referência aos movimentos nacionais externam-se com franca desconfiança de suas reais finalidades e intenções. Na opinião de um educador, "não ha motivo para as pessôas de côr se agruparem em função da sua qualidade. Isso teria o caráter de luta, que é indesejavel. O pardo e o preto devem procurar entrar pelas portas largas do merecimento, sem necessidade de forçá-

las”. (Outros consideram tais organizações inconvenientes porque representam o reconhecimento de que existem discriminações, ou porque tendem a agravar estas, emprestando-lhes proporções que não têm na Bahia.) Um jovem profissional afirma que encara com medo aqueles movimentos, “temendo o ridículo, pois os seus promotores revelam um desajustamento social”. Alguns são da mesma opinião de um mulato, muito conceituado em sua profissão, o qual assevera que se recusa a participar de tais grupos, não para negar que seja de côr, mas porque os considera injustificados.

(Os métodos de ação adotados pelos movimentos “negros” são igualmente criticados. Um politico escreveu que “os negros e mulatos procuram unir-se em congressos e associações, mas dão á luta um cartâer apenas doutrinário ou não lançam mão de todos os recursos de que em sua fraqueza podem dispôr”) (118). No artigo de jornal em que assim se expressava, êle próprio propunha um boicote nacional das mercadorias produzidas por uma fábrica que se recusara a admitir uma empregada de côr. Ainda que o seu artigo fosse muito veemente contra essa empresa estrangeira e terminasse por um apêlo vibrante á gente de côr, não consta que na Bahia tivesse qualquer efeito prático. Os líderes dos movimentos, de outra parte, queixam-se de que não são compreendidos e não recebem o necessário apoio. Segundo um deles, “O preto da Bahia não se convince de que é preto”. Outro afirma que o afri-

(118) Nelson Carneiro, “No Brasil não tem disso, não!”, *A Tarde*, Bahia 18.I.51.

cano era boa coisa mas que “o seu produto é pôdre e por isto não vão adiante os movimentos que surgem para defendê-los”.

(Com relação à lei federal, recentemente posta em execução, contra as discriminações religiosas e raciais, os informantes em geral apenas têm vaga notícia da sua existência, desconhecendo o seu texto.) Uns consideram-na útil para certos casos, como o de hotéis que recusam hóspedes pretos ou para acabar com as barreiras que impedem os jovens de côr de ingressarem na carreira diplomática ou no oficialato de algumas corporações militares. Outros acham-na simplesmente desnecessária na Bahia.) De fato, apesar de aprovada há meio ano, ninguém a invocou em sua defesa na Baía; os jornais deram muito destaque, há pouco tempo, à notícia de que a sua primeira aplicação tivera lugar no Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil (119). Um sacerdote mulato declarou: “Não temos necessidade de leis aqui na Bahia para fazer estimar o negro, mas de maiores atenções pelas classes inferiores em geral, melhorando-lhes o passadio, ajudando-as eficientemente à ressurreição ou, antes, à vida que nunca tiveram”.

(119) Em março de 1952 toda a imprensa baiana condenou com veemência os atos de discriminação do gerente de um restaurante de Florianópolis contra um footballer baiano de côr, pedindo a aplicação rigorosa daquela lei.

CONCLUSÕES

É somente em parte verdadeira a idéia de que na Bahia não existem preconceitos e discriminações por motivo de côr. A gente de côr ainda é colocada por muitas pessoas em uma categoria biológica e social com características inferiores às dos brancos. Acreditam essas pessoas que a capacidade intelectual, os traços de personalidade, a moralidade, as possibilidades de progredir socialmente e de enculturar-se na civilização dominante diferem dos indivíduos de côr para os brancos, dizendo que a Bahia não progride mais “por causa dos pretos”. Por essa razão muitos mestiços claros escondem ou negam a sua “casta”, sentindo-se mal quando alguém alude á mesma ou a revela indiscretamente. Tudo isto resulta da crença de que todos os membros de determinado grupo étnico ou social têm as características mentais e os comportamentos atribuídos ao seu grupo segundo a simpatia ou antipatia com que o mesmo é encarado por outro.

Em virtude desses sentimentos, que são aliás muito tênues, verificam-se discriminações contra os escuros em alguns setores da organização social. É evidente, todavia, que tais discriminações são muito brandas e que dificilmente se podem distinguir dos antagonismos de classes, uma vez que a côr da pele é historicamente considerada no Brasil um símbolo de *status*: os brancos lem-

bram os antigos colonos portugueses que dominavam a economia, a política, a administração pública e cujos descendentes são, ainda hoje, a maioria das classes altas, enquanto os de côr lembram os escravos africanos, importados para trabalhar nas lavouras, nas atividades braçais, nos ofícios manuais, nos serviços domésticos, constituindo até agora as camadas mais pobres e menos instruídas do povo.

Mas, como a sociedade bahiana é uma sociedade multi-racial de classes, em que realmente não há castas, isto é grupos fechados, cujos componentes são hereditariamente classificados e não têm possibilidades de mudar a sua localização social ou de passar para outros grupos, as pessoas de côr têm o seu *status* condicionado por suas qualidades e aptidões individuais, competindo em igualdade de condições com os brancos.

Em princípio qualquer individuo tem a possibilidade de ascender socialmente por sua fortuna, por seus méritos intelectuais, por seus títulos profissionais, por suas qualidades morais, ou pela combinação desses elementos, de acordo com os sistemas de valores de uma sociedade de tipo capitalista. Contudo, no processo de peneiramento para classificação nos estratos mais elevados da sociedade, os individuos de côr experimentam certas resistências, em parte por influência dos mencionados preconceitos e doutra parte por provirem das classes sócio-econômicas mais baixas.

A ascensão social dos escuros como individuos é frequente e fácil de verificar. Como grupo, no entanto, as pessoas de côr vêm ascendendo mais dificilmente. Basta comparar as pro-

porções em que os diversos tipos físicos se encontram na população total da Bahia e nos grupos e organizações que simbolizam a “classe alta”:

PORCENTAGENS E ÍNDICES APROXIMADOS DE FREQUÊNCIAS DOS DIVERSOS TIPOS FÍSICOS

	Branços		Pardos		Pretos	
	Porc.	Índices	Porc.	Índices	Porc.	Índices
Na população total	33	100	47	100	20	100
Numa irmandade religiosa	82	240	18	38	0	0
Nas profissões liberais (*)	76	230	22	46	2	10
Num clube recreativo	67	200	33	70	0	0

Nenhum dos grupos acima, como se vê, constituiu uma amostra representativa da população total, o que, de logo, mostra que os diversos tipos ainda não tiveram oportunidade de ascender aos estratos superiores da estrutura de classes.

Se, á base das descrições da sociedade baiana no passado, pudéssemos organizar um quadro da mesma natureza, veríamos que a “alta sociedade” e as profissões de prestígio de há cincoenta ou oitenta anos atrás eram muito menos misturadas, apesar de que a participação de individuos mestiços em tais grupos é uma velha tradição brasileira. Para se avaliar quanto se tem modificado, para melhor, a situação dos grupos de côr, mencione-se que por ocasião do censo nacional de 1872 a totalidade dos escravos existentes na cidade eram analfabetos. Desde a abolição da escravatura em 1888, apesar de pouco se haver feito directamente em beneficio dos libertos, estes progrediram a tal ponto que hoje mais de 50 por cen-

(*) Média de diversas profissões liberais.

to dos pretos e mais de 60 por cento dos pardos acima dos 5 anos de idade estão alfabetizados, e o número dos mesmos cresce anualmente nos cursos secundários e superiores, abrindo caminho para as profissões liberais, em que já se contam em proporções variáveis.

Ha que esclarecer ainda que entre os chamados “brancos” existem muitos mestiços claros que são considerados socialmente brancos e que as pessoas de côr, mesmo as mais escuras e de traços negroides mais evidentes, são tratados como quaisquer outras da sua posição social. As relações inter-raciais são, ademais, reguladas por certo *fair play*; em outros termos os *mores* bahianos reprovam as discriminações confessadamente motivadas por intolerância racial ou preconceito de côr. Um outro aspeto da dinâmica e da psicologia social bahiana é que tanto os antagonismos de classe, quanto os de côr, são atenuados por processos de acomodação recíproca entre os grupos e pelo desenvolvimento, entre brancos e escuros, do tipo de personalidade “cordial” e “macia”, que alguns autores consideram característica do povo brasileiro e cujo protótipo seria o bahiano.

As facilidades para a ascensão social das pessoas de côr estão aumentando na Bahia; segundo a opinião de muitos informantes, continuarão aumentando, a menos que a mudança cultural, sob a influência das novas condições sociais pela esperada industrialização da região com a exploração das jazidas de petróleo e com o grande suprimento de energia elétrica das usinas hidráu-

licas em construção, produza uma sensível modificação do *ethos* bahiano.

É importante registrar que, até este momento, o principal canal de ascensão social, através o qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido *status* elevado, é a educação no duplo sentido de boas maneiras e de uma instrução de elevado nível, além da adesão aos *mores* e concepções da cultura dominante, o que, em última análise, é um problema de aculturação ou de mais completa integração das massas de *côr* na sociedade dominante. Um dos mecanismos que facilitam essa integração é a proteção e a ajuda que muitos padrinhos e madrinhas proporcionam aos seus afilhados de *côr*, educando-os em suas próprias casas ou pelo menos obtendo-lhes empregos ou encaminhando-os aos estudos secundários e superiores e, muitas vezes, continuando a orientá-los e a protegê-los. Essa é mesmo uma das principais funções de tal sistema de parentesco espiritual.

Os grupos dominantes que constintuem os estratos superiores da sociedade bahiana não opõem resistência organizada áquelas tendências e, em coerência com o fundo liberal da sua mentalidade, consideram-na uma evidência de progresso moral e de "civilização", de que em geral os baianos de todos os tipos têm muito orgulho.

ANEXOS

QUADRO I
 TIPOS FÍSICOS DOS SÓCIOS DE UM CLUBE
 RECREATIVO DE "CLASSE ALTA"

Profissões	Branços		Morenos		Mulatos		Totais
	N.º	percent.	N.º	percent.	N.º	percent.	
Comércio, agricultura, indústria.....	396	76,89	85	16,50	34	6,60	515
Funcionários públicos.....	40	68,96	11	18,96	7	12,06	58
Militares.....	12	57,10	5	23,80	4	19,00	21
Artistas, Professores.....	3	50,00			3	50,00	6
Técnicos (Químicos, Agrô- nomos, Desenhistas, Protéticos, Tradutor etc)	23	62,10	11	29,70	3	8,1	37
Profissões liberais:							
Advogados.....	96	62,03	58	30,05	13	7,90	167
Médicos, Dentistas, Farmaceuticos.....	142		79		20		
Engenheiros civis.....	71		34		11		
Estudantes.....	24		95		26		
	1023	67,21	375	24,83	121	7,95	1.522

QUADRO II

TIPOS FÍSICOS DOS SÓCIOS DE UM CLUBE RECREATIVO DO GRUPO SOCIAL INTERMÉDIO

Profissões	Branços		Morenos		Mulatos		Pretos		Totais
	N.º	porcent.	N.º	porcent.	N.º	porcent.	N.º	porcent.	
Comerciantes, empregados no comércio..	246	36,28	267	39,38	163	24,04	2	0,29	678
Funcionários públicos	81	41,96	74	38,34	38	19,68			193
Militares	6	28,56	11	52,37	4	19,04			21
Artistas, professores	4	17,39	11	47,82	7	30,43	1	4,34	23
Técnicos	8	33,66	5	18,51	12	40,74	2	7,40	27
Prof. liberais, estudantes	79	45,66	31	17,91	61	35,26	2	1,15	173
	424	38,02	399	35,78	285	25,56	7	0,62	1.115

QUADRO III

TIPOS FÍSICOS DOS MEMBROS DE UMA IRMANDADE
RELIGIOSA DA "CLASSE ALTA"

Profissões	Branços		Morenos		Mulatos		Totais
	N.º	porcent.	N.º	porcent.	N.º	porcent.	
Comércio agricultura, indústria.....	419	84,98	59	11,98	15	3,04	493
Funcionários públicos	57	81,42	12	17,14	1	1,42	70
Militares	6	85,71	1	14,29			7
Artistas, Professores.....	3	60,00	2	40,00			5
Técnicos.....	14	93,33			1	6,67	15
Profissões liberais	192	79,01	48	19,75	3	1,23	243
Estudantes.....	64	82,05	10	12,82	4	5,12	78
Padres, inclusive 6 bispos	14	48,27	15	51,73			29
Profissões não indicadas...	49	76,56	10	15,62	5	7,81	64
	818	81,47	157	15,64	29	2,88	1.004

★

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA, A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
COMPANHIA EDITORA NACIONAL,
EM 1955.

★

FAC. EDU ~~BAIXA~~ - BIBLIOTECA

FAC. N. FILOSOFIA - BIBLIOTECA